

0032515/2003



L0000032518

DUNSHEE DE ABRANCHES

ORNA
928.690
109260

O CAPTIVEIRO

(memórias)



SECRETARIA DE BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

RIO DE JANEIRO
1941

frentando serenamente as incursões vorazes dos imperialismos variegados de aquém e de além-mar, e batendo-se abnegadamente pela paz, pela concordia e pela confraternisação entre os povos que, pelo seu amôr á ordem, ao direito e á liberdade, bem merecem no Novo-Mundo o nome de genuinamente americanos.

Pensando tu assim, é natural que te dediques este livro escripto em 1938 para commemorar o cincoentenario da abolição do captivo e o centenario da BALAIADA, a heroica insurreiçãõ nacionalista dos maranhenses contra a usurpação estrangeira, os attentados dynasticos ás conquistas liberaes da Independencia e o esbulho pelos régulos provinciaes das franquias politicas e até do direito de viver dos filhos da terra.

Rio de Janeiro — 1941.

DUNSHEE DE ABRANCHES.

Elvira Ferreira

EPIGRAPHE:

“Misturar sangues é misturar
destinos.”

(D. MARTINHA ALVARES DE CASTRO
ABRANCHES — *Cartas ao Censôr* — São
Luiz do Maranhão — 1838 e 1842.)



O Pelourinho de S. Luiz do Maranhão, mandado demolir depois da proclamação da Republica.

O CAPTIVEIRO

SECMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

I

A MINHA MÃE PRETA

— *Mi'ama* — assim nos accostumamos a chamar em casa a Emilia, mulata clara, de dentes alvissimos, collo setinoso e alto, braços roliços terminando em pulsos finos e delicados, sempre cobertos por seis fios de rubros coraes, entremeiados de ouro, presente de minha mãe no dia do meu baptisado.

Todos a elogiavam e lhe queriam bem. Era tida como uma das raparigas mais lindas de São Luiz do Maranhão. Sempre alegre, risonha sempre, mas respeitosa e humilde, camisa muito rendada, saia redonda acima dos tornoselos esculpturaes, quando andava, mal tocavam o solo os pés pequenos, pela metade calçados em sandalias de salto alto, moda exclusiva do tempo das captivas de estimação.

Teciam-se romances e enredos em torno dessa mestiça e de outras não menos famosas da época, cujas senhoras tinham orgulho em possuil-as e

não se desfaziam dellas por preço algum. Negociantes ricos e celibatarios as disputavam para companheiras: e muitas vezes não conseguiam obtel-as, quer por compra, quer por alforria. Contra a vontade do dono, o escravo nada podia então; nem lei nem juiz por elle tinha. E *Mi'ama*, apesar de todas as suas prendas e de todas as suas bondades, tendo amamentado maternalmente filhos de seus donos e de outras nobres familias da terra, jamais pudéra conquistar a sua libertação. D. Evarinta Serra, sua senhora, desculpava-se sempre de não lhe dar a liberdade pelas suas proprias mãos ou pelas offertas de outros, dizendo que a bella mulata era a mais preciosa e estimada das suas joias...

A muito custo, fôra redimida por ocasião do baptismo, no dia de São Benedicto, pelo pae, um portuguez bondoso e apatacado, a Amelia, sua primogenita, cafusa mais escura do que ella, mas não menos formosa e trabalhadeira. Criada por uma familia que devia a *Mi'ama* a salvação de uma criança debil e rachitica, que fortalecera com o seu leite são e puro, essa sua filha, mais feliz do que ella, apprendêra a lêr e escrever; crescêra sempre robusta e sadia; e, virgem ainda aos 27 annos, repellia systematicamente todas as propostas de casamento ou de sedução, com umas risadas cristalinas e rythimadas, dizendo que só pensaria em amôres no dia em que tirasse a sua mãe do capitveiro.

Amelia fôra alcunhada pela gente da terra de *Princesa da Calçada do Açogue*. Nos baixos

do sobradinho, onde ahi residia, ajudada por seus dois irmãos que já alforriára, abriera uma quitanda: e, desde a madrugada até á Ave-Maria, vivia em uma incessante labuta, a vender café, mingau de milho, carurú, arroz de cuchá, folhé, manuê e cúscús aos caboclos, que vinham offercer os seus productos no mercado, e aos caixeiros e criados que passavam e repassavam para o centro da cidade. Não lhe faltavam admiradores e pretendentes; gozava de *bôa roda*; mas se, para todos tinha a réplica facil e alacre, para ninguem olhava na sua lida, murmuravam á bocca pequena, absorvida pela sua paixão dominante de ganhar... de ganhar muito dinheiro. E minha irmã Amelia, de quem recebêra o nome, pois ambas haviam sorvido o leite dos mesmos seios bemfasejos e fecundos, era a sua confidente e o seu banqueiro a quem cada mez entregava religiosamente os lucros do negocio.

Foi assim um dia de grande alegria para a *Princeza da Calçada do Açogue*, quando a sua companheira de infancia lhe annunciou que as economias em seu poder tinham attingido a um conto e duzentos mil réis !

Era véspera da festa de São Benedicto, epheméride essa quasi sempre cahindo nos ultimos dias de Abril. As chuvas nesse mez são as mais copiosas e torrencias da Ilha de São Luiz; mas a crendice popular, de geração em geração, vem affirmando que, no dia da procissão do negro Thaumaturgo, a tarde é sempre magnifica se o deixam sahir á rua com o seu habito velho, já

muito desbotado pela acção do tempo. Durante a missa festiva, era uso annos antes fazerem-se as tradicionaes *libertações na pia* de pequenos escravos, ora pelos proprios senhores, reconhecidos ás suas boas servas, ora custeadas pelos cofres da “Sociedade Manumissora”, fundada pelo grande philantropo Dr. Antonio Marques Rodrigues. Mas a practica desses actos de benemerencia para com os captivos em geral prolongou-se muito além da lei de 28 de Setembro.

Mulata esperta e sagaz, a filha de *Mi'ama* imaginára logo um plano engenhoso para redimir-a: offereceria todas as suas economias á D. Evarinta; e esta passaria a carta de alforria á sua mãe como se fosse um acto espontaneo de seu coração caritativo.

Eu tinha então seis annos; e, como filho mais moço de criação da cubiçada mestiça, escolheram-me para ir com ella e a Amelia á residencia do Senador Antonio Marcelino Nunes Gonçalves, depois Visconde São Luiz do Maranhão, luxuoso palacete onde, no Largo do Carmo, habitava a nobre Senhora de minha ama de leite.

Ha reminiscencias que jamais se apagam das almas das crianças. Lembro-me bem da pequena caixa de tartaruga, quasi repleta de patações e pratas de mil reis, confiada ás minhas mãos por minha irmã e madrinha que, repetidas vezes, me ensinára o que deveria dizer ao entregar a somma a D. Evarinta.

Ao vêr-me, a illustre matrona sentou-me ao collo, pois era muito amiga de uma tia minha, e

acariciou-me ternamente. Mas, quando a *Princesa da Calçada do Açogue*, sem mais rodeios, no seu desembaraço e loquacidade de mucama livre, lhe explicou o fim daquella visita, cerrou sombriamente os sobr'olhos guardando por alguns segundos um reconcentrado silencio.

Nesse momento, apparecia á entrada da varanda a figura secca e aristocratica do illustre senador que fôra logo abraçando affectuosamente *Mi'ama* antes que esta se ajoelhasse para beijar-lhe a dextra. Amelia, com olhos avidos e supplices, explicou-lhe soffregamente o que vinha pleitear. A D. Evarinta, entretanto, como que percebendo o desejo intimo do eminente parlamentar, que era um liberal de coração e de principios, de conceder essa graça á sua humilde escrava, mãe preta que fôra dos seus entes mais queridos, precipitou a sua decisão antes que pudesse elle proferir uma palavra :

— Agora, não: minha filha, não posso dar a alforria á tua mãe.

— Mas eu trouxe o conto de réis que a Senhora pedio: posso mesmo dar-lhe mais duzentos mil réis, supplicou Amelia.

— Já te disse: agora, não! Bem sabes que não posso passar sem a Emilia; é quem me trata nas minhas doenças; e, como vamos para a Côrte nestes dias, preciso que me acompanhe, e lá então decidirei com ella o que desejas e eu quero fazer...

Uma revolta subita agitou-me o coração. Desci bruscamente do collo da illustre matrona e

atirei-me a soluçar nos braços de *Mi'ama* que fitava humildemente o chão.

Ao sahirnos, a *Princeza da Calçada do Açougue*, mal contendo as lagrimas, esbravejou:

— Isso não póde ficar assim: você embarca, minha mãe, e eu vou atraz. Lá, no Rio ha de haver juizes. Irei até aos pés do Imperador !

Effectivamente, dois mezes depois de ter seguido para a Côrte o honrado representante maranhense, a filha de *Mi'ama* tambem se fazia de viagem para o sul. Ia só, confiante no seu admiravel amor filial e convencida de que São Benedicto, a cuja procissão accompanhára atraz do andor, cheia de fé e de esperança, não a desampararia nessa missão sacratissima.

No mesmo dia em que desembarcava no Cães Pharoux, antes mesmo de procurar vêr a sua querida progenitora, Amelia, a astuta e corajosa mulata, que conseguira vencer no pequeno commercio de São Luiz, economisando dia a dia, sórdidamente, todo o producto do seu trabalho para arrancar a sua mãe do captiveiro, encaminhava-se directamente para o velho palacio do Conde d'Arcos, no Campo de Sant'Anna e, á porta do Senado, aguardava a entrada do integro magistrado e insigne parlamentar que era o futuro Visconde de São Luiz do Maranhão.

Ao descer do seu *coupé*, o Senador Nunes Gonçalves não pode occultar a surpresa de vêr alli a bella e trefega filha da melhor de suas escravas. Mas a *Princeza da Calçada do Açougue*



O palacete das Serras, no Largo do Carmo, hoje Praça João Lisboa

não o deixou falar e foi-lhe entregando um embrulho, dizendo açodadamente :

— Ahi está, meu bom Senhor, tudo o que pude juntar para alforriar a minha Mãe.

O eggregio politico sorriu compassivamente; e disse-lhe cheio de bondade :

— Vem até aqui. E, alli mesmo, sobre a mesa da portaria do Senado, passou, á revelia de sua dona, a carta de liberdade de Emilia.

D. Evarinta, senhora maranhense, coração bem formado e caridoso, oriunda de tradicional familia de São Luiz e tia do grande abolicionista Joaquim Serra, se se aborreceu com o acto magnanimo do eminente estadista, que tanto a queria, não o demonstrou todavia ao receber, horas depois, a visita da extremosa e brava filha de *Mi'ama*. E, na hora de regressarem ao Maranhão as duas mestiças, lá se achava no cães o poderoso e venerando Conselheiro de Estado, para, juntamente com uma valiosa esportula, levar o ultimo abraço de despedida e reconhecimento á sua fiel e dedicada ex-escrava.

Semanas depois de desembarcar em São Luiz, a *Princeza da Calçada do Açogue* tambem dava alegres e definitivos adeuses á sua variegada freguesia de tantos annos de brutal labuta; e, atravez das catadupas de suas sadias e cristalinas risadas, dizia a todos que a interpelavam :

— Agora, sim: é que vou saber o que é o amor !...

II

DESABAFO

A filha de *M'ama*, conquistada a alforria de sua amada progenitora, doce no coração, com o amoroso sangue africano nas veias, não tardava a perdoar e a esquecer os aggravos soffridos. O filho de criação, ao contrario, com o orgulho innato dos brancos, oriundo de duas raças européas de tradições bellicosas e aristocraticas, apesar de muito criança guardava desde então um rancor feroz aos senhores de escravos.

Se odio velho não cança — como diz o rifão, odio infantil, poderia affirmar, dura ás vezes até aos dias estovados da juventude. A scena pungente, a que assistira na casa da *Senhora de Engenho*, jamais se desvanecêra de minh'alma no desejo instinctivo de que, afinal, soasse a hora do desabafo.

Essa hora chegou tempos depois, inesperadamente, sem que tivesse previsto ou escolhido. Foi em uma véspera de Reis. Eu tinha pouco

mais de onze annos; era desenvolto de maneiras, loquaz, pretencioso. A mania de ser tribuno, e tribuno popular, já me trouxéra desgostos, castigos e decepções. Mas sempre fôra incorrigivel.

Os *Reisados* constituíam então uma das festas mais apreciadas em Maranhão. São Luiz amanhecêra engalanado. Bandeiras e bandeiro-las por toda a parte. De momento a momento espoucavam, aqui e alli, *foquetes de bomba real*. Mas, naquella manhã, não era a *Epiphania* que se celebrava com fogos mais proprios de São João. A causa de tão ruidosas manifestações era a subida ao poder do partido liberal com o ministerio Sinimbú. Essa facção monarchica scindira-se na provincia em dois grupos irreconciliaveis — os *marcelinistas* e os *salistas*. Aquelles obedeciam aos ditames do Senador Antonio Marcelino, nome porque era tratado mais familiarmente o Conselheiro Nunes Gonçalves. Estes lutavam sob á chefia do Dr. Felipe Sá como era conhecido o deputado, futuro senador e ministro da Corôa, Conselheiro Franco de Sá.

O palacete, onde nascêra e fôra habitado mais de trinta annos por minha familia, casa-rão de nove largas janellas de frente, e occupando toda a pequena quadra da rua do Sol, entre a do Ribeirão e o *Becco do Theatro*, ficava situado bem no coração da capital. Da esquina acima, base da ladeira que se desenrolava em direcção ao Largo do Quartel desde a rua de Nazareth — via obrigatoria que, partindo do Largo do Carmo, conduzia á Cathedral, á Municipali-

dade e ao Palacio do Governo, concentrava-se depois do meio dia toda a vida mundana, politica e intellectual da cidade.

Nessa tarde, intensificára-se alli o movimento. A cada minuto, esperava-se surgir, ao alto, do canto de São João, a *passeata* com que os triumphadores do dia iriam commemorar a sua ascensão ao poder. O ponto de reunião era nessa rua, em frente á residência do Dr. Carlos Ribeiro, depois Barão de Grajahú, tido já como o chefe mais influente de sua facção. De momento a momento, um foguete isolado prenunciava a *salva de bombas reaes* que marcaria a partida do prestito. Na esquina da *Botica Franceza*, sobre o largo passeio de cantaria, formava-se todos os dias, ao anoitecer, a ródá dos próceres do grupo conservador *maysta*. Desse gremio, eram as figuras maximas o famoso clinico Doutor José da Silva Maya, admirado pelos seus diagnostics e suas curas espantosas, e o conselheiro Luiz Antonio, como tratavam os intimos o Conselheiro Vieira da Silva, mais tarde Visconde desse mesmo nome. Nessa roda formada de commodas poltronas, dispostas ao ar livre, havia duas figuras pittorescas — o Dr. Tiberio, velho lente de geographia do Lyceo, o *querido das moças*, como mesmo se intitulava, e se celebrisára pelos seus dialogos picarescos com os alumnos, e o *alferes* Mesquita, figura grotesca e popular, rachitico, baixinho, cara raspada, olhos pequenos, piscos e apagados, cartola surrada e russa, e um fraque de abas tão curtas que tinham

a apparencia de uma jaqueta de criado de hotel. O Dr. Tiberio Cesar de Lemos residia no fim da rua do Egypto; e, no seu trajecto vespertino, até á porta do *Joaquim da Botica*, a passos lentos, pelo meio das ruas, mirava com o seu *lorgnon* de prata as moças casadeiras que, a essa hora, se exhibiam nas saccadas dos sobrados, distribuindo a umas e a outras sorrisos e phrases francezas, reminiscencias galantes dos seus tempos escolares em Paris. O *alferes* Mesquita morava no *Palacio dos Hollandezes*, assim chamado um casebre em ruínas, situado nos fundos do Jardim Publico. Passos miudos, apressados, buscava tambem á mesma hora o convivio dos seus amigos politicos atravez quasi sempre das chufas da populaça que não o deixava em socego.

Nessa tarde de 5 de Janeiro de 1878, a *roda* do Dr. Maya estava completa. Os chefes conservadores não poderiam faltar á sua habitual reunião vespertina para que os seus adversarios não pensassem que estavam com medo. Uma gyrandola provocadora havia mesmo sido fincada na face opposta á esquina para ser queimada á passagem dos liberaes. Outras duzias de foguetes tinham sido installados nas portas do Theatro São Luiz, fronteiro ao predio de azulejos, propriedade do chefe liberal Coronel José Caetano Vaz, vice-presidente chronico da Provincia, homem de finas maneiras e bastas posses. No centro dessas duas baterias triumphaes, de uma das saccadas do vasto immovel, onde residia a minha familia e funcionava o Collegio N.

S. da Gloria, fundado por minha avó, eu contemplava toda aquella agitação das ruas. Duravam ainda as férias do Natal. Das pessoas de casa, apenas tinham voltado do sitio do *Cutim do Padre*, meus paes e D. Mathilde Ferraz, que se tornára a minha segunda mãe. Sósinho, na unica janella que se achava aberta do edificio, ancioso aguardava o desenrolar do grande acontecimento do dia. O que aguçava mais a minha curiosidade, era a passagem dos manifestantes pela frente dos seus adversarios do partido *maysta*. Ao espoucar atroador das salvas festivas, preparadas pelo *Guéla d'açò*, o mais famoso dos pyrotechnicos da terra, o prestito viéra descendo até á *Botica Franceza*. Parára ahi uns segundos para corresponderem o Dr. Maya e seus amigos os cumprimentos attenciosos dos contrarios, cujas cartólas luzidias respeitosamente se inclinavam. E, então, do sobrado do *Bruno Alfaiate*, um mulato famoso pela sua thesoura de artista e pela sua bôa situação de fortuna, um dos oradores proferio algumas phrases entusiasticas, respondidas com vivas emphaticos da turba aos chefes liberaes, sobresahindo as acclamações ao Senador Antonio Marcelino...

Ao ouvir taes vozes, a minh'alma juvenil sentio subitamente uma revolta irreprimivel. Veio-me á memoria a scena tragica da repulsa de D. Evarinta Serra em acceitar o resgate da minha mãe preta. A figura do illustre conselheiro de Estado surgio em minha imaginação de menino como a do algoz sombrio e passivo

daquella que me havia nutrido com o seu leite generoso. De braços dados, formando a primeira fila dos manifestantes, divisei os vultos venerandos de alguns dos próceres mais notáveis do partido dominante. Bati palmas. O prestito estacou. Era uso recitarem as crianças poesias nessas homenagens politicas. Então, louco de raiva, impellido por uma força estranha, bradei com todas as forças dos meus pulmões: “Morra a monarchia; morra a escravidão; viva a Republica!”

Uma enorme assuada se levantou da multidão... Felizmente, minha Mãe que se achava na sala proxima, correu á janella, arrancou-me bruscamente da saccada; e arrastou-me para o interior, tremula de raiva e de vergonha, seguida por D. Mathilde que, sempre cheia de zelos por mim, conseguiu acoutar-me nos seus aposentos particulares.

III

O CASTIGO

Instantes depois, chegava meu Pae para o jantar. Vinha profundamente abatido. Um grupo de visinhos nossos, composto do lojista Manoel Mathias das Neves, do alfaiate Frederico Aranha, do ourives Lavra e do botequineiro Filomêno Sampaio, haviam-lhe narrado o escândalo que eu provocára. E, no dia seguinte, reunido o conselho de familia, depois de ficar resolvido que deveria ser levado á casa do Coronel Vaz para pedir-lhe perdão, meu tio João Arguelles de Abranches, cujo character severo tornou-se uma tradição em S. Luiz, proferio a sentença final, declarando que iria sósinho, não só á casa daquelle coronel, como a do Dr. Carlos Ribeiro, dar as devidas desculpas. E concluiu com estas palavras que nunca mais me sahiriam da memoria: "Castiguemos sériamente o pequeno; privemol-o de tudo aquillo de que elle gosta; mas não o obriguemos a ir ajoelhar-se

aos pés de estranhos: *não se corrige, humilhando!*...”

Meu Páe, o negociante Antonio da Silva Moura, como todos em casa, não gostava de contrariar o *Velho Abranches*, nome porque era tratado aquelle nosso venerando parente pela gente da terra que profundamente o venerava.

Nascido em Portugal, mas educado em França desde tenra idade por um seu tio e padrinho, alli domiciliado, o meu extremoso progenitor fôra forçado, como estudante em Paris, a tomar armas por occasião das *barricadas*. Esses successos sangrentos despertaram-lhe no espirito uma grande ogeriza pela politica. Coração generoso e consagrado inteiramente ao bem estar da familia, o seu ideal era que os filhos se dedicassem a profissões mais uteis e lucrativas. Aceitando a contra gosto a decisão de meu Tio, não occultou as suas preocupações a meu respeito. Considerava-me um reincidente nesses gestos perigosos e improprios de uma criança de onze para doze annos. Semanas antes, o velho Frias, dono de uma typographia famosa e fundador do “Diario do Maranhão”, levára-lhe um conto meu que tentára publicar na sua folha. Intitulava-se — *O casamento de Caim*. Era nada mais nada menos uma satyra feroz contra conhecido commerciante de São Luiz. Accusavam-no as más linguas de haver affastado violentamente da provincia, um seu irmão mais moço e tutelado, que, mezes depois, fallecia, sob pretexto de querer casar com uma joven, filha natural de um col-

lega seu. E, com surpresa geral, dois annos decorridos, não tardaria elle proprio a tomar essa mestiça como esposa. O caso, com effeito, escandalisára a sociedade maranhense; mas perpetual-o em uma narrativa com um titulo tão malicioso parecêra ao venerando discipulo de Guttemberg “uma clamorosa affronta a tão respeitavel negociante e *negociante matriculado!*”

Por estas e outras, era de parecer meu Pae que se deveriam tomar contra mim energicas medidas. Pensaram uns em remetter-me para o Rio de Janeiro onde faria os preparatorios em um dos pensionatos mais recommendados do tempo. Opinaram outros que fosse internado mesmo em São Luiz em um collegio de que só sahisse um domingo por mez. Contra esses planos, revoltou-se a minha Tia Amancia, senhora de fina cultura, dizendo que, “se assim fizessem, teriam na familia uma segunda edição do Frederico Magno”. Na verdade, esse meu tio, nascido do primeiro matrimonio de meu avô, tambem muito criança revelára pendores revolucionarios. O seu progenitor embarcára-o para Lisboa, onde esteve em excellentes educandario; passou-o depois contra a vontade para a Universidade de Coimbra; e o resultado foi que, em regressando ao Maranhão, logo se fez cabeça de motim; bateu-se na imprensa contra as idéias de seu pae; e acabou sendo um dos chefes da *Setembrada*, a revolução liberal de 1831. A minha santa Mãe, finalmente, cortou a discussão, declarando que, como educadora que era, saberia cor-

rigir-me; ella mesma tomaria professores particulares de real competencia e comprovada energia moral. E, sob esse pensamento, agio immediatamente chamando para dar-me ensino, mestres da altura de Luiz Carlos Pereira de Castro, Themistocles Aranha e Henrique Eduardo Costa, sendo que este ultimo era o terror dos alumnos pelo seu genio violento e pela severidade das suas repreensões.

Como castigo immediato, entretanto, por causa da grosseria que praticára, offendendo pessoas da mais alta posição social e expondo a nossa familia á antipathia publica, ficou resolvido que, além de privado de todas as diversões, permanecesse recluso em casa por um mez, só sahindo á rua acompanhado de parentes de toda a confiança. Muito me custára cumprir tão dura pena. Duas vezes por semana deliciava-me em fazer passeios matinaes nos cavallos do José "Coxo"; Loquaz e gabóla, tornára-se este estribeiro popularissimo entre os rapazes da terra. Explorava umas miseras alimarias sendeiras que a todos garantia serem de meio sangue. Doêrame, porém, mais do que a falta dessas galopadas com outros estudantes em torno da famosa Pyramide do Campo de Ourique, que era nossa pista predilecta, a prohibição de passar ás quintas feiras o dia na chacara do Commendador Casuza Lopes.

Familia rica, aristocratica e viajada, possuia o mais vasto pomar da cidade no Caminho Grande. A Sinhá Lopes, filha mais moça do casal, e

eu, ambos da mesma idade, estudando juntos, eramos inseparáveis. Formosura excelsa, intelligencia viva, coração bonissimo, já revelava então em menina a grande dama que, mais tarde, depois de casada, assombraria por suas virtudes e altos dotes de espirito a sociedade paulista. Tendo mais juizo do que eu, moderava sempre as minhas rebeldias innatas. Acconselhava-me muitas vezes. E estou certo de que soffreu mais do que eu com o castigo que, nessa hora, me fôra imposto. Concorreu mesmo para que fosse reduzida a minha pena. Meus paes não lhe resistiam aos encantos naturaes. E, separando-nos aos quinze annos quando ella seguio para Paris afim de internar-se em um collegio e eu para o Rio de Janeiro, nunca me esqueceu: foi sempre a mesma amiga sincera e delicada.

IV

THESOURO DE FAMILIA

Criado um tanto á solta e cheio de vontades, as tardes e as noutes tornáram-se-me crueis durante a reclusão. Minha Tia Martinha, a *Senhora D. Martinha*, como todos a tratavam, austera, energética, de poucas palavras, era depositaria de todos os papeis e cousas preciosas da familia. A chave da *Papeleira* estava em seu poder. Chamavam assim um armario sécular, herança de meu Avô, Garcia de Abranches, o *Censor*. E, de quando em vez, só ella tinha a honra de abril-o e limpá-lo das traças. O cupim naquella madeira jamais ousou penetrar.

Durante longo tempo, o conteúdo desse pequeno muséu familiar não me interessára. Os commentarios, entretanto, tecidos em torno dos meus gritos sediciosos durante a passeata dos liberaes, e, especialmente, as disputas historicas á mesa do jantar entre meu Pae e D. Mathilde Ferraz, que me queria maternalmente, pois tratava

de mim desde o primeiro mez depois de nascido, aguçaram-me a curiosidade de conhecer o que encerrava o vetusto movel. Sem coragem de affrontar a catadura rispida que occultava aliás o coração caritativo da *Senhora D. Martinha*, recorri á minha Tia Amancia, a mais velha das tres filhas do *Censor* e directora principal do Collegio N. S. da Gloria. Alma doce, mãos abertas para o bem, fôra em casa a unica pessoa que não me repreendêra. Accolheu assim favoravelmente o meu pedido; e, momentos depois, entregava-me a chave da *Papeleira*.

“Cuidado, muito cuidado, com o que vaes lêr, disse-me ella: Alli, tens muito o que aprender. Começa a tua leitura pelas cartas entre o teu Avô e o seu primogenito Frederico Magno: vê como é cruel a rebellião de um filho, dominado pela paixão politica. Nas paginas do *Censor*, acharás ainda revelações curiosas sobre os primeiros dias da Independencia no Maranhão”. E, sorrindo maternalmente, concluiu: “Já que te mettes a ser em tão tenra idade um propagandista da abolição da escravatura, deixa para o fim das tuas pesquisas a leitura do *Espelho critico e politico da Provincia do Maranhão*. Escripto por teu avô ainda nos tempos coloniaes, verás que, muito antes de ti, houve em nossa familia quem se apiédasse sinceramente da sorte dos escravos !!!”

V

OS HORRORES DA ESCRAVIDÃO

De posse da chave daquelle sagrado thesouro domestico, é inutil dizer que comecei o meu exame pelo final das recommendações de minha Tia Amancia. O que pensaria o meu Avô sobre o captivo dos negros! Fôra agricultor, dono de fazendas de criação. Tivéra escravos tambem. Fatalmente, deveria ter sido *negreiro*. Era o termo aviltante com que fulminava na época a D. Evarinta Serra e todos os seus illustres parentes...

Encadernadas em couro crú e tosco, deparei afinal com umas collectaneas de impressos diversos, quasi todos anotados á margem por aquelle meu nobre antepassado. Abria o volume a collecção completa do periodico — *O Censor Maranhense*, publicado com intervallos de 1825 a 1829. Seguia-se-lhe o pamphleto — *O Brasileiro Emigrado*, escripto durante o seu exilio nos Açôres. Afinal, tive diante dos olhos —

O Espelho critico e politico da Provincia do Maranhão, editado em fins de 1821 pela Typographia Rollandiana de Lisbôa.

A leitura dessa memoria empolgou-me desde os primeiros periodos. Compreendi facilmente como se povoára o sólo maranhense e, naturalmente, o Brazil inteiro: Os indios caçados como fêras, trahidos, ludibriados, exterminados a ferro e fogo. Os colonos brancos, constituídos em sua grande parte da escória social da metrópole e de outros paizes europeus, debalde tentando escravisal-os sob o nome de *administrados*. Os jesuitas empreendendo libertal-os e sendo expulsos pelos magnates. O governo de D. José, no intento de correr em soccorro desses infelizes, creando a *Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão*. Esta empreza, com um fundo de um milhão e quatrocentos mil cruzados, começando a fornecer generos e ferramentas aos lavradores e acabando por vender-lhes tambem escravos com a importação dos negros da Costa d'África. O autor do *Espelho Critico* mostrando então o assombroso progresso que tiveram as riquezas naturaes da provincia e, ao mesmo tempo, descrevendo o que foi em toda a sua hediondez o trafico da carne humana pelas terras maranhenses!

“E’ para confundir o entendimento, escrevia nessa memoria Garcia de Abranches, incontestavelmente o precursor da campanha abolicionista em terras maranhenses e quiçá em todo o Brazil, vêr a maior parte dos habitantes, ou por uma cêga ambição ou por falta de sentimentos

de humanidade, ou por falta de moral, ou por efeito talvez de uma educação ordinaria, não fazerem distincção entre estes filhos de Deus e um rebanho de gado, ou mesmo das proprias feras, tornando-se tão notavel a sua estranha insensibilidade que sacrificam mesmo sem reflexão os seus interesses na extravagante maneira com que tratam uniformemente os proprios escravos.

“Alguns os entregam estupidamente ao veredugo de um feitor que muitas vezes é um facinoroso vagabundo, sem mais examinarem sua conducta nem capacidade. Este bruto não faz mais que aparelhar vergalhos e açoutes duros com que a toda a hora retalha o couro dos miserandos negros, fazendo-os andar em uma poeira diante de si no trabalho da roça; e, com este zelo apparente, mais por nutrir os humores de seu genio ferino do que pelo adiantamento do serviço da fazenda, muito lisongêa o agrado e veneração de seu amo ou, para melhor dizer, a sua loucura.

“O mesmo animal indomito nunca examina as forças physicas e moraes dos infelizes que domina, para proporcionar-lhes o trabalho que possam vencer; reparte sempre tarefas eguaes, e estas muito grandes, para homens e mulheres; e uns e outros que não dérem conta infallivel á hora certa são rachados com duzias e duzias de palmatoadas e açoutes, não deixando no fim do dia de ser de novo atormentados com um excessivo serão que sempre dura até alta noute.

“O mesmo monstro é também um monstro de lascívia; pois, com a mais desenfreada incontinência, se considera, no meio das negras da fazenda, como o sultão absoluto, fazendo as mais atrozes injustiças aos pobres negros a quem por qualquer leve falta ou resposta, a sua voz sempre terrível pronuncia de levantados; e sem remissão os mette arrebatadamente no tronco, e lhes dá crudelíssimas surras, para mais livre e impunemente abusar das suas mulheres com escandalosa torpeza e villania. Alguns destes malvados abomináveis têm recebido o premio de seus delictos execrandos, sendo espatifados pelos negros na efferverencia de sua cega desesperação”.

Com o seu admiravel poder descriptivo, passava então o *Censor* a narrar o que era a vida das lavouras e das senzalas.

“Causa assombro e pavor, exclamava elle, vêr no Brasil os negros entrarem no mato, apparelhados de grandes foices com que principiam a roçar expostos a mil perigos. Alguns são mordidos de cobras e se lhes segue quasi sempre a morte. Outros são rasgados com frequencia por infinidade de espinhos e ameúdadamente cobertos e feridos por uma multidão de diversos vermiculos peçonhentos, que inundam as confusas ramas das arvores; e mal lhes tocam no corpo levantam-se-lhes postemas, principalmente um abominavel formigueiro, que chamam *póro*, sendo improviso o seu effeito lethifero. Não menos cresce o terror quando, depois, começam a

derrubar de machado os monstruosos e elevados troncos que, muitas vezes ao cair, revertem com o vento e esmagam alguns desses desgraçados lenhadores. E, quando succede depois não queimarem bem o roçado, mais duro trabalho se lhes offerece então, sendo necessario deceparem, á força de machadadas, os grossos paus e ramos, ajuntando-os em montões para queimal-os, ao que chamam *coivára*.”

E conclúe o emerito publicista com estas palavras dramáticas: “Maior desventura não parece haver nesta vida que a desgraçada condição de escravo no Brazil: Elle se levanta sempre de madrugada ao som da voz do cruel feitor e do vergalho. Debaixo da mesma musica, leva todo o dia no serviço mais violento: é muito raro que a fome não o acompanhe sempre. E, quando chega para elle a noite apetecida, nunca vae deitar-se sem primeiramente fazer um rigoroso serão, dando conta infallivel de uma tarefa grande. Dorme em cima de uma meaçaba ou de um couro de boi; e, alli, o seu espirito e os seus ossos apenas têm tres ou quatro horas de repouso !”

Ao alto espirito de Garcia de Abranches, todavia, não deixára ainda de inspirar amargos commentarios a sorte tristissima dos proprios fazendeiros. Alphabetos quasi todos, rotineiros e embrutecidos pelo meio selvatico em que viviam, derramavam até á ultima gota o suor e o sangue dos seus captivos. Na luta brutal contra as mattas, iam sendo elles mesmos quasi sempre reduzidos a outros tantos escravizados dos

mercadores de negros e dos negociantes sórdidos e inescrupulosos que começavam a fornecer-lhes dinheiro e generos e acabavam por apossar-se de todos os seus bens !

Essas paginas pungentes do *Espelho Critico*, escriptas por meu Avô em pleno regimen colonial, causaram-me profunda impressão. No meu cérebro infantil, surgiu desde logo a ideia de escrever um dia os dramas do captivo em Maranhão, sob o titulo pomposo de *Negreiros, Feitores e Capitães do mato...*

VI

OS MERCADOS DE CARNE HUMANA

Um dos capitulos mais interessantes da monographia de Garcia de Abranches, reproduzido, mais tarde, sem citação aliás do autor em obras e pamphletos historicos sobre a minha terra, referia-se ao trafico dos negros da Costa d'Africa.

São Luiz não fôra na provincia o empório unico dessa torpissima mercancia. Pela bahia de São Marcos, entraram só de 1812 a 1820, numerosos navios negreiros, ali despejando 36.456 escravizados. O *Censor*, entretanto, accrescentou a essa estatistica, organisaada anno por anno, milhares de outros infelizes, vindos por terra da Bahia para a *Villa de Cachias das Aldeias-Altas*: Assim se chamava então o glorioso berço de Gonçalves Dias. A massa escrava subia em 1822 a 130 mil almas, mais da metade da população da Provincia !

Ao meu espirito atilado de criança, imbuido sempre de exaltamentos patrioticos, accudira

então a ideia de descobrir os locais sinistros da cidade, destinados outr'ora a esses leilões repelentes de seres humanos, vendidos ao pregão como manadas de suínos.

Os trinta dias de minha reclusão em casa estavam a expirar. Arrefecidos foram ficando a pouco e pouco os meus pruridos de vingança dos vizinhos que me haviam denunciado a meu Pae. Dois delles, os lojistas Antonio Alberto e Manoel Mathias, em conversas com a gente de casa, tinham lastimado mesmo o rigor de meu castigo. Da minha parte, já me sentia fundamente enfasiado. Devorára semanas seguidas todos os papéis preciosos do *Thesouro da Familia*. Os títulos nobliarchicos, os pergaminhos, as cartas e os livros antigos, que enchiam a famosa *Papeleira*, não chegaram a interessar-me, pois só muito mais tarde pude verdadeiramente apreciar-lhes o valôr. Lucrei, entretanto, com as leituras dos escriptos de meu avô e dos folhetos e periodicos dos tempos da Independencia. E, mais do que tudo, desde então contrahi uma paixão ardente pelas excavações historicas.

Sobre os antros, que desejava visitar para fazer uma ideia dos tormentos padecidos pelos africanos ao serem descarregados no porto de São Luiz, interpellei desde logo a minha Tia Amancia. Tendo nascido em 1826 e viajado em 1833 para a Europa, reminiscencia alguma lhe restava a esse respeito. D. Mathilde Ferraz, a *Tita*, como a tratavam os intimos, essa, que viêra ao mundo em 1818 e possuía uma fina cultura

mental, guardava apenas a lembrança do repelente espectáculo que presenciára no dia da sua partida, aos 15 annos, para Portugal. O navio, em que seguira, durante longas horas, esperára vento e maré para poder zarpar. A cincoenta metros mais ou menos de distancia, uma galéra negreira, pejada de africanos, fazia aguada. Um odôr fétido exhalava incessantemente daquella gaiola flutuante. Gritos lascinantes, verdadeiros uivos, partiam desses porões malditos. Azorragues brandiam dia e noite sobre as bestas humanas, alli amontoadas, na mais impudica promiscuidade. E, mais de uma victima, a joven maranhense vira cahir ao mar, ou já cadáver, ou quiçá impellida pelo desespero ou pelos máos tratos. E, alli mesmo, aos olhos horrorisados dos espectadores, servia de repasto aos tubarões que infestavam o canal movediço cavado ao longo da *Corôa da Minerva*.

Lembrei-me então de uma reliquia quasi centénaria da familia — o negro Adão. Africano livre, escapára do naufragio de uma não contrabandista nas costas do Pará. Viéra a pé por terra até São Luiz. Localisára-se em um recanto de terra inculta nas devisas do sitio de meu Pae no Alto-Baçanga. Tempos depois, tornava-se o guardião zeloso da casa campestre onde passavamos o verão. Alto, secco, lépido, pelle luzidia de azeviche, dentadura completa e alvissima, jamais soubéra o que fôra uma doença. Todos o estimavamos: era o meu mestre de remo e de caça.

Adão deu-me umas explicações vagas e confusas. Indicou-me uns casébres nas immediações do Portinho e do Desterro. Para elle, o *Becco Feliz*, e os do *Caéla*, do *Precipicio*, e do *Deserto*, eram o valhacouto onde se encafuava a *escravidão* como era chamada a sua gente trazida da Costa d’Africa. Sisudó, pouco loquaz, mas muito lucido de intelligencia e de memoria, falava sempre com segurança. Narrava factos e citava nomes de pessoas, que conhecêra em São Luiz na época em que D. João VI chegára ao Brasil. Não bebia nem fumava. Celibatario, habitava sózinho a sua palhoça. O seu prazer era vir á cidade aos domingos, trazer-nos fructas e passar o dia em nossa casa. E, em uma dessas visitas, esperava calmamente o almoço, sentado á porta da cosinha quando subitamente falleceu. Contava 104 annos...

Durante longo tempo antes de ser empregado da nossa familia, Adão descia o Bacanga, tres dias por semana para vender no Portinho e, ás vezes, no *Telheiro*, uma especie de mercado que existia no Largo do Carmo, os productos de suas pequenas culturas. Assistira assim a muitas descargas de captivos dos brigues negreiros. Passados de bordo para as gabarras, já vinham sob gargalheiras ou libambos, atrelados uns aos outros para não fugir ou se atirar á agua. Frequentemente já tinham sido loteados antes do desembarque. E eram entregues em *cambadas* aos mercadores ou aos capitães de matto, representantes dos fazendeiros do interior da Provincia.

Como as embarcações levavam em certas épocas dois e tres dias á vista da barra sem poder entrar, os compradores iam ao seu encontro em catraias para fechar as transacções. Os negreiros faziam todo o possivel para desembaraçar desde logo esses nefandos carregamentos. E, depois de certos annos de trafico, o seu serviço era perfeito, e, quasi sempre, só punham pé em terras de São Luiz os africanos enfermos ou de fraca compleição. Vendiam-nos então a qualquer preço ao passo que os outros infelizes, oriundos de boas raças, eram disputados com altas offerias.

As narrativas do fiel e dedicado guardião do nosso sitio do Bacanga tocávam-me muitas vezes o coração. “Negro escravo não era gente, dizia-me tristemente, negro escravo era cisco no *tempo da traficancia*”. Narrava-me então scenas horriveis que apreciára. Apesar das precauções e da vigilancia dos commerciantes de carne humana, as fugas tragicas se succediam. E, dentro da propria ilha, houve quilombos que longos annos existiram sem ser descobertos. Os que eram, porem, capturados, soffriam taes surras que não raras occasiões pereciam. A malvadez chegava a tal ponto que nem mesmo mandavam sepultal-os; jogavam-nos ao mar com uma pouta amarrada ao pescoço. E o velho africano concluia: “E, nesse tempo, meu *sinhô-moço*, os captivos eram mesmo *cousa* tão ruim que nem podiam ter cóva no Cemitério da Misericordia, alli ao lado da Sé: *enterravam-nos fóra da cêrcal...*”

A MULHER MARANHENSE E A ESCRAVIDÃO

Soára, emfim, o dia da minha liberdade. Cahira em uma quinta-feira. E, logo cedo, fôra matar as saudades dos meus recreios na Quinta do *Cazusa Lopes*. Commendador embora, ninguém o tratava a não ser pelo appellido de casa. Família de gente bonita, muito culta e abastada. A sua chacara do Caminho Grande, situada em uma linda e pittoresca baixada, era vasta; chegava quasi ás bórdas do Anil. A matta toda de arvores fructíferas. Por traz da rua de palmeiras dando ingresso ao pateo, as mangueiras e os cupuzeiros succediam-se em sombras corruscantes deixando divisar-se ao fundo, muito ao longe, o salso e rutilo estendal dos mangues. Era uma das mais aristocraticas e famosas vivendas de São Luiz.

O commendador Lopes passava por um dos *Petronios* da terra. A sociedade maranhense possuia nesse tempo uma verdadeira aristocracia nos costumes e nos espiritos. Não somente grandes damas se salientavam pelos seus dotes

artísticos, como, entre os homens, alguns havia que se tornavam notáveis pela sua elegancia de póрте e fino trato social. Ao lado de *Casuzza* Lopes, José Moreira, mais tarde, Visconde de Itaquí do Norte, Silva Porto, João Tavares, Paula Duarte, Tavares Belfort, e o Consul e vice-consul de Portugal, Loureiro e David Azevedo, que raras vezes appareciam sem luvas, faziam-se admirados pelo tallie e correccão das suas roupas. Apontavam-se tambem certos rapazes que porfiavam em disputar a primasia aos homens feitos como Raymundo Filgueiras, Manéco Soares, o Veiguinha, Anacleto Tavares, Redig, Nemrod Valle, Antonio e José Oliyeira, Djalma Moreira e Aluizio Azevedo. Este, que já publicára o seu primeiro romance e escrevia versos e chronicas mundanas, tornára-se um *périgo* na phrase de certas pessoas venerandas, por haver desenhado no Natal uns figurinos para as *pastorinhas do João Romêo* e tido a audacia de pôr-lhes carmin nos labios e nas faces, como se fossem artistas do theatro. O *rouge* ainda não se tinha tornado o decôro banalissimo da actualidade.

Dia de samana sendo esse que assignalára a minha libertação, o Commendador Lopes descêra cedo para o Banco de que era director. A dona da casa, adoravel creatura, alta, rosada, expansiva, sempre risonha e primaveril nos seus quarenta e cinco annos, recebêra-me maternalmente: “Então, *seu* republicano, disse ella estendendo-me a mão, já teve o seu primeiro des-

terro: os heróes tem de começar assim mesmo". E deixou-me logo ás voltas com as ironias e os ditos chistosos das suas duas filhas, a Annicota e a Sinhá, aquella muito mais velha do que eu, esta da minha idade.

Depois do almoço, já menos perseguido pelos remóques, pude enfim contar a minha aventura. As scenas dramaticas em torno da libertação da minha Mãe Preta commoveram sinceramente as duas jovens. Ambas, porem, não justificaram o meu odio de morte contra todos os senhores de escravos. Defenderam mesmo a attitude da D. Evarinta demorando uns mezes a alforria de *Mi'ama* porque não podia passar sem a sua companhia. Nem todos os fazendeiros e proprietarios de negros eram os facinoras que eu imaginava. Em São Luiz, raras seriam as casas que não tivessem captivos. Na sua familia, estes eram tratados com todo o carinho e nunca soffreram castigos corporaes. E, naquelle anno, seus paes haviam redimido o ultimo desses infelizes que receberam por herança.

Na hora de voltar para casa, a gentil esposa do Commendador Lopes ainda me deu salutaes conselhos. Era muito criança ainda para me andar metendo em politica e dar tão fundos desgostos a meus paes. Contou-me então, na esperança de convencer-me de todo, que, proximo á sua residencia, a familia do Capitão Freire vivia abatidissima com um filho deste o *Pedrinho*. Era muito mais velho do que eu e não queria estudar nem se empregar, vivendo a escrever para

os jornaes e excitando, segundo era voz geral, os escravos a se revoltarem contra os senhores e fugirem para o Ceará !...

Esse *Pedrinho* era nada mais nada menos o jornalista Pedro Freire, mais tarde collaborador assiduo da *Pacotilha* e fogoso tribuno. Filho de um primo de D. Mathilde Ferraz, o capitão Feliciano Freire, que fôra um dos heroes da guerra do Paraguay, tinha fama de bohemio incorrigivel. Trocava as noites pelos dias; e, nos seus escriptos e discursos dos comicios populares, mostrava-se sempre paradoxal e inimigo feroz dos politicos de todos os partidos.

A illustre dama concluiu as suas doces admoestações fazendo a apologia da mulher maranhense. Ouvira as referencias que, na conversa com as suas filhas, fizêra a certas senhoras da alta sociedade, tidas e havidas como algozes crueis de seus fámulos. Era preciso distinguir-se: essas creaturas, verdadeiramente infelizes, pois não passavam de puras taradas, viviam na sociedade alta, mas não eram da alta sociedade. Nascidas e criadas por gente viciosa, sem a menor educação religiosa e moral, acabaram casando com homens de posição e vindo para capital onde quasi todas não perderam os habitos adquiridos no meio das senzalas e das abusões fetichistas. No ambiente culto e distincto de São Luiz, surgiram então como perfeitas criminosas. O que estavam acostumadas a fazer ou a vêr praticar na roça como cousas ou acções vulgares, passou a ser graves delictos aos olhos da gente

civilisada da capital, Essas *Senhoras de Engenho*, entre as quaes havia numerosas e honrosissimas excepções, não symbolisavam de modo algum a mulher maranhense, doce de coração, abnegada e generosa até ao sacrificio. Citou factos interessantes da coparticipação feminina nas grandes obras sociaes da Provincia. Recordou o trabalho benemerito da commissão de senhoras, da qual fôra vice-presidente a minha propria Mãe e secretária D. Libania Reis, uma admiravel heroína, sustentando ambas durante a guerra do Paraguay cerca de oitenta familias de *Voluntarios da Patria*. Finalmente, em relação aos proprios escravos, salientou o concurso de numerosas mães e filhas de familias illustres esmolando de porta em porta para a libertação de crianças durante as festividades annuaes em honra a São Benedicto. E terminou espirituosamente as suas reflexões: “Em todo o caso, meu filho, já que você anda com ideias de escrever um livro pavoroso sobre o *Pelourinho*, o *Tronco* e a *Forca*, não se esqueça de verificar tambem o que lhe vou dizer, isto é, que os maiores inimigos dos negros não são os brancos. E, quando tiver de estudar os dramas em que figurem donas de captivos a perseguil-os e massacrar-os, examine bem e ha de vêr que as autoras desses crimes *coçaram a orelha em pequenas*. E’ que o mulatto, como escreveu o poeta Eucluydes Faria em uma de suas satyras, producto mestiço que é, tem sempre dentro d’alma e do sangue o *preto a brigar com o branco*...

PRECONCEITO DE RAÇA

Ao sahir da chacara do Commendador *Cazusa* Lopes, fui pensando no que me disséra a sua distincta e espirituosa consórte. Vieram-me logo á mente certas figuras muito conhecidas de crioulas e mestiças que, ligadas a ricos da terra, passavam vida farta e tinham basta escravaria. Entre estas, duas se tornaram muito populares — a *Catharina-Mina*, preta retinta, que só sahia á rua com o seu séquito de mucamas, e a *Evarinta*, sempre coberta de joias, herdeira do capitalista Malaquias Gonçalves. Ambas eram tidas como generosas e caritativas, mas nunca abriam mão dos seus captivos. Outras mestiças todavia, queriam á viva força passar por brancas. Eram de uma crueldade sem igual com os servos de sua raça. E tudo faziam e sacrificavam tudo para se introduzir nas familias de sangue puro. Estas, entretanto, eram de um rigorismo tradicional; e, quando tinham de consorciar os filhos,

iam nas suas pesquisas até aos *tetravós* dos pretendentes.

— *Casar com um bóde* (era a expressão chula com que se estygmatisavam os mulatos) ou com um *pardo*, nome mais pollido com que eram também estes designados, constituia uma deshonra irreparavel e perpétua. A geração ficava para sempre *tisnada*. Nas polemicas jornalisticas, eram fataes as allusões aos que não provinham de raça pura ou eram injustamente inquinados de haver *berrado no ventre materno*. Satyras ter-riveis sobre o *Pascacio*, o *Barriga-lisa*, o *Ignacio Pellado*, fizeram época na provincia. Contra o Major Jacarandá que, no *Apreciavel*, não poupava injurias aos seus inimigos, chegaram a mandar fazer em Paris uma gravura em que a sua cabeça marcial encimava o corpo felpudo de um caprino! O cathedratico de Geographia do Lyceo, o popularissimo Dr. Tiberio, por sua côr morena carregada, era alvo de allusões ferinas de alumnos irreverentes. Certo dia, no quadro negro da sua aula, escreveram em fórtes caractéres: "*Tiberio é bóde*". O velho professor entrou na sala: mirou com o seu lendario *lorgnon* o distico desrespeitoso; e, sem se irritar, pegou no giz e respondeu por baixo: "Companheiro de vocês". Em seguida, do alto de sua cáthedra, começou a recitar versos da famosa satyra — *A Bodar-rada*, commentando-os com allusões ferinas a paes e parentes dos discipulos, que desconfiára serem os autores da phrase aggressiva. Houve sérios protestos das familias que se julgaram of-

fendidas. Era que um fundo horror se votava em São Luiz á condição de escravo. Aluizio Azevedo focalizou bem esse preconceito no seu romance — *O Mulato*. E tornou-se historico o caso doloroso de Gonçalves Dias, que o decantou em versos ternissimos, vendo-se repellido pela familia de sua lindissima Anna Amelia por ser de *raça cruzada*...

Essa repulsa instinctiva contra os que tinham ou poderiam ter sangue africano nas veias chegou a tal ponto na alta e refinada sociedade maranhense da época que se tornou uma verdadeira obsessão. Acreditava-se geralmente que a propria Justiça era diversa para os brancos, que se tornassem criminosos. E essa ideia erronea se arraigára por tal fórma nos espiritos que, repetidas vezes, ouvira a minha *Mãe Preta* affirmar convencidamente que não só o *bacalhão*, como o *poste* e o *laço* eram só para os negros.

IX

O PELOURINHO, O TRONCO E A FORÇA

Nos meus onze para doze annos, felizmente, quando comecei a interessar-me pela causa dos captivos, estes tres instrumentos de supplicio já não mais funccionavam em Maranhão. A pena de morte, em vigôr no codigo criminal, estava virtualmente abolida pelo recurso de graça ao Imperador que a commutava em *galés perpétuas*. A de açoites, póde dizer-se, só era então usada nos quartéis e nos navios de guerra. Suas visavam-se assim, a pouco e pouco, os baixos costumes coloniaes. Os troncos foram ficando esquecidos nos porões e nos baixos dos grandes palacetes, assignalados por *frades de pedra* nas entradas, e dos vastos sobrados de paredes que eram perfeitas muralhas de fortalezas.

Ao meu espirito juvenil, que não estava á altura de comprehender e distinguir os phenomenos sociológicos, o que unicamente impressionava eram a hediondez e a brutalidade do regimen

servil dominante em minha terra. Todos os dias, caminho do escriptorio de meu Pae, atravessava o Largo do Carmo palmilhando a alameda diagonal que o cortava, partindo da rua do Sol para terminar na Ladeira do *Vira-Mundo*. Ao enfrentar o *Pelourinho*, sentia no coração revoltado o desejo de vê-lo um dia derrubado. Esse ominoso monumento colonial era para mim uma mancha deshonrosa no centro principal de uma cidade civilisada. Mais de uma vez o velho Januario me garantira que, accêrca de trinta annos, não se castigava alli mais os negros. Januario era o popular guardião do *Theatro São Luiz*, fronteiro da minha residencia. Apesar de seus setenta e dois annos, manejava em pessoa todos os complicados machinismos dos scenarios. Subia pelos cabos dos bastidores, descerrava as bambinellas e não consentia que outros braços içassem a pulso o panno de bocca. Diá e noite não arredava pé do seu posto. Alli habitava; e mesmo, quando fechada essa casa de espectaculos, ninguem nella penetrava sem licença sua. Tinha um ciume feroz por tudo o que lhe fôra dado a guardar. E, ao cahir da tarde sómente, abria a meia porta da entrada dos artistas e sentava-se ao ar livre a contar anedoctas interminaveis da vida theatral da cidade.

O *Pelourinho* era uma columna de marmore, alta de uns doze metros, trabalhada em feixes espiralados e partidos da base quadrilonga até ao capitél. Sobre este, ostentava-se o aparelho primitivo, onde era exposto o paciente e que po-

deria gyrrar sobre um fulcro para que melhor fosse exhibido aos transeuntes tão degradante espectáculo!

Cesar Marques procurou fazer-lhe a chronica. O illustre historiador maranhense já-mais foi devidamente apreciado pelos seus contemporaneos. Apesar dos seus grandes serviços á terra natal e das obras e memorias interessantes que escreveu, accusavam-no de fantasista e de pouco amigo da verdade. Os seus desaffectedos ridicularisavam-no sem piedade e sem razão. Chegaram mesmo a inventar anedoctas. Invejosos seus accusavam-no de se gabar de manter uma grande intimidade com D. Pedro II tratando-o familiarmente por *tu*. E publicaram até nos jornaes um satyra em que se dizia que, ao recebel-o um dia no Paço de São Christovão, o Imperador dissera á sua excelsa consorte: — “*Theresa*, vae buscar uma chicara de café para o *Cesar*”.

O eminente investigador, entretanto, lançou as grandes bases para a historia e a geographia do Maranhão, e até hoje, pouco se tem adiantado ao que deixou escripto.

Em opposição a outros chronistas menos pacientes, Cesar Marques demonstrára que o *Pe-lourinho* do Largo do Carmo fôra levantado em 1815. Uma tal affirmação, colhida em um caderno de notas desse anno de Joaquim Antonio Pereira, coincide com o que nos conta Antonio Henriques Leal sobre um famoso soneto de Odo-rico Mendes. Impressionára-se o traductor da

Illiada com o castigo a que assistira inflingido a um escravo nessa nefanda columna. E expressára em versos sentidos todo o horror de tão crúa scena. O poeta contava apenas 16 annos; e, como viera a luz em 1799, o seu protesto rimado fôra elaborado mesmo na época em que esse machinismo de tortura começára a funcionar. E, nelle, segundo o erudito autor do *Diccionario Historico do Maranhão* os primeiros delinquentes punidos foram um escravo do coronel José Felix Pereira de Burgos, outro do Capitão Ignacio José Frazão e um *cabra* do sertão. Chamavam-se assim mestiços livres e vadios, que viviam em cáfilas pelo interior da provincia, recusando-se systematicamente a trabalhar nas roças e nas povoações, confiantes apenas nas prodigalidades da natureza.

Fôra minha irmã Helena quem me indicára a preciosa fonte em que poderia illustrar-me sobre a origem historica dessa maldicta columna de marmóre, aliás uma obra de arte bem interessante. Era minha professora de línguas em que se tornára versadissima; e, cultivando com amor a litteratura e a historia, legou-me dois grossos e preciosos volumes nos quaes ia prégando, sob o título — *Miscelanea*, todos os artigos, poesias e noticias que se referiam á vida social e politica, não só do Maranhão, como de todo o Brazil.

Foi ainda ella quem procurou satisfazer a minha curiosidade sobre a historia da *fôrca* em São Luiz. A publicidade sensacional fôra sempre pouco explorada em minha terra. Os jornaes

nunca descreviam as execuções capitaes. O enforcamento era uma ignominia; exprimia a fórma mais indigna e desprezível de eliminar a Justiça um individuo. Para o suicidio mesmo, esse systheina só era em geral usado por quem se julgava moralmente indigno de continuar a viver na sociedade. No preconceito da época, a fallencia, por exemplo, era para o commerciante a morte moral que não poderia deixar de ser seguida pela morte physica. Dizia-se em vóz commum que o fallido era fatalmente um enforcado; e houve casos em que collegas e amigos da victima se julgaram no dever sagrado de enviar-lhe a corda para esse sacrificio de honra. E, se por ventura, o infeliz se acobardava e fugia, a familia cerrava as portas da casa e cobria-se de luto rigoroso...

Na *Papeleira*, o precioso Thesouro de Familia, indicou-me a minha querida irmã e preceptorra um maço de papeis em que, de certo, encontraria os esclarecimentos desejados. Eram as cartas, escriptas por minha avó materna, D. Martinha Alvares de Castro Abranches, ao seu marido, Garcia de Abranches o *Censôr*. Partira este subitamente de São Luiz por occasião do banimento de D. Pedro I, afim de juntar-se ao seu soberano nos Açôres. Mas, quando a sua aristocratica consorte resolveu ir ao seu encontro e saltou na Ilha de São Miguel, já não o encontrou. Tinha o velho fidalgo seguido para as costas de Portugal na expedição que deveria repôr D. Maria II no throno, participando do cêrco

do Porto e da tomada de Lisbôa. Na correspondencia, travada então entre os dois esposos, affirmára minha irmã, com certeza poderia lêr uma pagina emocionante sobre os enforcamentos na minha terra.

Effectivamente, na primeira carta, que encontrei ao abrir o maço dessa correspondencia intima, fazia D. Martinha a narrativa do seu embarque na capital maranhense. Na madrugada desse dia, contava ella, fôra ouvir missa na Capella de N. S. do Desterro afim de pagar uma promessa (*). Os carregadores do seu palanquim partiram a passo cadenciado e rapido da sua Quinta do Caminho Grande para o centro da cidade. Ladeando o Campo de Ourique, chegaram em poucos minutos á esquina da rua do Passeio. E dahi, ou para encurtar a distancia ou de proposito, o que lhe parecêra depois mais certo, tomaram o rumo do *Largô da Fôrca Velha*, que a ironia popular baptisára desde então de *Praça da Alegria*. Ao penetrarem os conductores da sua *cadeirinha* nesse despresado logra-

(*) Esta capella, nos tempos coloniaes, era lugar de peregrinação dos viajantes. Reduzida a ruinas em 1833, um negro livre, conhecido pela alcunha de *José Lé*, recolheu as imagens a uma palhoça, alli existente, e promoveu com esmolas a sua reconstrução. Em 1867, Cesar Marques conseguiu com outras almas bemfazejas transformal-a na actual Igreja de S. José do Desterro. Segundo uma lenda, os escravos iam alli orar alta noite ao fugir da casa dos senhores. Sendo o primeiro templo erguido em S. Luiz, situado á beira-mar, os hollandezes, quando assaltaram a cidade em 1644 com a sua grande esquadra, arrastaram para praça fronteira a imagem de N. Senhora, despedaçaram-na e, depois, fuzilaram a de S. Antonio, deixando-a por terra crivada de balas.

douro publico, percebeu que bruscamente estucaram, pousando-a na calçada. Um rumôr de vozes surdas, entrecortadas de gemidos angustiosos, gritos abafados, risadas hystericas e baixos diterios, chegou-lhe aos ouvidos. Abrio as cortinas da liteira. Um espectaculo horroroso se desdobrou aos seus olhos. Pendido do alto da trave da *Forca*, nos derradeiros estertores da vida, o corpo esqualido de um negro balançava-se á brisa fresca dessa manhã sangrenta de Agosto. Chamou os carregadores; haviam desaparecido. E, só minutos depois, quando a massa popular se retirara em algazarra, foi que, estremunhados e offegantes, voltaram a retomar os varaes do palanquim...

A nobre senhora, oriunda da mais alta gerarchia castelhana, recordava em seguida as horas tragicas de sua infancia nas Asturias. Do dia para a noite, o povo hespanhol se vira escravizado. A invasão napoleonica e a guerra civil devastavam as terras fartas e livres de seu paiz natal. Tremenda fôra a reacção contra os intrusos usurpadores. Matava-se e morria-se com denodo e com entusiasmo. Todos os homens marchavam para os campos de batalha. As mães, as esposas, as filhas, deixavam tambem os lares, sahindo para as ruas e para as montanhas como *voluntarias da morte*. As proprias crianças, armadas de punhaes, traziam sobre o peito orações aos céos supplicando forças para exterminar tambem com as mãosinhas innocentes os invasores sanguinarios e crueis... "Mas, alli, exclamava,

mava D. Martinha, batia-se e tombava-se pela Patria! Enforcar, entretanto, friamente, estupidamente, miseros escravos; curtil-os ainda de pancadas na hora extrema do supplicio; escarnecer-os no instante sagrado de darem a alma ao Creador — era mais do que a barbaria, era a abjecção de todos os sentimentos humanos!”

X

O INSTINCTO DE LIBERDADE E O ODIÓ AO BRANCO

Nas cartas escriptas a Garcia de Abranches, o *Censór*, por sua illustre consorte, havia paginas de profunda psychologia social. Naquelle momento, porém, não contava eu ainda treze annos. Apesar de já ter alguns preparatorios, prestados perante as bancas draconianas do *Lyceo Maranhense*, não possuia o discernimento preciso para formular juizos criticos sobre a causa que me apaixonava então o espirito juvenil e superficialmente instruido.

O que me interessava sobretudo era a phase dramatica da situação dos escravos em minha terra.

D. Martinha Alonso Veado Alvarez de Castro, assim se chamava a minha Avó materna, em nada se parecia com a sua segunda filha de igual prenome, D. Martinha Maria da Gloria de Castro Abranches, a *Senhora Dona Martinha*.

como tratavam em São Luiz tão notavel educadora. Esta jámais perdêra a sua linha aristocratica até aos noventa annos quando falleceu no Rio de Janeiro durante a epidemia de grippe de 1918. Fidalga no porte, nos gestos e na linguagem, autoritária e austera, nascêra com o espirito de commando. E mandou sem contraste até á hora da morte. Minutos antes de fechar os olhos, ergueu-se do leito; ordenou que lhe preparassem um banho e trajou-se com o vestido com que queria ser enterrada. A minha Avó, ao contrario, apesar da altivez innata á sua casta, era muito mais doce, affavel e communicativa. Viera ao mundo entre as guerras que assoláram o territorio hespanhol ao alvorecer do seculo XIX. Perdêra aos tres annos de idade o seu progenitor, victima da defeza da Patria. Peregrinára pelas côrtes europeas. Sua progenitora, emigrada e expulsa com outros nobres pelas tropas bonapartistas, acabára consorciando-se em segundas nupcias com um capitão francez que, como outros officiaes realistas, imaginou offerecer seus serviços a D. João VI, tambem expatriado para o Brazil. O navio, em que viajava com seu padraсто para o Rio de Janeiro, arribou á bahia de São Marcos. Em São Luiz, enfim, conheceu Garcia de Abranches de quem se tornou esposa amantissima e angélica.

No archivo da familia, achára duas séries de cartas de D. Martinha. As primeiras datadas dos Açores quando, ahi chegando, não encontrára o esposo que partira para Lisboa como *pro-*



A Igreja do Desterro

curador geral das camaras municipaes do archipelago. As ilhas ainda não elegiam deputados. A segunda série epistolar, mais longa e interessante, fôra enviada já do Maranhão ao regressar annos depois com os filhos. O marido permanecêra ainda algum tempo em Portugal no empenho de lançar a Companhia das Docas de São Miguel, da qual a Rainha era a principal accionista.

Por uma coincidência curiosa, quando Dona Martinha partira de São Luiz para Portugal, o seu enteado Frederico Magno, com José Candido, Egydio Launé, João Lisboa e outros jovens revolucionarios maranhenses, acabavam de encabeçar o movimento nacionalista de 1831, cognominado a *Setembrada*. Ao voltar em fins de 1838 ao lar, novo levante se esboçava urdido pela mesma corrente de liberaes exaltados.

Commentando os boatos que então circulavam na cidade sobre suppostos levantes no interior da Provincia, escrevia a esposa do *Censor*: “Logo ao pisar a terra desta nossa segunda patria, fui com os nossos filhos orar na Ermida do Desterro para agradecer á Virgem Milagrosa dos navegantes a feliz viagem que nos dera. Mas, chegando á casa vi-me entontecida por tantas e tão confusas atoardas, que nem sei o que te poderei contar de verdade. Muitos amigos nossos já me vieram saudar. O teu Frederico Magno foi uma das primeiras visitas que tive, o que me admirou; pensei que não mais nos procurasse. Não senti animo de perguntar-lhe sobre o que

se diz por aqui á bocca pequena. Mostrou-se aliás muito ceremonioso; não descalçou as luvas; e, minutos depois de vêr os irmãos que lhe fiz apresentar e de abraçal-os seccamente, retirou-se offerecendo-me os prestimos em phrases de méra cortezia.

“Dizem que o pretexto para os novos motins é a recente lei dos prefeitos, que te remetti, ha dias, com outras publicações e que está exasperando o povo.

“Quando affirmaste, meu marido, no teu *Espelho Critico* que a molestia social, que devorava os maranhanses, era a *ochlocracia*, prognosticaste bem o que sombriamente os aguardava no futuro. O mal agora se aggravou muito mais com a intromissão ostensiva da gente de côr na vida politica e privada desta infeliz provincia. Tu mostraste o erro tremendo de se ter substituido o captiveiro cruento dos indios pela escravisação violenta dos negros da Costa d’Africa. E lastimaste, como sociologo e christão, que se não pudesse desde logo, não só abolir tão nefando trafico, mas tambem restituir immediatamente á liberdade essas miseras machinas humanas obrigadas a golpes de azorrague a desbravarem as matas selvaticas desta parte da America. Esqueceste, porém, de demonstrar que essas infortunadas creaturas mais cedo ou mais tarde teriam de vir influenciar sobre a sociedade que suppuséra exploral-as apenas como bestas de carga. Surgiram os cruzamentos desiguaes. Os amôres de senzala. As ligações escu-

sas. Os brancos não se pejaram de mesclar a sua raça. E os bastardos pollularam por toda a parte tornando-se em regra os seus mais ferozes inimigos. Para mim, já te tenho dito e repetido, a *liberdade não é sentimento, é instincto*. Esse instincto fez nascer o odio, que ahi está, não ao branco em si, mas ao antigo colono usurpador. E, como o colono era em geral portuguez e branco, irrompeu esse rancor recalcado contra a velha metropole e seus filhos, aqui domiciliados. E um tal rancôr, que não tardou a estender-se aos estrangeiros de toda a sorte, é maior hoje do que quando daqui partimos pelo que tenho observado”.

XI

OS ESCRAVOS E A INDEPENDENCIA

A nobre dama castelhana relembra ainda nessa longa epistola a que me venho referindo numerosos episodios da época em que, pela primeira vez, aportou a São Luiz com sua progenitora e seu padrasto. O *partido nativo*, formado de filhos da terra, em geral com poucos meios de fortuna, e estudantes *jacobinos*, que ansiavam pela separação do Brazil da metropole, começaram a conspirar em clubs secretos. Não era só a gente baixa, a *patuléa*, que esses jovens procuravam levantar contra os poderosos da terra. Attrahiam tambem alta noite os escravos a esses gremios revolucionarios, situados em bairros pobres da cidade, incitando-os a tomarem armas contra os senhores. Os escravos têm alma, são humanos. Exaltaram-se logo com as promessas falazes de redempção. Era triste dizer-se, accentuava D. Martinha; mas a vida de relação da sociedade maranhense fazia-se nos tempos colo-

niaes e mesmo no primeiro reinado principalmente nas cosinhas. O escravo era o *leva e traz* das noticias, das intrigas e dos mexericos do dia; o *onzeletras* entre os namorados; o capanga, o *braço vingador* das disputas e das rixas entre as familias; o *espião* dos casaes ciumentos; o *confidente* muitas vezês dos mais graves negocios e dos crimes mais abjectos dos seus senhores. E, assim, ou se apaixonava tambem com estes nos seus planos e nas suas rusgas ou contra elles intimamente se revoltava tornando-se o seu delator. Os negros africanos e seus descendentes tornaram-se assim os instrumentos mais preciosos para os que lutavam pela separação da metropole. Tomaram parte principal nos *lustros*, isto é, nas *surras* que, durante a noite, soffriam os lusos quando se recolhiam aos seus lares. E finalmente, acabaram formando o grosso das forças libertadoras que chegaram a cercar São Luiz e prival-a de alimentos nas vespervas da chegada de Lord Cochrane á bahia de São Marcos. Despovoaram-se então as fazendas; e, na capital, desertaram em massa das casas dos senhores, convencidos como estavam de que a Independencia automaticamente lhes houvera trazido a libertação pessoal. Foi assim que, ao ser empossado o primeiro governo brasileiro na provincia, não quizeram na sua grande maioria voltar ás casas dos seus donos; e, mandados recapturar por estes, ou procuraram evadir-se para o sertão ou foram pedir asylo nos navios de Cochrane. Assistio-se então a mais uma façanha do

insigne pirata: “recolheu-os cavalheirosamente a bordo da *esquadra libertadora*; e, dias depois, fazia-os sahir barra afóra, mandando revendellos em outros logares, como *prezas de guerra!*...

E concluia D. Martinha as suas curiosas observações lembrando ao seu esposo que, infelizmente, tão dura lição não aproveitára ás inditas victimas da cobiça humana. Continuaram os captivos no seu durissimo jugo a ser explorados pelos demagogos e aventureiros politicos. Na noite de 14 de Setembro de 1831, formaram o grosso da massa popular que, tendo á frente Frederico Magno, foi a Palacio exigir do presidente Araujo Vianna a expulsão dos portuguezes da provincia e a demissão dos seus amigos maranhenses dos cargos officiaes. Foram ainda os escravos que, dois mezes depois, ao dar aquelle Presidente o contra-golpe victorioso, constituiram hũa parte dos insurrectos que resistiram ás forças legaes, fugindo os que não se entregaram para o interior. E numerosos dentre esses foragidos passaram a constituir a vanguarda das tropas revolucionarias de Antonio João até ser este indignadamente assassinado, depois de negociada e aceita a sua capitulação...

“*O instincto da liberdade*, rematava D. Martinha essa sua carta ao *Censôr*, fez do escravo um cidadão brasileiro: os governantes terão de reconhecel-os como tal, seja como fôr ou seja quando fôr...”

XII

MAROTOS E CALHAMBÓLAS

As cartas de D. Martinha ao seu marido, devo confessal-o, foram dahi por diante interessando-me fundamente. Os episodios historicos impressionam sempre á imaginação juvenil. E a illustre dama hespanhola reunia á singeleza da phrase o phraseado singelo de um espirito feminino subtil, atrahente e feito para instruir e educar.

Afastando-se do Maranhão pouco tempo depois do 7 de Abril, nem o *Censor* que partira antes da esposa, nem esta, que fôra ao seu encontro em meados de 1834, pudéra seguir *pari-passu* os successos tumultuarios que continuaram a agitar a provincia. Voltando a São Luiz, Dona Martinha fazia em suas missivas um perfeito relatorio de tudo o que se passára em sua ausencia: No partido *corcunda*, ou *luso*, ou *recolônizador*, ou *cabano*, era unicamente o Commen-

dador Antonio José Meirelles, portuguez de origem e de fartas posses, dizia ella, quem ainda lutava bravamente tendo como bandeira os diversos periodicos redigidos por Sotéro dos Reis. Apezar do mallogro da *Setembrada* e de outros pequenos motins, promovidos pelos *liberaes*, tambem chamados *marrécos*, as urnas mantinham-se favoraveis a estes. João Francisco Lisboa, que mais tarde se immortalisaria no jornal do *Timon*, fizérase herdeiro das glorias jornalisticas de José Candido, desapparecido na flôr da idade. Editára a principio *O Brasileiro*. Logo depois, tentára resuscitar o *Pharól*, fundado por aquelle saudoso publicista, um dos cabeças do movimento de 1831. Montára com Frederico Magno a *Typographia Abranches & Lisboa*, de onde se espalhavam quasi diariamente pamphletos incendiarios. Dessa empreza, surgira o *Echo do Norte* a pregar ideias subversivas. Finalmente, tendo sido nomeado secretario do Governo quando aquelle seu socio fôra eleito deputado geral contra o Ministro do Imperio da Regencia, lançava *A Chronica* que, na phrase dos seus adversarios, “estava espalhando o facho da revolta por todos os sertões maranhenses.”

Meirelles só contava assim contra os liberaes com a penna severa e caustica de Sotero dos Reis. Pamphletario embora violento e conservador exaltado, entrava tambem na liça Nunes Cascaes que não se submetia áquelle abastado commendador nem á orientação de quem quer que fosse: era independente de mais. Recorrêra en-

tão o velho capitalista ás luzes de Luiz Carlos Cardoso Cajueiro. Filho de outra provincia e funcionario publico junto á administração maranhense, (*) acceitára este a difficil missão de terçar armas com o insigne estylista, director da *Chronica*. E, publicando *O Cacambo*, periodico violento e reaccionario, prestára taes serviços ao chefe dos *corciundas* que este o elegêra a peso de ouro deputado contra a chapa liberal, vindo a fallecer, todavia, antes de findar o seu mandato.

Ao mesmo tempo, apparecia *O Bemtevi*, a folha revolucionaria que alcançava logo enorme popularidade e daria o nome dahi por diante ao partido liberal em franca maioria em todo o interior da Provincia. Estevão Raphael de Carvalho, seu redactor, passou a ser o idolo da patuléa.

Nascido em Vianna, dotado de bello talento oratorio e de vasta cultura litteraria, honesto nos costumes, mas desabrido na linguagem, possuia um temperamento bizarro e difficil de definir-se. Tendo estudado em Coimbra, fizera brilhantes exames, mas, na occasião de ser chamado a collar grão, recusára as láureas, dizendo que estudára para saber e não para receber diplomas. Eleito muito moço deputado geral, causou sérias irritações nas bancadas parlamentares do Imperio. Distinguia-se pelos seus sarcasmos

(*) Alguns biographos affirmam ter nascido no interior do Maranhão.

e epigrammas politicos. Propoz a separação da Igreja Brasileira da Romana, ficando o supremo sacerdocio incluído no proprio Governo. Em outro projecto de lei, que escandalizou os seus pares, estabeleceu penas de 4 a 12 annos de prisão para “os Paes da Patria que se apresentassem como martyres da liberdade ou defensores das liberdades publicas, e, tambem para os que se intitulassem philantropos ou se fizessem merecedores desse titulo por palavras, escriptos e accções”. Na assembléa provincial do Maranhão, levantou tambem debates tempestuosos diante das suas allusões licenciosas aos adversarios. Declarando-se francamente atheu, arrastou pelas ruas da amargura o virtuoso Bispo D. Marcos de Souza, que foi deputado ás Côrtes Constituintes em 1821, e a Madre Maria Francisca que entrou aos 5 annos para o Convento de N. S. da Anunciação e Remedios, chegando a ser sua Superiora, e morrendo em cheiro de santidade.

Em fins de 1838, a pugna entre conservadores e liberaes, ou melhor entre *cabanos e bemevis*, tocára assim ao desespero atravez das mais baixas e ignobeis companhias de insultos e de difamações. Para enfraquecer os *bemevis*, os seus adversarios procuravam excitar com todo o genero de intrigas a rivalidade surda já existente entre João Francisco Lisboa e Joaquim Franco de Sá — outro joven liberal de bello e peregrino talento. E o redactor do *Cacambo* ameaçava abertamente a Estevão Raphael de Carvalho de ter em breve o mesmo lugubre destino de Vi-

centé Ferreira Lavour *Papagaio*, redactor da *Sentinella Maranhense*, assassinado em plena luz do dia com 32 facadas em uma das ruas principaes de São Luiz. Para os liberaes, os *cabanos* não passavam de “uma récuá de *puças* e de *marotos*.” No dizer dos conservadores, o partido *bem-tevi* era apenas composto do “sabujo social formado de *cabras e calhambolas*”...

XIII

DONA ANNA JANSEN

— “A’ guisa do que se passou na minha pobre Hespanha quando, de lá, tivemos de emigrar diante das rapinas sangrentas das nações estrangeiras, escrevia D. Martinha ao seu velho esposo em uma das suas cartas mais impressionantes, aqui, nas terras maranhenses, também *morrer ou matar* pela ganancia do mando é hoje em dia a cousa mais natural do mundo.”

Estes tristes conceitos lhe sahiram da penna ao descrever uma pomposa festa a que assistira no palacete de Dona Anna Jansen, nome que se tornou lendario até hoje em São Luiz passando sombriamente de geração em geração. Maranhense de origem, senhora de engenho e de muitos escravos, D. Anna Joaquina Jansen Pereira enviuvára em 1825 do Coronel de Milicias Isidoro Rodrigues Pereira, natural de Maiorca, Portugal, e riquissimo commerciante. O casal tornára-se tronco de uma da mais importantes e

notaveis familias da terra. E, naquelle dia 15 de Janeiro de 1839, realisára o casamento de suas duas filhas Anna Augusta e Angela Isidora com o Dr. Manoel Jansen Ferreira e Ignacio de Souza Machado, fundindo-se definitivamente pelo sangue e pela fortuna os dois ramos poderosos dos *Jansen*.

Em torno dessa dama de bôa estirpe, levantaram-se os mais tremendos aleives e travaram-se as mais indignas campanhas de intrigas e difamações. Inculcavam-na protagonista de dramas e tragedias que enlutaram a sociedade maranhense, em que se tornou largo tempo uma figura singular, quasi omnipotente e temida por todos. Diziam-na bisonha, analphabeta e tatibitate. Não tinha attractivos physicos nem predica-dos espirituaes fóra do commum. Apesar de todos esses attributos negativos, chegou a exercer uma poderosa influencia sobre a vida de relação de São Luiz e sobre a marcha dos negocios publicos da Provincia. “No seu palacete, dizia o povo, não se fechavam as portas nem se apagavam as luzes.” Dia e noite, ferviam alli dentro as tricas politicas e os enredos privados da terra. Nada se fazia sem a palavra de ordem ou a acquiescencia do *sobrado*... Chamavam simplesmente assim o famoso immovel de azulejos da Rua Grande, residencia de D. Anna Jansen. Candidaturas de senadores, deputados e conse-lheiros municipaes, escolhas e demissões de funcionarios publicos, remoções e derrubadas de magistrados, tudo se discutia e era assentado nos



DONA ANNA JANSEN
(photographia tirada poucos annos antes de sua morte)

conciliabulos dirigidos por aquella valorosa matrona. E os seus inimigos mais desabridos chegavam a affirmar que, sob a sua égide, as relações e o direito de familia, os consorcios, as successões, os testamentos, eram soberanamente regulados, obedecendo certos magistrados cêgamente ás instrucções reservadas que lhes eram dia a dia transmittidas.

Narrando ao marido as impressões dessa festa, D. Martinha fazia a psychologia da archipoderosa fazendeira que, na phrase caustica do Commendador Meirelles, braço forte dos *cabanos*, “estava transformando São Luiz em uma vasta senzala.” O chefe lusitano não tragava essa senhora maranhense, que surgira em sua frente, tornando-se inesperadamente a grande protectora do partido brasileiro ou *bemtevi*, gastando rios de dinheiro com os que elle chamava “peralvilhos e desordeiros, inimigos figadaes do throno e da gente portugueza” e organizando um salão, rival do seu, para as reuniões “dessa cáfila de mutinos e pés-rapados.”

Compadre de Garcia de Abranches, não levára a bem ter a illustre esposa do *Censor* accettato o convite para uma recepção em casa de sua temivel adversaria como réplica a que, dias antes, levára a effeito nos seus salões doirados e guarnecidos de alfaias a Luiz XV da rua do *Giz*. Meirelles fazia timbre em ser o seu palacete o mais luxuoso da cidade.

Para a nobre esposa do *Censor*, entretanto, não passavam em bôa parte de puras fantasias e

baixos enredos de politicagem as violencias e crueldades attribuidas a D. Anna Jansen. Os seus encarniçados inimigos politicos não a poupavam nos commentarios das portas das boticas ou nos pasquins, precursores das sangrentas lutas eleitoraes do tempo. Apesar de rica e senhora de engenho, o seu genio autoritario a fizera romper com os autocratas da facção *corcunda* e ligar-se ao partido da *patúlea* ou *brazileiro*: tornára-se *bemtevi*. Viuva embora de um estrangeiro, que aliás sempre a obedecêra cégamente, e tendo nas veias sangue germanico, viêra ao mundo em Maranhão e ahi crescêra á sombra do regimen negreiro, implantado na provincia. Nesses jornalecos anonymos e abjectos, accusavam-na de delictos nefandos. A' custa de barbaros castigos, diziam ter feito dos escravos fascinoras perigosos que não respeitavam a vida e a propriedade dos seus contrarios. Esses captivos formavam a vanguarda dos assaltantes das urnas á mão armada. E, para demonstrar o ponto a que chegavam o aviltamento e o pavôr dessas féras em frente á sua Senhora, contavam, que, quando esta ia ao seu sitio fronteiro a São Luiz, na margem opposta do Anil, humildemente se deitavam sobre o *tijuco*, e formavam uma ponte humana sobre a qual passava ella afim de não enlamear os seus sapatos de setim...

D. Martinha alludia ainda a uma satyra, muito em voga na occasião, na qual, em estribillo, se ridicularisava a famosa dama imitando-lhe a maneira de falar. Descreviam em termos

chulos uma das reuniões politicas do seu palacete; e affirmavam que, de vez em quando, no ardor dos debates, ella interrompia os oradores, exclamando: "*Cúte o que cutá, gáte o que gatá, Manézinho ha de sé deputado!*"

Manézinho era o tratamento familiar de um dos seus filhos, que aliás ella soube primorosamente educar e assás se distinguiram pela sua intelligencia e maneiras fidalgas. Quer o Dr. Manoel Jansen Pereira, formado em direito e projecto jornalista, quer o coronel Isidoro, agricultor adiantado e decidido patriota, cada qual fez parte da assembléa provincial e do parlamento do imperio. E ambos se mostraram dignos do exercicio de seus mandatos.

As lutas facciosas dos dias agitados da Regencia eram impiedosas e intolerantes. Não se mediam consequencias: nem mesmo se respeitava o recesso sagrado dos lares. E, de lado a lado, os chefes politicos eram tidos como responsaveis pelos mais monstruosos delictos commettidos pelos seus apaniguados.

Nos salões de D. Anna Jansen, D. Martinha encontrára a fina flôr do liberalismo do tempo. João Francisco Lisboa, nos seus trinta e cinco annos, era sem duvida a figura mais brilhante e prestigiosa entre os *bemtevis*. Dos seus companheiros da *Setembrada*, poucos já restavam na brécha, inclusive Frederico Magno de Abranches que, depois da morte tragica da noiva, condemnára-se a um completo retrahimento. Ajudava os seus correligionarios na sombra, mas não

participava mais dos comícios. D. Anna Jansen não perdôara na conversa com D. Martinha essa attitude inexplicavel do seu enteado. E esta, commentando taes conceitos, felicitava o *Censor* por têr seu primogenito tomado emfim um pouco de juizo...

Além do concurso precioso da valorosa antagonista do commendador Meirelles, os liberaes por si mesmos representavam incontestavelmente, no conceito da illustre dama hespanhola, a grande maioria do eleitorado maranhense. Com a demissão de Costa Ferreira do governo da provincia, escrevia ella, encontraram os *cabanos* no novo presidente, capitão de mar e guerra Bibiano de Castro, um elemento valioso em seu favor. Já antes, a morte do Regente João Braulio Muniz, que logrâra ter a seu lado dois conterraneos seus como ministros, fôra um golpe tanto mais grave para os *bemtevis* quanto o desprestigio de Odorico Mendes na politica geral do Imperio dia a dia se accentuava. A' custa de muito dinheiro, de demissões de funcionarios, de perseguições politicas e judiciarias e de ataques a mão armada aos contrarios, os *corcundas* ou conservadores conseguiram fraudar os resultados das urnas e reconhecer deputados os seus candidatos. Nos mais importantes municipios, todavia, os liberaes contavam com os juizes de paz e as maiorias das camaras sob o regimen das novas franquias conquistadas depois de 7 de Abril. Os *corcundas*, porém, dispondo do cofre das graças, não desanimavam nos seus planos de dominio

absoluto da provincia. E, o que não teve coragem de praticar o presidente Bibiano de Castro, prestou-se a fazel-o o seu successor, Dr. Vicente Thomaz de Figueiredo Camargo, espirito reaccionario por excellencia.

Na verdade, Bibiano, infenso embóra aos *bemtevis*, buscára guardar um certo escrúpulo nas suas acções. Recusára sempre a demissão de João Lisbôa de secretario do governo. O talento, a honradez e a cultura do insigne publicista inspiravam-lhe a mais profunda admiração. Debalde Meirelles procurára arrancar-lhe esse acto violento contra um adversario que vivia em grande pobreza. Lembrára-lhe que, no seu grupo, havia jornalistas de igual ou mais alto valor como Sotero dos Reis, seu braço direito, o Desembargador José Mariani, bahiano de nascença, mas maranhense de coração, ligado intimamente á sua familia, e Leonel Serra, conservador ferrenho e pamphletario desabrido, cujo filho vindo ao mundo nesses dias sombrios, deveria tornar-se o emerito litterato e liberalissimo Joaquim Serra.

Resistira ainda o presidente Bibiano ao plano sinistro, então architectado, de conflagrar-se a riquissima região que tinha por séde Caxias, a *Princeza dos Sertões*. Esse seu recúo, todavia, no caminho das violencias á mão armada, não impedira o assassinio do coronel Raymundo Teixeira Mendes, nome que tanto viria illustrar o futuro fundador da Igreja Positivista do Rio de Janeiro. Um tal attentado levantára uma onda

de indignação em toda a provincia. Tratava-se de um homem bonissimo, intelligente e conceituado. E o mandante do crime, um *cabano* exaltado e seus cúmplices nada soffreram.

O seu successor em palacio, Vicente Camargo, ao contrario, entregou-se de mãos atadas aos magnates do partido *cabano*. Em Caxias, bairrante dos *bemtevis*, o commercio luso concentrava as principaes fortunas daquella uberrima zona. Meirelles destacára para alli um dos seus socios como agente politico afim de financiar a reacção governamental. E, como mais de dois terços da população fossem *liberaes* e o assassinato de Teixeira Mendes provocasse uma série de sangrentas vindictas, só mesmo á ponta de bayonetras poderia ser esmagada a opposição. Camargo não médio consequencias. Começou demittindo João Lisbôa para que não tivesse ao seu lado um fiscal dos seus desmandos e arbitriedades. Despachou delegados facinorosos para todas as comarcas, dando-lhes soldados e carta branca para agirem. E fez votar por uma maioria facciosa na assembléa provincial a *lei dos prefeitos* que se tornaram senhores de baração e cutello em todo o territorio maranhense, aniquillando uma por uma as franquias municipaes oriundas da revolução de 7 de Abril!

A attitude provocadora e desabrida do Presidente da Provincia foi tomada como um cartél de desafio aos *bemtevis*. Estes se multiplicaram logo em reuniões secretas no palacete de D. Anna

Jansen, nas lojas maçônicas e nos *clubs da patuleia*. E decidiram resistir à mão armada.

Por seu lado, os próceres *cabanos* não escondiam os seus planos tenebrosos de extermínio dos adversários. E ficou famosa, tornando-se mesmo depois um dictado popular, que fôï passando até hoje de geração em geração, a phrase sarcástica de Meirelles: — “Agóra sim, meus amigos, o páo *váe rolar para Caxias!*”

XIV

A BALAIADA

O prognostico sinistro do chefe secreto dos *cabanos* não fôra uma phantasia. Os morticinios successivos da terra de Gonçalves Dias, que já começára a modelar os seus primeiros versos, tornáram-se o prologo sangrento da conflagração geral do sólo maranhense. E Caxias, a princeza graciosa dos sertões, passava a ter, na phrase injusta e cruel do futuro Visconde de Araguaya, o cognome maldito de *CIDADE DO CRIME!*

Nesses dois annos agitados que vão do alvorecer de 1839 aos primeiros dias da *Maioridade*, as cartas de minha Avó ao *Censor*, embora espaçadas, pois esperava a cada momento o regresso do esposo a São Luiz, são paginas pungentes de psychologia social.

— *Misturar sangues é misturar destinos* — escrevia ella em uma dessas missivas, narrando os boatos, que enchiam a cidade, de levantes de

escravos, cábras e calhambolas em toda a zona agrícola da provincia. Os mestiços julgam-se os senhores da terra; cognominam-se de *nativos*. Os brancos para elles, mesmo os que vieram á luz aqui, são *adoptivos* como os estrangeiros que declararam acceitar a nacionalidade brasileira. São esses mestiços que formam o grosso do partido *bemtevi* e estão derrubando á mão armada no Alto e no Baixo-Mearim, e pela margem do Itapicurú e do Parnahyba até aos altos sertões, os prefeitos com os quaes os cabanos imaginavam anniquillar os adversarios, processando-os, perseguindo-os e metendo-os no xadrez. “E concluia D. Martinha essa carta descrevendo as suas afflicções: “Via-se sózinha com os seus filhos ainda menores; e, como estrangeira, exposta aos maiores perigos diante de tão triste anarchia. Não se illudia: era uma revolução que acabava de rebentar, e revolução que nada ficaria a dever ás que convulsionaram o Pará, Ceará, Pernambuco e a que estava ensanguentando o Rio Grande do Sul. Os *bemtevis* eram os *farroupilhas maranhenses*...

O meu espirito adolescente, imbuido de idéias ante-esclavagistas, arrebatava-se diante da leitura dessas confidencias em que uma mulher intelligente e amantissima commentava em rapidas syntheses todas as impressões que lhe agitavam a alma. Na visita que lhe fizera pelo Natal, accrescentava D. Martinha, Meirelles a tranquillisára affirmando que os successos sangrentos da villa da Manga não tinham impor-

tancia. O *fulo* Raimundo Gomes, antigo vaqueiro do Padre Ignacio, do Mearim, assaltára a cadeia para libertar um irmão, alli retido e espancado por ordem do sub-prefeito, e, com elle, déra fuga a todos os outros presos. Aquelle agente do governo fugira covardemente com as demais autoridades. O *cabeça do motim* era um typo réles e boçal, atarracado de corpo, cabeça chata, pernas arqueadas, mal encarado o olhar de *carneiro mal morto*. E, ao terminar esse retrato do *capanga dos bemtevis*, como estygmatizára o *heróe daquella comica façanha*, o Commendador garantira que, “felizmente, o Camargo não era para caçoadas e havia mandado dar-lhe uma coça em régra”. A verdade, porém, ponderava D. Martinha, é que esse Presidente não tardava a deixar o governo illudindo o seu successor em um relatorio em que afiançava estar em paz toda a provincia. E este, sem maior exame, passava-lhe recibo dessas mentiras annunciando para a Côrte que se achava em um seio de Abrahão quando o incendio fraticida lavrava já por todo o interior maranhense. São Luiz enchera-se assim da noite para o dia de gente de todas as classes emigrada das fazendas e das villas convulsionadas pela sanha revolucionaria que enlouquecêra quasi toda a população maranhense. Não havia mais uma casa vasia: todas as habitações da capital regorgitavam de refugiados; certos tectos obrigavam mesimo quatro e cinco familias que haviam abandonado os seus haveres e as suas roças. E, o que era mais triste, de

lado a lado, *cabanos* e *bemtevis*, depois de haver dado o santo e a senha aos seus apaniguados, negavam a pés juntos que estivessem instigando os assassinatos e as depredações dos grupos sediciosos que irrompiam, aqui e alli, por todo o territorio maranhense.

O novo presidente, Manoel Felizardo de Souza e Mello, parecia mais brando do que o seu antecessor. Apesar de favoravel aos *cabanos*, procurára acalmar os animos entre os partidos desvairados pelo odio e pelo espirito de vingança e de mando. Correram mesmo boatos de que suggerira um *modus-vivendi* aos chefes das facções em luta. Para isso, seria convocada a assembléa provincial em sessão extraordinaria. Modificar-se-ia a *lei dos prefeitos*, causa ou pretexto para as rusgas á mão armada, ou seria de toda abolida se se tornasse possivel. Ao mesmo tempo não se dariam tréguas aos sediciosos, punindo-os severamente dentro do codigo penal em vigor. Essa suggestão, que alguns liberaes applaudiram tendo á frente João Lisboa, irritou ainda mais os *conservadores* e seus adversarios mais intransigentes. Meirelles, que não perdêra a esperanza de fazer o seu amigo, desembargador Mariani, presidente da provincia, pois que, em dois tempos, correria a chicote esses *mutinos*, protegidos pelos *encapotados* da capital, passou a apoiar os planos secretos de Sotero dos Reis. Trabalhava este para conseguir a substituição de Felizardo por um *militar de verdade*. Só a espada resolveria a situação. E todo o ideal do ran-

coroso philologo consistia em investir do governo maranhense o general Andréas que já déra mostras do seu valôr, tratando “no Pará como cães hydrophobos essa *negralhada* metida á patriota”. Revivia-se mesmo uma fabula em que se pintava esse destemido cabo de guerra mandando encafuar em Belém rebeldes nos porões de um navio, dando-lhes depois um banho de cal e atirando-os aos tubarões em pleno mar.

Aggravára-se, entrementes, a situação. O *cambayo*. Raymuñdo Gomes, á frente já de centenas de lutadores, marchára sobre Chapadinha que tomára de assalto. Outros grupos bellicosos surgiam por toda a parte entre o Mearim e o Itapicurú, arrebanhando proselytos e assaltando roças, fazendas e campos de criação. E, desses grupos, o mais feroz tinha á téssta o pardo Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, apellidado o *Balaio*, por viver do fabrico dessa especie de cestos em um pequeno sitio das margens do Itapicurú-Mirim.

D. Martinha, em uma de suas cartas, explicava ao *Censôr* porque, da antonomasia de Manoel dos Anjos, se originára o nome generico de *Balaiada* com o qual ficaria assignalada na historia essa revolução que, farta de combatentes, mas sem chefes visiveis de valôr espirital e tecnico, fôra o desdobraimento fatal da *Setembrada*, o levante liberal de 1831 em Maranhão. *Balaio*, de condição humilde embora, possuia uma familia honrada e operosa. Certo dia, um destacamento commandado pelo tenente Antonio

Raymundo Guimarães, portuguez de origem e official em commissão contra as forças de Raymundo Gomes, ao passar pela sua choupana, divisára á porta duas filhas suas, ainda puberes e de grande formosura. Vendo-as sósinhas, pois o seu progenitor estava ausente, prendeu-as, invadio a casa e, enquanto a soldadesca se entregava ao saque, violentou-as barbaramente com outros camaradas. Dois dias após, chegando á casa, soube *Balaio* da sua desgraça. E, como um louco, sahio pela vizinhança a proclamar a sua deshonra, conseguindo levantar em massa os outros sertanejos, todos dispostos a lavarem no sangue dos *cabanos* e *lusos* a affronta soffrida por suas familias. Enquanto Raymundo Gomes, á frente de suas tropas, depois de occupar Chapadinha e outras localidades, atravessava o Parnahyba e invadia o Piauhy de ondê, afinal, era rechassado, voltando-se então para o Brejo, as hostes de *Balaio* desciam victoriosas até ao Rosario e dahi marchavam sobre Angicos destruindo as forças leaes. Ao mesmo tempo, Caxias não resistia ao cêrco dos insurrectos. Novos nomes de caudilhos já se tornavam conhecidos por estes e outros feitos audaciosos. Livio Lopes, em nome das liberdades *bemtevis*, intimava o prefeito caxiense, João Paulo Dias Carneiro, a entregar-lhe as chaves da Igreja de N. S. dos Remedios, que este profanára transformando-a em armazem de polvora e de armamentos. Um conselho militar, formado de Raymundo Gomes, Balaio, Ruivo e outros chefes das *columnas* li-

bertadoras, nomeava uma deputação de homens idoneos e respeitaveis da sociedade caxiense para entregar ao presidente da Provincia uma mensagem com as requisições das forças triumphantes. Nesse documento, em nome do *Partido Bemtevi* já de posse de quasi todo o territorio maranhense, declaravam os seus signatarios respeitar as leis do Imperio e o Throno de S. Magestadeo Sr. D. Pedro II. Affirmavam em seguida que, tomando armas, não tinham tido outro fim senão abrogar as leis provinciaes que crearam as prefeituras e offenderam a Constituição do Imperio. Pediam a convocação immediata da Assembléa Provincial para decretar a amnistia aos patriotas que se empenhavam nessa luta pelas liberdades publicas. Exigiam o banimento de todos os portuguezes, propriamente ditos, ficando na provincia sómente os adoptivos que, mesmo assim, seriam privados de exercer empregos publicos e de negociar em armas e munições. Finalmente, propunham a adopção de garantias para as tropas *bemtevis* e seus chefes que, segundo os seus méritos, seriam confirmados nos postos respectivos, obrigando-se todos a deporem as armas uma vez que fossem adoptadas as suas requisições.

A MORTE DO CANGAÇO

Analysando os termos destas exigencias, a nobre esposa do *Censôr* fazia-lhe vêr que, muito ao contrario do que affirmavam os periodicos locais, a provincia se achava em plena revolução. A differença entre os dois movimentos insurreccionaes então em ordem do dia, é que os *farroupilhas* dos pampas tinham erguido a bandeira da Republica, enquanto que os *bentivis* do Maranhão, com os seus alliados do Pará e do Piauhy, não visavam a quêda da monarchia“ — queriam apenas que se cumprissem as reformas liberaes decorrentes do golpe politico do 7 de Abril. Facilmente se reconhecia que não eram negros escravos, cabras boças e *calhambolas* sanguinarios e lavradrazes que haviam dictado aquellas condições para o restabelecimento da paz em Maranhão. Percebia-se até no estylo o *dedo do gigante...*

Terrível panico se apodera, entremettes, da população de São Luiz. A todas as horas chegam fugitivos do interior. As noticias, que trazem, são aterradoras. As povoações transformam-se em praças de guerra. Estendem-se os saques ás fazendas. Os feitores na sua maioria desertam dos seus postos ou são massacrados pelos escravos, victimas dos seus máos tratos. Para o *Quilombo* do preto Cosme, typo mixto de feiticeiro e de facinora, accodem em massa os negros, que escapam ao recrutamento dos rebeldes. Mais de cinco mil *calhambolas* se concentram assim entre Tutoya e Priá. D. Cosme Bento das Chagas (eis o nome do chefe africano) intitula-se *Tutor e Imperador das Liberdades Bemtevis*. Procura formar o seu Imperio á parte da insurreição. Dicta leis aos seus subditos Revestese para as suas ceremonias fetichistas das vestes talares roubadas ás igrejas das villas que devastou. Créa escolas para as crianças e adultos dos seus dominios. Além de cánticos guerreiros, adopta um hymno especial para commemorar a independencia de sua raça. Os escravos e os libertos, como prophetisára D. Martinha em suas primeiras cartas ao *Censôr*, acham-se já no direito de tomar parte na politica e na administração do paiz onde vivem...

Por outro lado, começam a ser divulgados nomes e cognomes dos mais destemidos entre os cabeças da *Balaiada*. O pardo Manoel Rodrigues Cocque celebra-se em proezas guerreiras para depois trahir os companheiros quando os

imagina nas vespéras da derrota. E' o *Judas da Balaiada*. Imita-o logo depois Domiciano Ayres, outro cabo audacioso. Os portuguezes José Nunes, *bemtevi*, e Manoel Domingues, *cabano*, salientam-se pelas suas crueldades. Militão Bandeira revolucionária Pastos-Bons e leva o facho da revolta á Chapada, ao Riachão e a Goyaz. No Pará e no Piauí, manifestam-se tambem levantes. Pedro Alexandrino, *Gavião*, João da Matta, *Macambira*, Francisco Pedrosa, *Pio*, *Tempestade* e *Côco* são nomes proferidos com pavor na capital. Mais do que estes, torna-se famoso *Molungueta*, um perfeito demonio,, na phrase da época, surgindo aqui e alli, onde menos se conta. Entre Mariquitas e Caiçara, nas margens do Parahyba, fórma-se o primeiro nucleo de *jagunços*: *Relampago*, *Corisco*, *Trovão*, *Raio*, *Caninana*, *Sete Estrellas*, *Tetéo*, *Andorinha* e *Piqui*, encetam a luta de guerrilhas. A figura do velho indio Matroá, da Aldeia S. Miguel, nas visinhanças do Itapicurú-Mirim, assume proporções de fabúla. Enorme espada á cinta, dando saltos de cobra, affrontando impavido as balas, dizendo-se *curado* de cóbra, de ferro e de tiro, e lutando como um tigre, assombra os companheiros nos seus 120 annos! Parlapatão e destemido, proclama-se precursor de todos os levantes liberticidas que agitaram o regimen colonial no norte do paiz. "Onde ha *rusga*, estou sempre": era a sua devise; e, aprisionado mais tarde e levado á presença do futuro Duque de Caxias, reafirma atrevidamente as suas bravatas, não se mos-

ira arrependido e diz-se disposto a empreender novas aventuras...

Todos esses factos, romanescos uns, outros tristemente reaes, trazem os habitantes de São Luiz em constante pavôr. Os grandes reforços de tropas, que chegam do norte e do sul do Imperio, e a divisão naval, ancorada na bahia de S. Marcos, sob o commando do Capitão de fragata Marques Lisbôa, não tranquillizam os espiritos. O proprio Presidente Felizardo, que se achava em forte divergencia com o Coronel Sergio, commandante em chefe das forças legaes, tambem se alarma quando, retomada Caxias, recebe a noticia de que, de victoria em victoria, os rebeldes já se acham a oito leguas de São Luiz. Chega mesmo a mandar encravar a artilharia das fortalezas da cidade.

Os chefes *bemtevis* da capital tambem buscam approximar-se do governo offerecendo-se-lhe para auxiliá-lo em todos os terrenos na defeza da familia maranhense. O coronel Isidoro, filho de D. Anna Jansen e Commandante de um dos batalhões da Guarda Nacional, equipá á sua custa os seus subordinados; e, com elles e outros elementos civis, organisa o corpo de *Voluntarios D. Pedro 2º*, prompto para ir combater os *balaios*. O Commendador Meirelles, por seu turno, depois de invectivar em Palacio a attitude indecorosa dos *marreco's*, e da familia Jansen *revirando a casaca* que tinha *virado* quando dissentira dos *cabanos*, offerece-se para constituir do seu bolso o *batalhão portuguez* e mostrar á ne-

gralhada o que valia a bravura lusitana. O Consul do seu paiz, informado de que o Governo accitára a offerta, formúla o seu protesto em um officio cheio de dignidade e de bom senso: "A Nação Portugueza era a maior amiga do Brasil entre os povos estrangeiros, porém jámais deveriam intrometter-se os seus subditos nos negocios internos do Imperio". O genio despotico de Meirelles não o deixa submetter-se aos conselhos de prudencia do representante official de sua Patria. E, como os guardas nacionaes de Dona Anna Jansen, os seus *lusos* marcham tambem, fartamente apparelhados, para os campos de batalha...

A esse tempo, o Presidente Felizardo cujo espirito conciliador e crédulo tocára até a uma longanimidade quasi criminosa, convencêra-se de que os chefes *cabanos*, que o cercavam, eram os principaes conspiradores contra a sua pessoa. Debalde, em uma conferencia em Palacio, procurára firmar um *modus vivendi* entre os *leaders* das facções em luta, pondo em frente um do outro, Sotero dos Reis e Joaquim Franco de Sá. Aquelle usára de taes evasivas e ártimanhas que Felizardo acabou por descobrir que os vinte contos, que exigia, para despezas occultas do seu partido, eram destinados a fazer contra elle uma campanha de destruição junto ao Governo Imperial.

Os planos de Meirelles, de José Mariani e do velho professor de latin, já director do Lyceo Maranhense, do qual acabaria por eliminar das

cathedras os professores *bemtevis*, seus inimigos rancorosos, vão, todavia, por agua-abaixo. Em vez do general Andréas, é nomeado presidente do Maranhão pelo novo ministerio que terminaria a Regencia, o coronel Luiz de Lima e Silva, mais tarde Marquez e Duque de Caxias. Auxiliado pelo espirito superior e culto de Domingos de Magalhães, futuro Visconde de Araguaia, o bravo soldado desembarca com o animo de pôr de lado os politicos e exterminar a ferro e fogo os revolucionarios da *Balaiada*.

— *Dito e feito*, escrevia D. Martinha em termos graciosos e levemente ironicos. O Coronel Lima e Silva mal desembarcou, se não veio como Cezar para vêr e logo vencer, applicou, todavia, o methodo positivo do Commendador Meirelles: metteo o pão não só para Caxias como para todos os cantos e recantos da provincia. Respeitou apenas o reducto um tanto fóra de mão de *Dom Cosmê*, o *Imperador das Liberdades Bemtevis*. Dizem por ahi, accrescentava a illustre Senhora, que trouxe carta branca para pôr tudo raso se fôr preciso. Mas me parece que a unica restricção que lhe impuseram na Côrte, foi no sentido de poupar o mais possivel as *vidas dos escravos*, arrebanhados para a luta. Nas ordens verbaes dadas aos chefes das tropas em palacio, o coronel não occultou mesmo esse intento. Recommendo-lhes que buscassem o mais possivel atrahir os escravos para os seus senhores nas fazendas, promettendo-lhes que não seriam castigados. Accrescentou mesmo em documentos escriptos que

o braço escravo representava a maior riqueza do paiz. E, quanto aos cabras e mestiços livres, concluiu, o seu exterminio seria um beneficio para prevenir futuras rugas como essa...”

Na ultima e laconica missiva escripta a Garcia de Abranches, dizia-lhe a illustre dama:

“O coronel Lima sahio victorioso em toda a linha. Dos truculentos *balaios*, restam apenas bandos escassos de *jagunços* que se entranharam nas florestas, preferindo a liberdade com as fêras á servidão com os homens. O novo presidente, com a sua tactica de ferro e a diplomacia do seu secretario, começou por isolar uns dos outros os grandes troços dos combatentes, cortando-lhes em seguida as retiradas e obrigou-os, por fim, a capitularem para depois atiral-os nas suas vanguardas contra os seus antigos camaradas. O que mais influio, porém, para a pacificação, foi sem duvida a declaração da maioridade do jovem monarcha. Lima prometteu logo perdoar os que depuzessem incondicionalmente as armas. Mas o fez só em parte. Assim é que deportou para outras provincias Raymundo Gomes e mais cabeças que escaparam vivos dos massacres ou não morreram logo em seguida de raiva e de dôr como o centenario *Matroá*. E, quanto ao negro Cosme, como bem previ e te annunciei, foi mettido a ferros na Cadeia, aqui, na Capital. Garantem os *cabanos* que seguirá em breve para o Itapicurú sob escolta escalada pelo chefe de policia, Dr. José Mariani, o grande amigo de Meirelles. E, uma vez alli, será solemnemente enforcado

em presença de numerosos escravos da região para que o seu suplicio sirva de exemplo aos que ainda sonham fugir das fazendas para os *quilombos*. “Bella amnistia, meu caro *Censôr!*... E dizerem por ahi que ella foi a *morte do Cangaço!* Do *cangaço?* Não: da *Balaiada*. O *cangaço* é a alma bravia dos sertões. E as almas bravias não se dominam pela força; domam-se só pelas influxo do ensino e da Fé!” E concluia D. Martinha:

“O povo desta terra é bom, é generoso, é crente. No auge mesmo da furia com que combatiam os *balaios* pelo que imaginavam ser a sua redempção civica, as peregrinações se succediam ao *Morro dos Milagres*, na margem maranhense do Parnahyba. Dizem que, nessa immensa rocha de cerca de 200 metros de altura, ha uma fenda estreita pela qual se espia e se vê no seu seio granitico uma imagem da Virgem, que não poderia ter sido alli posta por mãos humanas, tal a pequenez da abertura causada quiçá por um phenomeno scismico. E ha devotos que affirmam ter divisado, em vez da estatua, a propria Nossa Senhora orando pela Paz!.. Luzes, luzes, meu marido, é o que se precisa dar a esta gente...” (*)

(*) Até hoje não cessaram as peregrinações a essa rocha legendaria em cujo selo os peregrinos costumam tirar moedas, pepitas de ouro e pedras preciosas que, segundo dizem, já devem constituir um valioso thesouro.

XVI

D. EMILIA BRANCO

O fecho da ultima carta de D. Martinha ao *Censôr* deixára-me no espirito uma profunda confusão. Na minha pouca idade, não podia ainda compreender que aquellas palavras da nobre senhora continham um verdadeiro programma de acção, digno de ser estudado pelos poderes supremos do paiz. O chamado *cangaço* já era para ella nesse tempo um phenomeno social bem grave na formação da nacionalidade brasileira. Se, porém, uma tal apreciação só mais tarde deveria surgir ao meu espirito, então no inicio da sua evolução cultural, as leituras da sua correspondencia com meu avô não deixaram de despertar-me a curiosidade de saber porque essa fidalga hespanhola acabára por fundar um collegio, destinado á educação das jovens filhas da terra, para onde o destino a conduzira e onde deveria fixar-se até ao fim dos seus dias...

A' minha Tia Amancia, que fôra a sua primogenita, lembrei-me então de recorrer. Soube assim que, em S. Luiz, vivia ainda uma senhora intelligente e cultissima que, além de ser a chronica viva da cidade, conhecêra de perto D. Martinha. Hospedára-se em seu lar generoso quando, aos quinze annos, regressára de Lisbôa e fôra uma de suas primeiras discipulas. Na falta de educandarios femininos, dignos de tal nome, as moças da época buscavam o solar dos Abranches para instruir-se na convivencia de tão illustre e premdada fidalga: E, nos seus luxuosos salões, organisavam saraús e serões para aprender musica, pintura e bellas lettras.

Em certa manhã de maio de 1880, tive assim a felicidade de ser apresentado a D. Emilia Branco, amiga dos primeiros annos de minha Tia Amancia. Tinha esta por ella uma piedosissima amisade. Conhecêra-a no dia mesmo da sua chegada ao Maranhão; e, depois, tendo de acompanhar o seu pae ao exilio, só poudé revê-la muito mais tarde. Estava então no apogêo da sua fulgurante formosura. Vivia requestada, perseguida e adulada nas recepções da aristocracia de S. Luiz. Acompanhou depois com profunda dôr as suas desventuras e adversidades dramaticas. E, ao se revoltar contra ella quasi toda a sociedade maranhense, não a abandonou com a sua caridosa assistencia nesses dias amargurados de sua queda quando a alvejava o desprezo de muitos que haviam sido os verdadeiros culpados da sua desgraça.

Ao entrar na velha casa de azulejos da rua do Sól, canto da da Mangueira, sob cujo tecto se encerrára, ha largos annos, D. Emilia Branco, como se fosse um mosteiro, jámais della sahindo nem chegando ás proprias janellas para vêr o que no exterior se passava, tive uma grande surpresa. Paralytica dos membros inferiores devido a uma pertinaz polynevrite, repousando sobre uma poltrona de pellucia ao fundo da larga e alcatifada varanda, coberta por trepadeiras floridas, a visão, que tive, foi a de um conto de fadas. Quasi aos sessenta annos, apezar dos cabellos alvissimos que, levemente annelados, lhe enmolduravam a frente, a formosura daquella dama, que despertára aos seus vinte annos, tantas paixões violentas e tanta inveja, era ainda impressionante. Nem uma ruga nas faces! Pelle leitosa e fina; olhos de profunda ternura; sorriso sempre encantador e leve; mãos pequeninas, de puro marfim; dedos longos e unhas nacaradas, como se já então fosse moda decoral-as; pés pequeninos, pousados sobre artistica banquetta de ébano, confesso, afigurou-se-me no seu amplo penteador de cambraia de linho, ornado de rendas espumosas, uma dessas madonas que só o genio dos grandes artistas classicos poderia reproduzir e immortalisar na téla.

XVII

SEMEADORA DE LUZES

Ao avistal-a, senti logo que D. Emilia Branco percebêra o meu ar confuso. Mandou que me approximasse; e, fitando-me longamente, disse-me com doçura: “Tens muito de tua mãe, mas também um pouco de tua avó!”

Expliquei-lhe então, já sem muito acanhamento, o que desejava della saber, como lhe avisára naturalmente a minha tia Amancia.

Semeadora de luzes — começou ella, chamou um dia um presidente da Provincia a tua Avó! E D. Martinha, a *hespanhola*, como todos a tratavam nas conversas intimas, foi mesmo um raio dulcissimo da Providencia Divina a brilhar nas trévas da ignorancia, dos costumes baixos e do analphabetismo que embruteciam a vida colonial em S. Luiz e prejudicaram por mais de vinte annos ainda esta terra depois da Independencia.

D. Emilia usava sempre a linguagem erudita que lhe era peculiar e não exprimia affectação nem ideia preconcebida. Nunca lhe ouvi proferir uma expressão de portuguez baixo ou um termo de gyria popular. Muito lida, havendo mesmo quem dissesse haver esgotado todos os tomos do Gabinete Portuguez de Leitura, representado por alguns milheiros de obras, assignando revistas estrangeiras de renome e recebendo de um dos seus filhos, residente no Rio de Janeiro, todas as publicações interessantes que vinham á luz no Brasil, era natural que se tornasse uma figura singular no mundo feminino maranhense. Tambem o seu timbre de voz e a elegancia do seu phrasear seduziam todos que tinham a ventura de gozar do seu encantador convivio.

Fôram, pois, para mim horas de deleite intellectual ouvir-a fallar de minha Avó. No seu conceito a influencia espirital de D. Martinha começára a exercer-se em S. Luiz sobre o seu proprio marido. Até consorciar-se com ella em 1820, Garcia de Abranches, apesar do seu talento, illustração e prestigio social, não havia escripto um unico livro. Passava por ser a cabeça mais notavel dentre os seus compatriotas lusos, mas nada tinha produzido. Foi a sua nobre consorte quem lhe inspirou as paginas memoraveis de psychologia social do seu *Espelho critico e politico da Provincia do Maranhão*, publicado em fins de 1821. Já nesse tempo ella dava lições gratuitas a diversas senhoras da bôa sociedade,

mas que não sabiam lêr nem escrever. Duas grandes e absorventes preocupações, affirmou-me D. Emilia Branco, dominaram sempre a illustre fidalga hespanhola até á sua morte em 1855: o combate ao analfabetismo e a abolição do trabalho escravo.

Recem-casada ainda, fez época em S. Luiz a discussão havida entre D. Martinha e o governador Bernardo da Silveira, em um jantar offerecido a este em regosijo á inauguração da primeira typographya em Maranhão. D. Martinha suggerira a ideia de se fazer a colonisação das terras ferteis e sadias entre o Alto-Mearim e o Itapicurú com hespanhoes affligidos pelos horrores das guerras civis e da invasão estrangeira na peninsula iberica. Propuséra-se mesmo a favorecer essa corrente emigratoria escrevendo á sua familia muito prestigiosa nas Asturias e ao seu parente D. Austin Arguelles que voltára a exercer influencia directa nos altos destinos da sua Patria. O Governador era, todavia, da opinião de seu marido que lhe recordava sempre o fracasso do plano colonizador do capitão inglez Wellestood nas margens do Pindaré. A illustre dama não podia admittir que essa tentativa, aliás pouco criteriosa na sua execução, fosse para desanimar. O explorador britannico viera ao azar. Sem estudos prévios dos terrenos e dos climas, sacudira quarenta familias de hollandezes e irlandezes em zona enxarcada e palludosa, só visando os productos naturaes que ahi existiam e lhe aticavam a cubiça. Os hespanhões, como os

SECMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

portuguezes, não só eram mais resistentes aos calores equatoriaes, como entendiam o nosso idioma e mais facilmente poderiam ser orientados e conduzidos. O interpellado, que tinha espirito apprehendedor, parecia inclinado a estudar o problema, quando foi substituido no governo da provincia pela Junta presidida pelo Bispo D. Frei Joaquim. E, com este prelado lusitano, explicou-me D. Emilia Branco, D. Martinha nada sympathisava. Nutria elle um desprezo profundo pelos filhos da terra; equiparava-os aos negros escravos e ás bestas de carga; e, quando lhe fallavam em cuidar mais um pouco da instrucção dos nativos, replicava ironicamente: “Em vez de escolas, o que precisam esses animalinhos, é de curraes; e, se os fizermos menos *burros*, teremos por ahi mais coices e mais *zurros!*” Assim cognominava aquelle monge portuguez os discursos incendiarios feitos nos *clubs secretos* pelos propagandistas do partido *independente* ou *brazileiro*...

Os dias agitados que, por largo tempo, se succederam em Maranhão ao movimento de 7 de Setembro, não arrefeceram o grande amor da fidalga hespanhola pelo problema do ensino systematico e bem orientado na sociedade em que vivia. Arrastado embora o seu marido para as lutas politicas com a fundação do *Censôr*, o periodico em que tentou debalde pregar a concórdia entre brazileiros e portuguezes, perseguido, encarcerado e banido por Lord Cochrane diante da opposição a que saqueasse o erario

da provincia, e forçado, emfim, a se affastar do Brazil diante da attitude revolucionaria do seu filho Frederico Magno, jámais deixou D. Martinha de procurar espancar com as luzes do seu espirito o obscurantismo reinante em S. Luiz. Não só se fez méstra dos seus proprios filhos como dos ricos e dos pobres que a cercavam. Senhoras de bôas familias com ella estudaram as primeiras letras que desconheciam até se tornar mães e esposas. Algumas matronas, tidas por orgulhosas como D. Anna Jansen, supplicavam-lhe que dêsse ás suas filhas instrucção que não tinham infelizmente recebido. Raras contra ella se revoltavam imbuidas do preconceito imbecil de que saber lêr e escrever não era para gente de alta estirpe. Durante a revolução da *Balaiada*, a sua casa se enchêra de moças que, fugidas das fazendas do interior, haviam procurado abrigar-se na Capital.

D. Emilia Branco, possuidora de maravilhosa memoria, citava uma série de nomes de senhoras, que, haviam sido já de maior idade *discipulas* adventicias de D. Martinha, como esta as tratava. E revelou-me então o episodio doloroso que tinha influido para que a illustre fidalga se dispuzesse a fundar, contra a vontade do seu esposo, o *Collegio N. S. da Gloria*.

Foi o caso que o seu promogenito João Arguelles de Abranches, mais tarde cognominado o *Sábio*, um dia lhe annunciou o seu proximo casamento com D. Anna Henriqueta de Britto Guillon, viuva do subito inglez Abrahão Russell

Smith e pertencente á importante familia maranhense. Infelizmente, essa senhora, de rara belleza physica, era não só doze annos mais velha do que o seu noivo, como ainda, por um escarneo da sorte, nunca quizêra aprender a lêr e a escrever e falava como se não fosse de origem tão fina. “Como está vendo, meu filho, rematou D. Emilia Branco, sua Avó não foi só a heroína que, em certa noite tempestuosá, tomou um pequeno barco e dirigio-se para o Fôrte da Ponta-Areia, afim de procurar unir-se ao seu esposo, alli encarcerado brutalmente e prestes a ser deportado para os Açôres por vingança de Lord Cochrane; ella foi ainda uma verdadeira martyr, assistindo dentro do seu proprio lar “o talento a capitular com a estupidez!” Ficára tradicional em S. Luiz essa phrase attribuida á illustre educadora, D. Mathilde Ferraz, no dia do casamento do joven e culto filho do *Censôr* com uma analphabeta!...

XVIII

O COLLEGIO N. S. DA GLORIA

Descrevendo-me a inauguração deste instituto de ensino D. Emilia Branco falára com entusiasmo. Fôra um acontecimento que enchêra de jubilo toda a sociedade culta de S. Luiz. Dona Martinha, não só se cercára de suas tres filhas, que primorosamente educára, como escolhêra um grupo de professores de nomeada entre os maranhenses mais notaveis nas sciencias e nas letras. O vasto palacete da rua do Giz, hoje 28 de Julho, regorgitou logo de alumnas, sendo muitas enviadas do interior. Nas horas regulamentares, funcionavam as classes infantis e as médias para adolescentes. Pela manhã e á tarde, Dona Martinha se occupava em dar instrucção a senhoras que se envergonhavam da sua ignorancia perante os filhos. Os primitivos estatutos, datados de 1844 e approvados por honrosa portaria do presidente da Provincia, Conselheiro Figueira de Mello, dispunham não sómente sobre as discipli-

SECMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

nas escolares com tambem sobre o preparo physico, artistico, social e moral das alumnas. A's quintas-feiras, as meninas internas participavam de refeições, como se fossem banquetes de cerimonia, para que se habituassem "a estar bem á mesa e saber como se deveriam servir as pessôas de distincção". Uma vez por semana, á noite, havia aulas de dança sob a rigorosa etiqueta da época, depois de uma hora de arte, na qual ouviam bôa musica e apprendiam a declamar. Enfim, todos os annos, nos dias 14, 15 e 16 de Agosto, celebrava-se o anniversario do Collegio com uma missa solemne, á qual as alumnas compareciam todas de branco e grandes faixas azues, e com uma exposição publica dos trabalhos escolares.

Durante vinte annos até 1864, accentuou-me D. Emilia Branco, mesmo depois da morte de minha Avó, o Collegio N. S. da Gloria foi o unico grande instituto de educação para meninas em S. Luiz. Só então começaram a ser fundados outros que, com elle, dignamente rivalisaram sendo principaes o de N. S. de Nazareth, da distincta educadora D. Roza Nina e sua filha mais moça, o de S. Anna, de D. Luna Freire e o das Irmãs Carmini.

O *Collegio das Abranches*, como tambem se popularizou o instituto fundado pela veneranda fidalga hespanhola, mantinha ainda uma secção para meninos até 12 annos afim de praparal-os para o *Lyceo Maranhense*, creado por lei cinco annos antes, em 1838. A educação civica era

dada parallelamente á mental. Ao se declarar a guerra contra o dictador do Paraguay, professoras e alumnas fizeram serões confeccionando roupas e agasalhos para os voluntarios da Patria. E no regresso desse batalhão de maranhenses, commandados pelo coronel Cunha Junior e pelo futuro Barão de Penalva, os sobreviventes, antes da entrega da bandeira triumphante á Cathedral, foram desfraldal-a em honra das alumnas que a haviam bordado no Collegio N. S. da Gloria!

Themistocles Aranha, o grande publicista maranhense, com a sua penna diamantina, narrava então nas columnas do seu famoso jornal — *O Paiz*, essa imponente cerimonia. “*O Collegio N. S. da Gloria*, escrevia elle, commemorando o 22º anniversario da sua fundação, marca uma pagina honrosa na historia da civilização da nossa Provincia. Não é sómente sacrificio o derramar o sangue pela terra, que nos vio nascer, é tambem cuidar da mocidade, do seu moral, da sua fé religiosa, da sua cultura, preparando virtuosas e stoicas mães de familia. Este bem, que não se paga, esta educação sempre florescente entre nós, devemos a uma familia muito nobre e muito distincta a quem o Maranhão, tem a pagar no futuro enorme divida de gratidão!” ,*)

(*) Dos livros de matriculas do Collegio N. S. da Gloria, existentes no archivo do autor deste trabalho, constam entre numerosos nomes os seguintes que recordam familias illustres e tradicionaes, cujas filhas foram allí educadas: Tavares Belfort, Marques Rodrigues, Pinto de Magalhães, Bruce, Franco de Sá, Belfort Roxo, Vieira da Silva, Serra Lima, Collares Moreira, Burgos, Vinhaes, Pereira da Graça, Moraes Rego, Serra Belfort,

Viveiros, Meirelles, Jansen do Paço, Lopes da Silva, Almeida Braga, Henriques Leal, Silva Maya, Hall, Azevedo Valle, Serra Carvalho, Barradas, Saulnier de Pierlevée, Seguins de Oliveira, Vianna Ribeiro, Barreto, Ribeiro de Oliveira, Sá Valle, Guilhon, Vilhena, Furtado, Jansen Pereira, Bayma do Lago, Almeida e Oliveira, Costa Ferreira, Muniz, Wilson, Fribourg, Cantanhede, Moreira da Silva, Valente, Ziegler, Coelho de Souza, Stevenson, Serra Pinto, Souza Reis, João dá Cruz, Bordeaux, Barros e Vasconcellos, Silva Porto, Carvalho Reis, Balthazar da Silveira, Dias Vieira, Rodrigues Lopes, Gomes de Souza, Bandeira Duarte, Carvalho Leite, Xavier de Carvalho, Condurú, Vianna Vaz, Paula Duarte, Costa Rodrigues, Aranha, Serra Carvalho, Frazão, Ribeiro do Amaral, Travassos, Perdigão, Coelho Frágoso, Gama Lobo, Gomes Tinoco, Meira de Vasconcellos, Nogueira de Silva, Colin, Oliveira Santos, Jansen Tavares, Belchior, Sá Vienna, Godinho, Albuquerque Mello, Miranda Vianna, Mello Rocha, Gonçalves Nina e Pires Ferreira, etc. Nesses assentamentos, ainda se encontram matriculas interessantes: Na secção de meninos até 11 annos, destacam-se os nomes de Genial Gomes de Souza, do notavel engenheiro Palmerio Cantanhede, do jurista e parlamentar José Barreto, de Antonio Roxo Rodrigues, que mais tarde usou do titulo de Principe de Belford e do futuro Marechal Souza Aguiar que sempre me contava que fôra "a Senhora D. Martinha quem lhe ensinára a pegar na penna." E, nas propostas firmadas por presidentes da Provincia e altos magistrados, figuram o desembargador José Manuel de Freitas para a sua filha, que se tornou a escriptora Amelia de Freitas Bevilaqua, o senador Meira e Vasconcelos o Conselheiro Cincinato Pinto da Silva, dezembargadores Basilio Torreão, Lacerda, Catanho, Urbano Ribeiro, Augusto da Silva, e o juiz Herminio do Espirito-Santo que falleceu como presidente do Supremo Tribunal Federal.

XIX

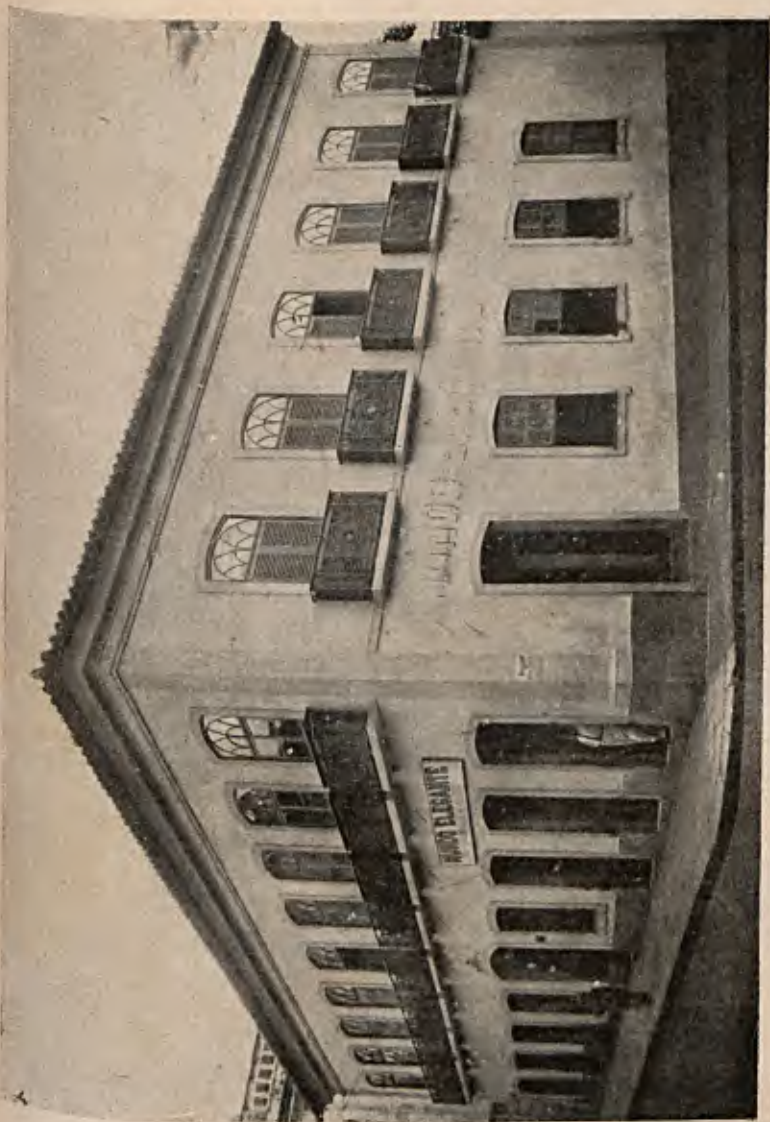
A RENASCENÇA MARANHENSE

Isolada do mundo, havia largos annos, na quella "*mansão encantada, onde um novo David lhe abria o livro do coração*", como se expressava sobre sua confortavel vivenda, alludindo ao romance tão discutido da sua vida, D. Emilia Branco, á semelhança dos eremitas, adquirira um modo de falar um tanto axiomatico.

No seu conceito, a fundação do instituto de ensino de D. Martinha, coincidindo quasi com a do Collegio Perdigão, destinado ao preparo mental do sexo masculino, marcára o inicio da *Renascença Maranhense*. A's grandes catastrophes civis, dizia-me ella, seguiam-se quasi sempre pe riodos de funda reparação espirital. A sangreira da *Balaiada*, destruindo lares, pervertendo almas, espalhando desgraças e crimes, provocára visivelmente uma profunda reacção moral contra o nefando regimen de baixas vinganças, de

predações, assassinios, attentados ao pudor e degradação das familias, imperante quasi tres lustros seguidos na provincia. A criação do *Lyceo*, perturbado embora nos seus primeiros dias pela baixa politicagem, que entorpece quasi sempre os estabelecimentos officiaes, prenunciára já, em plena guerra civil, essa vida nova que tanto aspiravam as classes mais cultas da população. E o facto era que a sociedade maranhense, pela sua vivacidade espiritual sempre superior á das outras regiões do Imperio, evoluirá assombrosamente nesses vinte e cinco annos seguintes apesar de agitados pelas guerras do Prata e outra o dictador do Paraguay.

Em S. Luiz o Collegio N. S. da Gloria preparára desde logo uma geração de moças bem educadas, constituindo uma verdadeira *elite social*. Esses espiritos novos começaram a modificar decisivamente os costumes grosseiros, herdados dos tempos coloniaes. As matronas, typos classicos de *Senhoras de Engenho*, brutaes, supersticiosas e ignorantes, foram adoçando os corações sob a influencia dos carinhos e das delicadezas de trato das filhas e das netas. Já não surravam diariamente os seus negros; e, só em momentos de muita raiva, mandavam-nos para o *Posto de S. João*. Ahi, o *Cabo Machado*, um portuguez naturalizado, latagão sacudido e feroz, começava raspando-lhes as cabeças e, depois, rachava-os a bôlos e chicotadas. Fôra esse policial largos annos o terror da gente baixa da cidade.



O Colégio N. S. da Glória, à rua do Sói, hoje Nina Rodrigues

Ao progresso da educação mental da juventude, sendo que mesmo entre os institutos destinados ao sexo masculino, como os do Dr. Pedro Nunes Leal e o dos Padres ou da Immaculada Conceição, fazia uma excepção, pelos barbaros castigos inflingidos aos alumnos o *Collegio do Pires*, immortalizado em uma pagina admiravel de Tasso Fragoso, juntára-se o apogêo litterario. O Maranhão tornára-se, de facto e de direito, a *Athenas Brazileira*. Grandes vultos surgiram de subito nas letras, nas sciencias, nas artes e na politica. Em 1846, a presença em São Luiz de Gonçalves Dias, já sagrado nos seus vinte e tres annos o maior genio da poesia nacional, ateiára o *fogo sagrado* nas almas juvenis, affirmára-me D. Emilia Branco. Nos saraus artisticos do Collegio N. S. da Gloria e na sua propria casa, onde se reuniam frequentes vezes os homens de letras da terra, ouvira-o recitar bem que não tivesse o dom da declamação. Em honra aos meus ardores abolicionistas, offertou-me a talentosa Senhora um numero, que guardei até hoje preciosamente, da revista — *O Archivo*, no qual publicára o immortal cantôr dos Tymbiras os seus versos intitutados “*A Escrava*”. Nesse numero, accrescentára ella para lisongear-me talvez a vaidade, vinham ainda uns endecasyllabos da layra do Dr. J. J. de Moura Magalhães, que presidia então a Provincia e era primo do meu Pae. Mandou que os lêsse, alli mesmo, na sua presença; e, como lhe confessasse, que não me haviam agradado, sorriu maternal-

mente e disse que tambem pensava que “a tal vate não tinham as musas embalado o berço.”

O *Archivo* era orgão da *Associação Litteraria Maranhensê*, presidida por Alexandre Theophilo de Carvalho Leal. E, entre os seus membros effectivos, além do bardo caxiense, destacavam-se já figuras brilhantes como Antonio Henriques Leal, os dois irmãos Collin, Augusto Cesar Raiol, Antonio Rego, Luiz Antonio Vieira da Silva, Frederico José Correia, Jauffret, Francisco José Furtado e outros moços illustres da época. Sotero dos Reis já quasi com cincoenta annos e João Lisbôa maior de trinta, absorvidos pelas pugnas renhidas da politica e preoccupados com altos estudos philosophicos e historicos, não se juntavam muito a essa pleiade de novos talentos quasi todos ainda de menor idade. Enquanto o severo professor de latim elaborava o seu *Curso de Litteratura* e, dominado pela paixão politica, misturava nos jornaes, que redigia, as suas locubrações historicas, com as polemicas partidarias, o mais novel dos cabeças da *Setembrada* ia felizmente desapegando-se das lutas facciosas para levantar esse monumento immortal de estylo e de critica — o *Jornal do Timon*. Entrementes, outras camadas de intelligencias privilegiadas vinham avolumar as glorias e as conquistas dessa juventude maranhense que, sahida dos ultimos dias da Regencia, formaria na vanguarda dos maiores intellectuaes do Segundo Reinado. Gomes de Castro, o futuro estadista e grande tribuno parlamentar, em cuja frente, na

phrase caustica de Ferreira de Araujo, os adversarios se afiguravam — *anões atirando pedras a aguias*, ainda então estudante de preparatorios, tentava fazer versos e fundava duas pequenas revistas com titulos mimosos e lyricos — *O Botão de Ouro* e *A Saudade*. Por seu lado, disputavam-lhe já os louros em torneios memoraveis, Tavares Belfort, Felipe Franco de Sá, Candido Mendes, Vilhena, João da Matta, Paula Duarte, Jansen Mattos, Almeida e Oliveira, Fabio Reis, João Coqueiro, Ferreira Valle, Themistocles Aranha e o genial Antonio Gomes de Souza, quasi todos nascidos após a Independencia. Daddos mais ás lettras do que á politica, ininterruptamente iam apparecendo e conquistando espóras de cavaleiro Souza Andrade, Gentil Braga, Sabbas da Costa, João Climaco Lobato, Cesar Marques, Joaquim Serra, José Eduardo e Joaquim Teixeira de Souza e Celso de Magalhães que, aos dezesete annos, corajosamente se insurgira em versos scintillantes contra o regimen escravo. A essa grande causa, consagrava tambem o seu bonissimo coração Antonio Marques Rodrigues, fundando a *Sociedade Manumissora Maranhense*. Todos os annos, no dia da festa de S. Benedicto, essa associação alforriava um certo numero de crianças na pia do baptismo. Aquelle illustre philantropo antecipára a ideia generosa contida na lei do ventre livre, baixada pelo ministerio Rio Branco. S. Luiz nessa época teve tambem a sua bohemia litteraria que deixou ruidosa tradição. Souza Andrade, Gentil Braga, Sabbas da

Costa, Joaquim Serra, escandalisavam a sociedade requintada e formalística que se organisára em moldes aristocraticos, com as suas peraltices, as suas anedotas e episodios de espirito. Deram vida e realce a certos typos pittorescos que se tornaram populares. Entre estes, ficou famoso o poeta Fabio Ewerton, cujas versalhadas — a *morte de Maria Barbara*, *Um passeio a cavallo pelo Rio da Paciencia* e outras chegaram a ser impressas em volume. Reuniam-se esses bohemios quasi sempre na casa de Gentil Braga, um vasto immovel, sito á rua Grande, esquina da do Passeio, e encimado por uma torre de azulejos, no alto da qual existia um mirante onde o traductor da *Eloá* escreveu as paginas delicadas do seu — *Entre o Céu e a Terra*. Nessa róda de litteratos, distinguia-se, se não pela sua fina cultura, mas pela bravura de suas ideias e opiniões, Satyro Antonio de Faria, que morreu octogenario depois da revolução de 15 de Novembro. Republicano decidido e bravo, não fazia mysterio dos seus sentimentos, affrontando os preconceitos arraigados do momento. Baixo, cheio de corpo, ventrudo e calvo, com a cartola de abas largas sempre no alto da cabeça, fráque e calças brancas de balão, pregava dia e noite pelas esquinas e pelos bilhares em altas vozes e gestos demagogicos as suas doutrinas revolucionarias. Fundou typographias, que não déram lucros; lançou periodicos ardorosos como o *Vulcão*, sahido á luz em 1848. Em 1890, ainda publicou *A Republica*. E, tendo passado pela assembléa provincial, em

ACMA - BIBLIOTECA P
Benedito Leite

que soffreu rudes ataques de Sotero Reis e outros monarchistas bisonhos, guardou até á morte immaculados e firmes os seus ideias democraticos.

Como Satyro de Faria, que Sotero costumava chamar cidadão *Sátiro de Fária*, tornando-lhe esdruxulos os nomes, Ignacio José Ferreira, de espirito mais conservador, tentára explorar a arte typographica. Esta, porém, tocou em S. Luiz ao apogêo technico ao surgir a figura brilhante de artista de Belarmino de Mattos, cujos trabalhos graphicos se notabilisaram em todo o Brasil. Deveu-se-lhe desde logo a fundação do *Semanario Maranhense*, revista que rivalisou com as melhores da Europa, sob a direcção de Gentil Braga e Joaquim Serra, que foi o seu redactor-chefe. Alem de artigos litterarios, scientificos e historicos e poesias delicadas, publicava esse hebdomadario a *Revista do Exterior*, firmada por Flavio Reymar, e a do *Interior*, da lavra de Pietro de Castelamare, pseudonymos respectivamente daquelles dois illustres escriptores maranhenses.

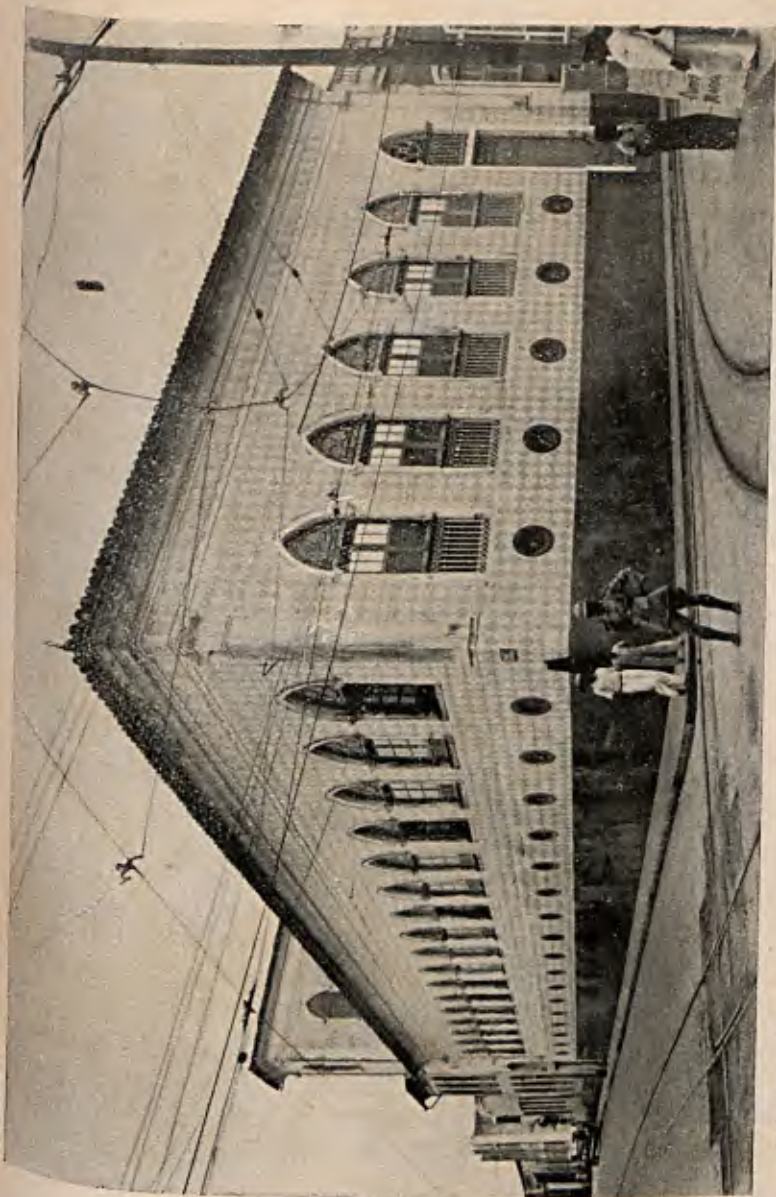
São Luiz fornecia então assumptos fartos para commentarios semanaes. A sua vida espirital intensa correspondia a uma brilhante vida social. Em certos salões, o luxo e a elegancia consorciavam-se com as mais requintadas exhibições artisticas. A *Sociedade Philarmonica* dava mensalmente no salão de festas do Collegio N. S. da Gloria, um grande concerto seguido de baile a rigor. No Theatro S. Luiz succediam-se as companhias estrangeiras de opera e nacionaes

de comedias. Pelo seu soberbo palco, passaram as maiores notabilidades da musica e da tragedia. Uma linha de navegação directa da Europa para a bahia de S. Marcos facilitava esse constante intercambio artistico. E deixou mesmo tração um concerto dado pelo eximio pianista Arthur Napoleão, que contava apenas quinze annos. e recebeu dos seus admiradores um cofre de prata e ébano contendo alguns contos de réis em moedas de ouro !

Fazendo parte do elenco de uma dessas companhias lyricas italianas, chegára um dia a S. Luiz a famosa soprano Margarida Ponchielli; e, por um desses caprichos do coração, ahi ficára residindo e tornára-se esposa do comediographo Sabbas da Costa. D. Margarida foi mestra de duas gerações de jovens maranhenses que se fizeram insignes cantoras. Também o maestro João Pedro Zieglér, violino de *spala* do Theatro D. Carlos, em Lisbôa, não tardaria a fixar-se nas terras maranhenses com a sua illustre familia; e, para não citar outros nomes, basta lembrar que, no professor Guignard, conquistou a capital atheniense para a sua Cathedral um dos mais reputados organistas da França.

Recordando-me essa phase faustosa da *Athenas Brazileira*, os lindos olhos de D. Emilia Branco scintillavam em um fulgor estranho. A sua narrativa como que me dava a impressão de estar presenceando esses dias venturosos da renascença maranhense.

Vivia-se em S. Luiz, affirmava-me ella. Grandes costureiras francezas ahi se tinham estabelecido. Madame Esmeralda, Madame Ory e sua formosa filha, mantinham a fama e todos os requintes da moda parisiense. Fortunato e Luiz Ory, cabellereiros de senhoras, tinham todas as horas occupadas. A *Notre Dame de Paris* era o emporio das sedas mais caras e das mais finas perfumarias. Os irmãos Bluhm, filhos da Allemanha, mas educados na Inglaterra, fabricavam chapéos do mais alto estylo britanico para homens que se trajavam rigorosamente á moda londrina. As joalherias Chevance, Ferdinand Fouque, Thouverez e Krause vendiam annualmente milhares de contos em joias. O trabalho escravo dava para tudo isso: tornára o Maranhão uma das provincias mais fartas do Imperio pela sua riqueza economica e pela pujança intellectual dos seus filhos !”



Palacete colonial, á rua Grande, hoje Oswaldo Cruz. Na torre, nelle existente, escreveu Gentil Braga o livro — *Entre o céo e a terra*

A ATHENAS BRAZILEIRA

Naquella hora mesmo em que assim me falava a minha illustre interlocutora, nesse anno da graça de 1881, S. Luiz ainda conservava os seus fóros de metropole espiritual do Brazil. A cultura do vernáculo tornára-se o padrão de gloria dos maranhenses: ninguem os excedia pelas outras provincias na pureza, na correção e na elegancia da linguagem. N' *O Paiz*, que durou mais de vinte annos, Themistocles Aranha caprichára sempre em manter a imprensa doutrinaria em moldes elevados de estylo de modo a educar a opinião com leituras instructivas e agradaveis. Os proprios orgãos dos partidos mesclavam os seus ataques acerbos aos adversarios com producções litterarias de fino gosto. E Victor Lobato fundando *A Pacotilha* e imaginando fazer uma folha genuinamente popular, deu-lhe um tom leve e vivaz, mas nunca permittio que o doesto brutal substituísse a satyra espirituosa ou a critica sub-

tos em causa, revidaram brilhantemente publicando nesse idioma classico um numero inteiro da *Civilisação!* Tambem no *Pensador* mostraram se manejadores valorosos da penna: Manoel de Bettencourt nos editoriaes sobre assumptos philosophicos; Eduardo Ribeiro, que mais tarde teve na Escola Militar por alcunha o nome desse periodico e foi depois governador do Amazonas; Aggripino Azevedo, Pedro Freire, J. F. Cromwel, J. Pinho e Aluizio Azevedo, que traçou chronicas sociaes e contos muito interessantes. A esse tempo, a nova corrente intellectual não era menos brilhante do que a anterior que já produzira notaveis homens de lettras e de sciencia e projectos parlamentares. No andar terreo do seu palacete do Largo do Carmo, João Arguelles de Abranches que, annualmente, dava dois grandes bailes á fantasia no Theatro S. Luiz, sem duvida o mais bello edificio do seu tempo, construia o *Theatro Variedades* para amadores. Para esse centro de arte, escreveram peças originaes, entre outros, Sabbas da Costa e Arthur Azevedo. A opereta — *O Cara linda*, com musica de Leocadio Raiol, e os monologos *Todos bebem* e *Todos furtam*, de Euclides Faria, produziram um grande successo. Este poeta e, com elle, Aluizio e Americo Azevedo, e João Affonso do Nascimento revelaram-se perfeitos actores. Nos torneios da imprensa e da oratoria, destacavam-se Raymundo Abilio, Vianna Vaz, João Henrique, Ribeiro da Cunha, Francisco Viveiros de Castro, João Candido Filho, Sá Vianna, Hygino Cunha, Bar-

ros e Vasconcellos, Alfredo Barradas e muitos outros. Manoel de Bettencourt, portuguez de origem, dotado de prodigioso talento e cuidadosa cultura, de regresso de seus estudos em Lisbôa, escandalisára a propria bohemia da terra envergando calças de quadros largos, collete vermelho, gravata multicôr, fraque de abas até á barriga das pernas, cartóla ao lado da frente, fumando dois charutos ao mesmo tempo, trazendo pendentes ao pescoço tres monoculos e brandindo pelas ruas duas bengalas, o que provocou fortes assuasdas dos garotos e dos estudantes do lyceo. Os janotas de São Luiz não o receberam bem. Felizmente acabando de desbaratar os recursos que possuia, modificou os trajes extravagantes; tornou-se incomparavel professor de philosophia, litteratura e historia; e, no jornalismo, foi durante longos annos o *primus inter pares*. A esse tempo tambem, os bohemios de S. Luiz tinham por manual as "Noites na Taberna" de Alvares de Azevedo; e, no Club C. P., davam largas aos ardores naturaes da mocidade.

Entremettes, a vida social de S. Luiz procurava manter os seus fóros aristocraticos. A' *Sociedade Philharmonica*, succêdera o *Club Familiar*, installado no riquissimo palacete do Comendador Leite, na rua Formosa. As festas dos Remedios, de Santa Philomena e de Santo Antonio, serviam de pretexto tambem para as exhibições de modas e de elegancias. E, apesar da decadencia latente da lavoura do algodão e do erro dos agricultores na aquisição a credito de

engenhos para o fabrico de assucar, vendendo os seus melhores escravos para S. Paulo e Minas afim de fazer com elles dinheiro, ainda éra o suor do negro africano que dava ás terras maranhenses as apparencias de seu antigo bem estar e de sua passada riqueza...

XXI

AMORES E TRAGEDIAS DOS EITOS

Traçando-me em linguagem amena e erudita o magnifico panorama do florescimento do Maranhão nas letras, nas sciencias e nas artes e acompanhando *pari passu* a marcha civilisadora dos seus institutos de ensino e de cultura mental. não me occultára, todavia, D. Emilia Branco os graves preconceitos e baixos costumes que subsistiam na sua vida social, herança nefasta dos tempos coloniaes.

A organização da familia ainda deixava muito a desejar. Ella, que fôra uma victima das brutalidades imperantes nos lares, quando se fizera mulher, podia expressar-se assim.

O regimen da escravidão embotára fundamentalmente os corações. Os negros africanos viviam collocados abaixo dos animaes domesticos nas casas onde serviam. Mal alimentados, curtidos de sevicias, não lhes era permittido terem descanso nem somno nem molestias. Dia e noite la-

butavam rudemente, quer nos trabalhos do senhor, quer alugados para as obras publicas. O *preto da canga* em S. Luiz tinha em geral um aspecto monstruoso: forçado a carregar aos hombros toneladas e a servir de machina de quebrar blocos enormes de cantaria, além de roído sempre pelas verminoses, tornava-se cambayo e apresentava o corpo coberto de hernias. As chamadas *pedras do Dique* eram ainda então o attestado secular do doloroso martyrologio dos seus miseros carregadores...

A ogerisa entre os brancos, especialmente os portuguezes, e os homens de côr não cessára com a Independencia e o surto civilizador que se lhe seguio. Apesar de constantes e multiplos cruzamentos, tentara-se em vão guardar sempre entre as duas raças uma profunda equidistancia. Em S. Luiz, as senhoras de bôas familias lutavam desesperadamente para evitar os bastardos e conservar o sangue puro entre os seus filhos. Os seus chefes, todavia, eram victimas a cada passo das fraquezas da carne. As mestiças maranhenses passavam pelas mais bellas do Norte do paiz. Entre a gente do commercio, principalmente, patrões e caixeiros possuiam todos em geral *casa posta*. Chamava-se assim ter amasias *teúdas* e *manteúdas*. Os domicilios duplos eram móda e, com elles, as *familias postiças* como as estygmatisavam as legitimas. E, no mesmo collegio, era commun filhos naturaes serem condiscipulos dos legaes. Pelo interior da Provincia essas alianças, ainda se mostravam mais tristes. Muitos fa-

zendeiros jactavam-se de ser perfeitos nababos. No Alto-Mearim, em uma situação agricola, por onde passei mezes depois da lei 13 de Maio, ainda me hospedou um rico lavrador que, com a maior naturalidade, me apontou em torno da casa da familia uma série de pequenas habitações, cada qual occupada por uma concubina, sua ex-escrava, e respectivos herdeiros. E era publico e notorio em S. Luiz que, no Rosario, na chamada Olaria, o representante de um crêdo religioso havia tido com as suas captivas mais de duzentos filhos, muitos dos quaes subiram ás mais altas posições no Imperio...

A *Balaiada*, como todas as lutas civis, fazia-me vêr D. Emilia Branco, aggravára ainda mais essa deploravel dissolução de cotumes. Ao rebentar o movimento, o panico se apoderára das populações ruraes. Houve o exodo geral das villas e das lavouras. Os escravos ganharam logo as matas, repudiando o captiveiro. Os fazendeiros e seus feitores, receiando as vindictas dos opprimidos, correram a homisiar-se na capital. Muitos abandonaram bruscamente esposas e filhas pelas roças na persuação de que, como mulheres, estavam menos expostas aos perigos. Algumas destas, sem a minima instrucção, embrutecidas pelas practicas licenciosas das senzalas, entregaram-se leviaamente ou por terror a libidinagem dos insurrectos ou se ligaram aos proprios escravos, seus predilectos. Esses amôres dos eitos déram mais tarde ensejo a dramas cruentos e repulsivos. Houve por toda a parte nu-

merosos infanticídios para se occultarem estupro e adulterios. Das fazendas mais proximas de S. Luiz, emissarios vinham embuçados durante a noite em barcos veleiros conduzindo recém-nascidos que jogavam nas ruas proximas ás praias. A chronica da terra guardou mesmo de geração em geração o episodio do achado na mesma noite de tres meninas engeitadas que, recolhidas por familias illustres, foram mais tarde ornamentos notaveis da sociedade maranhense.

Jugulado o levante dos *balaíos* pelo futuro Duque de Caxias, recommendou este aos chefes militares que, dentre os prisioneiros, procurassem poupar acima de tudo as vidas dos insurrectos que fossem escravos pois “representavam a riqueza mais preciosa da Provincia”. Restituídos aos capitães do mato, esses infelizes não só eram submettidos a mais duros castigos do que dantes, como tinham a golpes de vergalhos de depôr nas devassas que os senhores abriam nas roças para apurar tudo o que se havia passado em sua ausencia. Instituiu-se assim a *justiça das senzalas*. Os que se imaginavam offendidos na sua honra ou lesados em seus haveres, antes de se vingar, desciam a apurar os mais ignobeis delictos das suas familias e de seus famulos. Houve punições horrendas que ficaram para sempre gravadas na tradiçãõ popular. A pena de Talião foi applicada com os mais ignobeis requintes de perversidade...

D. Emilia Branco enumerou-me então alguns desses nefandos attentados em plena civili-

sação christã, imprimindo-lhes as côres impressionantes de quem os havia apreciado no flagrante dessa época sombria da vida maranhense: "Alguns dos protagonistas desses dramas medonhos, observou ella, ainda ahi arrastam uma existencia cortida sem duvida de remorsos e de arrependimentos. Outros deverão estar penando no purgatorio os seus execrandos delictos. E, o que é mais doloroso, não poucos pertencem a familias de nomeada e de posição. O pae da *Zizi*, por exemplo, era um lavrador de largas posses, mas nunca a educára como devia. Ao irromper a *Balaiada*, estava aqui na capital e não a mandou buscar. O feitor, homem branco, mas cruel, a requestava; foi, todavia, o primeiro a fugir da fazenda com medo da vingança dos escravos que duramente flagellava. Um destes, mulato escuro, fôra irmão de leite de *Zizi* e carregou-a no bando dos rebeldes, indo acoutar-se ambos nos domínios do quilombo do negro Cosme. Ao findar a insurreição, foi o casal feito prisioneiro, já com um filho recém-nascido, e recambiado para a fazenda de onde se evadira. Excitado pelo ciume do vingativo feitor, o velho fazendeiro, depois de espancar a filha no tronco da senzala, quiz obrigal-a a atravessar o coração do amante com uma faca *pajau* de dois gumes. E, como esta reccusasse, mandou despojal-a das vestes; e, depois de amarrar-lhe o corpo ao do amasio, já moribundo e crivado de facadas, enforcou-a em um galho de arvore e mandou que os dois cadaveres fossem lançados nos campos baixos de Anajatuba para

servir de pasto aos côrvos. Durante essa scena selvatica, a mãe preta da joven fugio de casa com a criancinha indo pedír soccorro a uns visinhos, inimigos rancorosos do fazendeiro e temidos pela sua valentia. E, dias depois, sob a guarda destes, poude evadir-se conseguindo afinal acoutar-se em um dos quilombos das matas do Pindaré. Essa criança, accrescentou D. Emilia Branco, teria tambem um destino tragico muitos annos depois. Criada por gente baixa e fei-ticeira, fugio na adolescencia para o Pará, onde se entregou á pratica de sortilegios, e, mais tarde, passou-se para S. Luiz; ahi se popularisando e sendo presa e prócessada sob o nome de *Amelia Pagé*.

Outro episodio execravel foi o do negro Amaro. Uma jovem, casada com um agricultor e pertencente a uma das familias mais finas e influentes da provincia, apaixonou-se por um dos seus famulos. O escandalo não tardou a explodir. O marido ludibriado, simulando uma viagem a S. Luiz, voltou alta noite á sua fazenda e conseguiu apanhar o flagrante. O escravo Amaro foi logo metido no tronco em um quarto escuro onde, dias seguidos, amargou fome e sêde, até que chegassem os parentes dos municipios visinhos e da capital. Reunidos estes em conselho de familia, do qual participaram titulares e politicos prestigiosos, foi resolvido que se enviásse a adúltera para a casa materna em S. Luiz. Quanto ao seu cumplimento, foi desnudado; e, depois de retalhado a azorrague, amarraram-no em um poste no meio

do campo de criação com o corpo untado de mel para que os mosquitos o atormentassem até que viesse a fallecer dos golpes mortiferos com que barbaramente o haviam mutilado. Este episodio (diga-se aqui entre parenthesis) dois annos depois que me fôra revelado por D. Emilia Branco, ia provocando um outro attentado. Tendo um dos membros da familia vingadora, em uma polemica pe'a imprensa, chamado o poeta satyrico Euclides Faria de *devoto de Baccho*, este replicára que preferia pertencer á irmandade de S. Martinho a ser, como o seu contendor, *devoto de Santo Amaro*. Nessa mesma tarde, aquelle talentoso humorista escapava de uma tentativa de assassinato por causa de tão ferina allusão aos parentes desse poderoso politico; e, a situação para elle se tornava tão arriscada que tinha de emigrar no dia seguinte para a capital paraense onde fixou residencia até á morte...

Ao terminar a minha illustre interlocutora uma dessas suas impressionantes narrativas, não resisti ao impulso de perguntar-lhe o que é que faziam os governos e a magistratura de então para corrigir tão graves abusos e castigar tão ignobéis delictos ?

A resposta me foi dada com um sorriso amargo e complascente: "Nunca esqueças na vida, meu filho que a *Senhora Politica*, em o nosso paiz, como em outros está sempre acima da Administração e da Justiça, ambas com letras maiusculas. Esta *megéra* toda poderosa nunca teve entranhas... Depois... muitos chefes de

partido e não poucos juizes, que por ahi ainda vivem, foram criados e feitos sob o regimen cruento da escravidão...”

Recordou-me então o recente e nefando crime de um alto magistrado que, filho de uma das provincias do Sul, viéra para S. Luiz e ahi galgára posições até ser nomeado desembargador da Relação. Passára a sua vida de criança no ambiente sórdido das senzalas; era escravocrata de raça; viciára-se na vida crapulosa dos eitos e, com uma negra, tivéra uma filha natural que mandára instruir e casára com um collega de judicatura. Pelas ruas da capital maranhense, perambulava a *Mariquinhas*, uma dessas mulatinhas livres de nascença e licenciosas de costumes, conhecidas na gyria popular da época por *báte-chinellas* ou *pequenas do baralho*. Metida sempre com estudantes e caixeiros da sua idade, de genio alegre e folgasão, era frequentadora dos *bailes do Becco Escuro*, dos *fandangos do João Enxova* ou da *Casa do Mestre André*, os antros do vicio mais desprezíveis da cidade. Apaixonando-se por essa jovem infortunada, o velho desembargador ferozmente a perseguia, querendo-a só para si, mandando espional-a por todos os cantos e ameaçando-a a cada passo de mata-la como se fosse uma das suas escravas. Descobrimdo, afinal, que tinha a infeliz por amante preferido, um rapazóla elegante e bonito que, depois, se tornaria um academico chronico de direito e incorrigivel bohemio, atrahio-a á sua propria residencia da ladeira de S. João, estrangulou-a,

cobrio-lhe o corpo de punhaladas e esquartejou-a, enterrando-a debaixo de uma escada interior em um caixote de zinco. Para esse acto cruelissimo, conseguiu dois miseros comparsas que agiram sob o terror diante desse monstro incarnado em tão alto e poderoso representante da justiça publica. E, o que é mais horripilante, nessa mesma noite do crime, presidia um banquete festivo em casa da sua filha bastarda e agradecia o brinde de honra, levantado á sua tóga impoluta e veneranda de juiz integerrimo e magnanimo... O lapis de Angelo Agostini na *Revista Illustrada*, do Rio de Janeiro, reconstruiu esse drama abominavel em paginas immoredouras. E o crime de Pontes Visgueiro, dados o escandalo e a indignação que provocou em todo o paiz, tornou-se o thema predilecto dos nossos criminalogistas mais eminentes que, todavia, jamais o estudaram como um dos fructos ignobeis do captivo no Brasil!

Durante o regimen servil até ás vesperras mesmo de sua extincção, delictos abjectos, como o daquelle velho magistrado, se multiplicavam por todo o territorio nacional, ficando em geral sepultados pelos montes e valles onde eram impunemente praticados pelos donos de escravos ou seus apaniguados, verdadeiros régulos nas suas fazendas e nas povoações da visinhança. Em S. Luiz, houve até casos de impressionante mimétismo. Logo depois do assassinato da *Mariquinhas Pontes Visgueiro*, como ficou dahi por diante chamada a victima da libidinagem daquelle infeliz negreiro togado, um dos collegas

SUMA - BIBLIOTECA PUBLICA
Benedito Leite

deste de judicatura, filho tambem de uma das provincias do sul, tentava matar uma costureira mestiça, cuja casa da rua de Sant'Anninha frequentava, golpeando-a com uma grande tezoura de cortar moldes. A infeliz soube defender-se bravamente com um socco na frente do aggressor que tombou estonteado. E foi tão fórte o ruido causado por esse novo attentado que o filho do criminoso, alto funcionario do ministerio da Justiça, teve de ir buscal-o em S. Luiz conduzindo-o para o Rio de Janeiro, onde logo foi apresentado...

Narrando-me estas tragedias dolorosas, D. Emilia Branco as analysava serenamente á luz da psychologia, sua sciencia predilecta. Difficilmente os que tinham ou tiveram escravos, ponderava-me ella, se resignariam não só a admitir que viessem a ser um dia redimidos, como tambem que não era direito seu tirar-lhes a vida como já lhes haviam arrancado a liberdade. Recordou-me então o recentissimo crime de uma senhora, fazendeira em Alcantara e esposa de um eminente politico, galardoado com dois diplomas academicos e homem de grande coração. Fizeram-na passar por louca para justificar o duplo assassinio que perpetrára em dois filhinhos de de uma escrava para vingar-se desta, golpeando-lhes dias seguidos os ventres até que fallecera de peritonite. O seu advogado, o Doutor Paula Duarte, tribuno sem par, produzira uma defeza eloquentissima que lhe conquistára uma cadeira de deputado, premio da familia da ho-

micida aos seus habeis esforços. Não destruíra, contudo, o libello terrível e esmagador, articulado pelo promotor publico de S. Luiz, o poeta delicado e fino jurista Celso de Magalhães, um dos primeiros propagandistas da abolição nas terras maranhenses. Todas as classes sociaes se levantaram indignadas pedindo a punição da matadora. O medico illustre, que passára o attestado de obito affirmando terem as crianças perecido de vermes nematoides, foi desde logo estygmatisado com a alcunha de *Doutor Ankylostomo*. Contra elle se revoltaram os estudantes do Lyceo obrigando-o a demittir-se de seu director. A criminosa, todavia, na intimidade dos parentes, mostrára-se tranquillá durante todo o processo e admirada de se vêr arrastada ao banco dos réos quando, pelo interior da provincia, tantos escravos haviam sido surrados pelos senhores até morrer no tronco sem que nenhum destes fosse incommodado por isso na suas propriedades... E, com uma ironia pungente a crispar-lhe os labios, concluiu D. Emilia Branco:

— Tudo isto, meu filho, deveremos agradecer ao bello regimen colonial que amargamos. O coração dos homens não era só rudo e crú para os seus negros escravos: a cobiça do ouro e a paixão do mando de todo os cegavam; e faziam elles tambem dos seus lares verdadeiras senzalas...

SECMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

O CAPTIVEIRO DAS BRANCAS

Regressando á casa ao anoitecer desse dia em que, durante cinco horas, me deixára absorver pelas interessantes narrativas de D. Emilia Branco sobre a vida maranhense no primeiro quartel do segundo reinado, anciava já pela proxima quinta-feira em que a folga das aulas me permittiria voltar á presença de tão erudita senhora.

A *escravidão na familia*, affirmára ella, herdára tambem o Brazil independente dos seus fundadores e donatarios. Esposas e filhas eram em geral equiparadas á mucamas, a servas despreziveis, a animaes domesticos de nenhuma estimação, sem direito de pensar, de sentir e de querer a não ser pelas cabeças, pelos instinctos e pelos interesses dos seus chefes ! Tão revoltantes revelações profundamente me abalaram o espirito novel e imaginativo...

Ao receber a minha segunda visita, D. Emilia Branco, pedio-me que conduzisse a sua cadeira de rodas para o outro extremo da varanda. Explicou-me que, alli perto, um dos seus filhos entregava-se naquelle momento a importante trabalho litterario. Para quem escreve, accrescentou, ás vezes um zumbido de mosca faz de chofre perder a inspiração ou o fio do discurso. E, fazendo assentar-me em sua frente, disse tristemente: “Para que possas formar um juizo perfeito do que foi, e ainda é em certas familias de fracas luzes e baixa educação, o que eu chamei o *captivo das brancas*, basta contar-te a minha propria historia !”

A scena, que então se passou, jamais pude esquecer. Guardo-a ainda na mente como em um flagrante perenne. A minha memoria sempre foi o mais feliz elemento dos meus successos na vida publica. E, como jornalista e deputado, cultivei a alta reportagem politica e cheguei a reproduzir, sem ter tomado sequer uma nota, sessões secretas da Camara com os discursos na integra dos oradores e os incidentes grotescos entre collegas que jamais imaginaram que transpirassem cá fóra, o que me trouxe não poucas inimizades pessoas...

A minha interlocutora, quando se expressava mesmo em uma simples conversa, tinha inflexões de voz, lampejos de physionomia, jogo de olhares e gestos rapidos e cortantes, que davam a impressão de estar reproduzindo em uma tela

tudo o que lhe brotava dos labios finos e aristocraticos.

Seu nome na familia fôra Emilia Pinto Magalhães, disse-me ao começar. Seus paes, Custodio José Pinto de Magalhães e Maria José Magalhães, eram *alfacinhas*. Ella tambem nascêra em Lisboa em 1818. Baptisára-se na Freguezia dos Olivaes. Aos tres annos, já sabia lêr e escrever sem que lhe houvessem ensinado: apprendêra por ouvir os estudos das outras crianças. Nessa idade, recitava versos; e, mais tarde, entrando para o collegio, tornára-se a *primeira actriz* dos espectaculos escolares e, nas procissões, levava sempre a *Veronica* porque a consideravam linda como uma santa. Adolescente ainda, partio para S. Luiz do Maranhão, que acabou amando tanto e onde a esperava o seu *calvario*. Os primeiros annos de sua juventude foram alegres e felizes. Logo ao chegar tivêra a ventura de ser hospedada pelo *Velho Censôr*. Afeiçãoára-se filialmente a D. Martinha. No solar dos Abranches participára de saraús artisticos. Aperfeiçãoára-se nas linguas estrangeiras e cultivára a musica e a pintura. Conquistára bem depressa uma brilhante aurea entre as joyens do seu tempo. A sua formosura muito concorrêra todavia para as suas futuras desditas. Antes que experimentasse qualquer affecto amoroso, decidiram bruscamente da sua sorte. Embora casados ás vezes com brazileiras e com herdeiros nascidos em S. Luiz, era lei entre os portuguezes de todas as classes sociaes só consorciarem as fi-

lhas com os seus compatriotas. No commercio da terra, o primeiro caixeiro era fatalmente designado para ser marido da primogenita do patrão. E as demais irmãs, se as havia, iam sendo destinadas aos outros empregados segundo a ordem de sua categoria no balcão. Tidos os natu-
raes da terra como *peraltas*, *madraços* e *pelin-
tras*, não lhes era permittido levantarem os olhos para as descendentes directas dos lusos que, em ultimo caso, importavam noivos para ellas dentre os seus parentes das aldeias de além-mar. E, se as pobres victimas ousavam revoltar-se contra esses editos paternos, metiam-se em surras como perfectas escravas ou eram postas na rua como indignas e perversas. Esses castigos tocaram certas vezes á proporções de crudelissimos assassínios.

“Não escapei eu tambem, disse-me D. Emilia, a esse verdadeiro trafico de esposas brancas reduzidas a objectos de mercancia entre socios, interessados e caixeiros, para consolidarem casas mercantis, perpetuarem firmas commerciaes, garantirem heranças e successões e não diminuirem capitaes realisados. Um bello dia, ainda com dezeseite annos incompletos, chamaram-me á presença de um senhor que mal conhecia e disseram-me que, dalli por diante, passaria a ser sua noiva. Não tive animo para reagir; curvei a cabeça, aturdida, sem saber o que replicasse. Contaram-me depois que se tratava de um commerciante *apatacado*, nascido como eu em Portugal e espartissimo para os negocios.

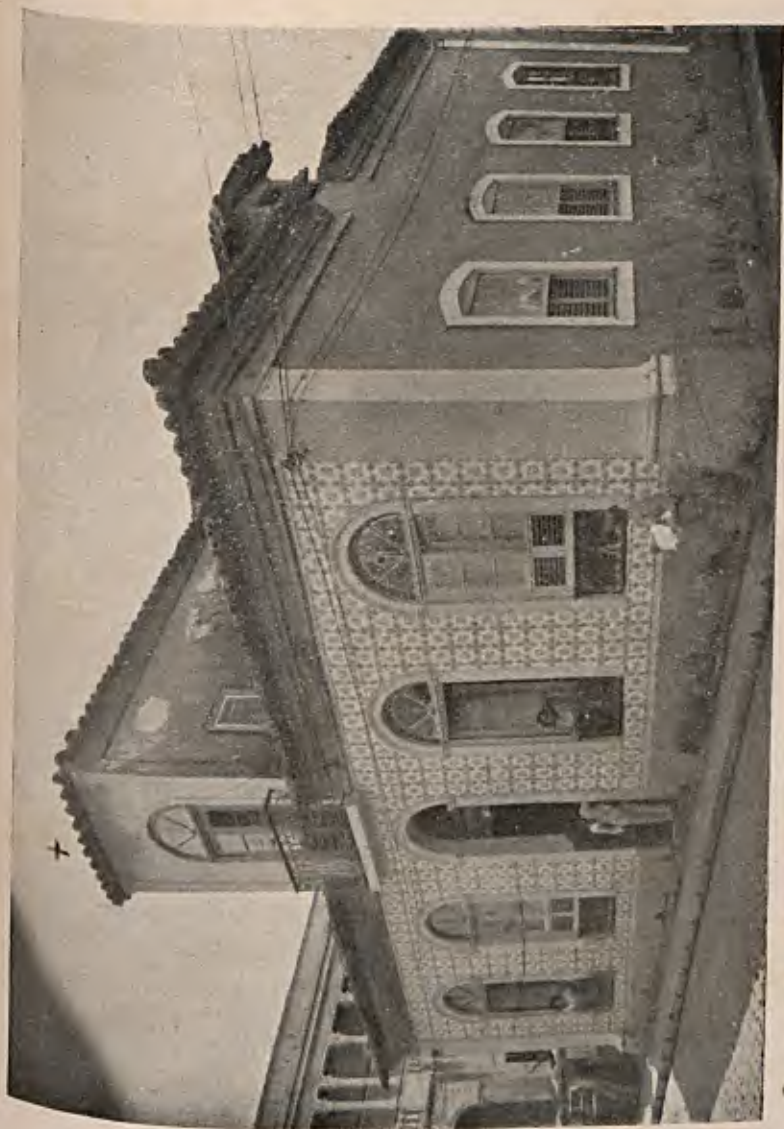
“O meu noivado foi curto, mas torturante. Tive que tratar com uma creatura brutal, concupiscente, viciada na linguagem da gentalha de sua laia, proferindo a cada instante palavrões indecorosos, não mantendo a maior atenção e o minimo recato diante de uma adolescente, educada em rigidos principios moraes e cuidadosamente instruida. Até ás vesperas do casamento, fiz tudo para desmanchal-o. Foram inuteis lagrimas e supplicas: a obediencia e a submissão estavam acima de tudo.” E proseguio a respeitavel senhora com dolorido sarcasmo:

“O mais *não sei de nojo como o conte*, na phrase celebre dos *Lusiadas*. Esse marido, imposto á força de ameaças e castigos, fez logo de mim uma pobre escrava, brutalizando-me de momento a momento. Assignava-se elle Antonio Joaquim Branco, appellido que não herdára do seus paes — Joaquim Timotheo da Costa e Silva e Maria das Chagas, mas que me servio de infamante ferrete pois que, até hoje, ninguem mais me chamou pelo nome de familia, e só, e só, e só, por *Emilia Branco*. Como sua esposa, fiz tudo o que uma mulher intelligente e compassiva poderia fazer para adoçar-lhe o genio feroz e os costumes pervertidos e depravados. Anciei pelo nascimento de minha primeira filha na esperanza de que se mostrasse um bom pae. Esse facto, ao contrario, aggravou os ultrajes que já me fazia com a sua antiga amasia, uma negra boçal e tinhosa, com quem passou quasi a cohabitar dahi por diante. — E certo dia em que ousei

chamar-lhe a atenção para esse procedimento escandaloso, foi tão violento na réplica e maltratou-me tanto que sahi como louca pela porta afóra indo abrigar-me na casa de uma familia amiga.”

A illustre dama passou então a narrar-me a odysséa que se desenrolou apoz o seu abandono do antro em que tanto soffrêra annos seguidos. Não lhe faltaram injurias, admoestações, ameaças e até tentativas contra a existencia. Quizeram arrancal-a á força do tecto hospitaleiro onde se abrigára. Mandaram-lhe por vezes doces envenenados em nome de suas amigas que se tornaram muito poucas apoz a sua desgraça. As melhores familias de S. Luiz não a quizeram mais vêr apesar de nunca as ter procurado, fechada em um quarto como vivia, sem apparecer a olhos estranhos. O seu gesto foi tido e havido como o maior escandalo até então rebentado na sociedade maranhense !

Houve, porem, almas caridosas que corajosamente impediram que fossem practicadas contra ella maiores violencias. O consul portuguez interveio confidencialmente no conflicto do casal applicando os animos e aconselhando moderação e prudencia aos amigos do marido fundamentalmente exasperado contra aquella que imaginára trazer para sempre opprimida e escravizada. E, um bello dia, affastou-se elle de S. Luiz e acabou fixando residencia no Rio de Janeiro, onde veio a fallecer alguns annos depois da morte de sua victima, occorrida aos 20 de Junho de 1888.



Casa de D. Emília Branco, á rua do Sól, em cujo mirante escreveu Aluzio Azevedo — O Mulato

— (Abro aqui um parenthesis: Eu me achava então na capital maranhense. Fazia uma dessas tardes do Nórte, levemente coloridas por um sũave crepũsculo. Acompanhei o enterro dessa martyr até ser posta em uma das legendarias catacumbas do *Cemiterio do Gavião*. O prestito atravessára silenciosamente as ruas por onde, ha mais de trinta annos seguidos, jamais palmilhára essa *prisioneira do Afñôr* como a si mesma se classificára. A' hora da encommendação, aberto o esquife, tinha o corpo envolvido na mortalha alvissima de Christo como sempre desejára. Admirei-lhe então pela ultima vez o rosto: a rigidez cadavérica não lhe desfeióra as formosissimas feições. E, como já escrevia nas folhas da terra, imaginei prestar-lhe uma piedosa homenagem conseguindo que os jornaes, ao noticiar o seu passamento, não lhe déssem o nome que recebera do marido e tanto detestava, designando-a com os appellidos illustres de seus paes.)

— A ausencia, entretanto, do seu algoz do meio em que ambos respiravam, ponderou-me D. Emilia continuando a narrativa do seu romance, não alterára o seu systema de vida reclusa. Apesar disso, difficilmente foram cessando as murmurações e invencionices a seu respeito. Em plena florescencia da juventude, tida como a moça mais formosa do seu tempo, as mais variegadas novellas teceram-se em torno da modesta habitação onde voluntariamente se enclausurára e cujas janellas para o exterior nunca

mais se abriram. As suas mãos de fada, habilísimas em bordados de alto relevo e em delicados labirintos, trabalhavam dia e noite na confecção de enxovaes para a gente rica da cidade. E, frequentemente, as poucas pessôas amigas, que não a tinham abandonado e cerraram sempre ouvidos aos mexericos da maledicencia e da inveja, promoviam em sua residencia saraús litterarios e artisticos em que se exhibia a nata da intellectualidade da época.

Por esse tempo, aos espiritos brilhantes que conquistaram para S. Luiz o cognome glorioso de *Athenas Brasileira*, viéra juntar-se o chanceller do Consulado Portuguez, David Gonçalves de Azevedo — *David, o Bello*, como o appellidaram logo para distinguil-o de outro homem de fino trato, David Freire da Silva, que gosava de grande estima social. Victima de um consorcio infeliz e desigual, bem cedo enviuvára. Aloirado, gentil e muito culto, vestia-se elegantemente; e, diplomata de raça, não perdêra os habitos dos circulos da fidalguia lisboeta e era admirado pela sua escolhida collecção de luvas, gravatas e chapéus. Não lhe faltaram assim pretendentes entre as filhas mais formosas dos seus compatriotas.

David, porem, desde a hora em que foi apresentado a D. Emilia, possuirá-se de violenta paixão pelos seus excelsos encantos naturaes. E, depois de um idyllio que durou alguns annos, juntaram-se para sempre. Nasceram dessa união duas filhas, que ambos primorosamente

instruíram e consorciaram-se depois em famílias de alta posição, e os tres notaveis poetas e escriptores Arthur, Aluizio e Americo de Azevedo. Quanto á sua primogenita que não lograra possuir os carinhos paternos, a illustre dama dera tambem uma fina educação e tornára-se esposa modelo do dramaturgo João Climaco Lobato e progenitora do brilhante jornalista Victor Lobato, fundador d' *A Pacotilha*.

“Ao vêr, enfim, raiar a aurosa da sua suspirada redempção, explicára-me a altiva senhora, não quizera deixar de ser a eterna *prisioneira do amor*. O mundo, para ella, morrera definitivamente. E, do que lá fóra se passava e não poderia perturbar-lhe a felicidade, o *seu David* todas as tardes lhe dava notícias ao regressar ao seu lar sempre florido e carinhoso.” E essa existencia descuidada e calma não cessára com a propria morte do seu adorado companheiro. “O amor não morre, concluíra ella com os grandes olhos marejados de lagrimas.” E apontou para um quadro de prata lavrada no qual, sobre a pequena meza ao seu lado, se destacava, na sua farda rutilante de Consul, a figura varonil e nobre daquelle que, jovem chanceller ainda, se tornára o seu grande, o seu doce, o seu unico amor !”

Nesse instante, violentamente se abriu a porta do extremo opposto da varanda onde nos achavamos. E cabelleira revolta, braços abertos, agitando no ar umas folhas soltas de papel, surge a figura juvenil, alegre e radiosa de Aluizio

Azevedo, reproducção viva e impressionante do formoso retrato que tinha alli em face.

— Eureka ! Eureka ! vinha bradando o novel escriptor na impetuosa vivacidade dos seus vinte e quatro annos. Mas, de subito, estacára percebendo as lagrimas de sua querida Mãe...

Esta, porem, cortou-lhe precipitadamente qualquer pergunta curiosa, explicando-lhe que se commovêra ao dar-me um enredo tragico para um conto realista que desejava escrever...

— Então, este *peraltinha* já pensa em rabis-car tambem novellas e romances ? gracejou Aluizio. E, pousando a mão sobre o meu hombro: “— Não, Mamãe, o que devias fazer, era puxar-lhe as orelhas. Imagina tu que, esta manhã, o velho Figueiredo quasi me córta a face, ao esca-nhoar-me, horrorisado com a ameaça que este camarada e outros meninos do Lyceo lhe andam fazendo de enforcal-o no *Pelourinho* na hora em que fôr proclamada a republica em Maranhão. E, mudando logo de assumpto;

— Sabes ? querida. Resolvi mesmo que o primeiro caixeiro matasse o *Doutor Raymundo*.

— E’ a historia real do teu *Mulato*, retrucou D. Emilia. E rematou a conversa olhando-me intencionalmente :

— Em todo o caso, não sejas muito cruel com a Anna Rosa: lembra-te de que ella foi uma das ultimas victimas do captiveiro domestico da mulher maranhense...

O GRITO DAS SENZALAS

O *Velho Figueiredo* a quem Aluizio Azevedo alludira ao interromper a minha conversação com a sua veneranda progenitora, era o decano dos *figaros* de S. Luiz. Nascido em Portugal e já septuagenario, alto, vermelho, um tanto corcovado, possuia bôa saúde e tinha um excellente coração. Andava sempre apressado, abanando os braços desencontradamente. Orgulhava-se em ser *cabellereiro*, pois fazia distincção entre este titulo e o de barbeiro. Aquelle tinha de ser um artista; este era um simples raspador de caras. Bondoso de coração e caritativo, dividia os seus affectos e sympathias entre duas classes extremas, como proclamava: a dos homens sérios, negociantes respeitaveis da *praça*, aos quaes ia servir nas proprias casas pela manhã, e a *molecada* do Lyceo, como chamava os preparatorianos que diariamente lhe frequentavam a loja, á qual annexára dois bilhares e que o faziam seu

procurador e banqueiro, ficando muitos a dever-lhe não pequenas quantias. Por esse motivo, via sempre em rugas com os seus jovens clientes, ameaçando-os de fazer queixas ás familias e acabando sempre por perdôal-os e deliciar-se com as suas troças e anedoctas.

Dispondo de farta reserva de bandeiras, balões de adôrno e lanternas multicôres, era o famoso *Tirabarbas das Quinas*, como o appellidavam os estudantes para ridicularisar o seu ardente apêgo a D. Luiz I de Portugal, o empresario das festas patrioticas, promovidas por estes em honra ao 28 de Julho e outras grandes datas nacionaes e estrangeiras. Nessas occasiões, desenvolvia o bravo artista uma prodigiosa actividade; discutia, esbravejava, não tinha um momento de descanso; e, no fim da sua tarefa, queixava-se sempre de *deficits* que, afinal, não consentia que fossem cobertos, proclamando que tudo fazia em honra do Brazil e da sua Mãe Patria!

Certa vez, houve mesmo um episodio que deu ensejo a um dictado que se tornou tradicional. Celebrava-se o Centenario de Camões. Constando com o concurso fidalgo da colonia portugueza, os promotores do cortejo civico e da classica sesssão solemne no Theatro S. Luiz, autorizaram o seu venerando *banqueiro* a abrir os cordões da bolsa e a gastar o que necessario fosse para que as solemnidades tivessem todo o esplendor. Na noite da festa, entretanto, o *Velho Figueiredo*, andava de um lado para outro no sa-

guão do theatro; gesticulando desesperadamente; esbravejava e queixava-se em altas vozes de que a subscrição não fôra o que se esperava, dando-lhe um prejuizo de cerca de um conto de réis. E, aos que o interpellavam, retorquia indignado: “Pois fiquem sabendo; podem escrever. No outro *centenario de Camões*, eu não me metto! “A phrase fez época; e, dahi por diante, servio para justificar recusas ou exprimir decepções...

A barbearia e os bilhares do popularissimo *figaro* maranhense, com séde a principio na rua Formosa em frente ao Palacete do Commendador Leite, foram mudados nessa época para o Largo do Carmo, installando-se no andar terreo do immovel, longos annos habitado pelo clinico Dr. Ferreira Nina. Era ahi que se reuniam os *meninos* do Lyceo depois das aulas, e, ás vezes, achavam mesmo refugio quando a policia os expulsava do pateo do Convento do Carmo por motivo de vaias dadas aos presidentes da Provincia e outras autoridades civis e militares. Essas vaias eram quasi diarias. Houve tempo em que figuras importantes evitavam atravessar a praça; e, quando desfilavam destacamentos, commandados pelo Tenente *Macacão* ou pelo Alferes *Mata-tudo*, essas assuadas provocavam reprezalias dos offendidos, chegando uma vez a degenerar em sangrento conflicto.

O *Velho Figueiredo* era sempre a favôr da *mollecada* que, nesse instante, se tornava para elle *meninada* de boas familias que deveriam ser respeitadas. E, como o *Pelourinho* ficava

quasi em frente ao seu estabelecimento, era um dos que mais applaudiam as *discurseiras* dos turbulentos alli feitas depois dos disturbios.

Amigo pessoal do meu pae, vivia sempre a admoestar-me pelas minhas ideias abolicionistas. Era emancipador, dizia, mas, sendo monarchico convicto, queria tudo feito dentro da lei e da ordem. E, perorava: “Alforria sem indemnisação é patifaria !”

O motivo da minha briga com elle, referida jocosamente por Aluizio a D. Emilia, proviêra de não haver consentido que pregasse na vidraça de suas perfumarias, um cartaz annunciando o proximo apparecimento d’*O Grito das Senzalas*”, orgão dos estudantes abolicionistas do Maranhão.” Esse impresso fôra composto ás escondidas nas officinas do Frias por um aprendiz, que o batêra á escova, filho do popular typographo Bezerra de Menezes, morador á Praça da Alegria. Esse jovem, sete annos depois, já projecto artista, era contractado por mim para montar as machinas d’*O Norte*, orgão da propaganda republicana, encabeçada nos sertões por Isaac Martins. Só então vim a saber que rigoroso inquerito havia sido aberto no *Diario do Maranhão* para descobrir o autor dos prospectos incendiarios.

O *Velho Figueiredo* não levára o facto ao conhecimento de meu pae como praguejára. Não foi, de certo, com receio da ameaça que lhe fizera com outros collegas de dependural-o no

Pelourinho quando derrubassemos o throno de D. Pedro II. O seu bonissimo coração sabia sempre perdôar.

O *Grito das Senzalas*, entrementes, não passára além do avulso violento em que os seus redactores cobriam de apodos e baldões as figuras mais eminentes da politica da Provincia e do Imperio. Eu pedira ao meu mestre Manoel de Bettencourt, que era então o mais notavel publicista de S. Luiz, para escrever o programma em termos violentos. Entregou-me, dias depois, um maço de tiras com um estudo substancioso e doutrinario que nada ficava a dever aos seus extensos e eruditos artigos de fundo d'O *Pensador* contra a Igreja Catholica e que só por si encheria todo o nosso pequeno periodico. Dos demais nomes feitos na imprensa maranhense, partidarios conhecidos da abolição, apenas Pedro Freire firmára o seu escripto com a sua assignatura. Outros usaram de pseudonymos que não eram os seus habituaes e alguns se desculparam allegando as suas intimas ligações com os chefes escravocratas do partido liberal e do conservador. Entre os meus collegas do Lyceo, o mais ardoroso era Alvaro Sá, sobrinho do senador Franco de Sá. Redigira elle o manifesto dos *estudantes abolicionistas maranhenses* e assignou-o em primeiro lugar para animar os companheiros. Fernando Perdigão, guarda-livros de importante firma, chegou mesmo a procurar-nos para que modificassemos o titulo do manifesto que passaria a ser extensivo á toda juventude da cidade.

Diversos empregados do commercio, seus collegas, e muitos artistas de certo desejariam subscrevel-o. Tudo, porem, não passou de méros projectos.

A esse tempo, tres alumnos do Lycêo, mais idosos que eu, Carlos Moreira da Silva, filho do Visconde de Itaqui, Domingos Côco Ribeiro e Francisco Nina, que eram inseparaveis, quizeram juntar-se ao nosso grupo, entrando na luta pela redempção dos captivos. O ultimo delles, mestiço de olhos claros e tez levemente morena, dotado de viva intelligencia e de espirito decidido e forte, era o *caçula* de *Nhá Mundica*, mulata afortunada, que morava em um bello sobrado da Travessa do Theatro e educára com esméro os seus herdeiros. Era sogra de Antonio Almeida, que mantinha um armazem de molhados na rua do Sol, fronteiro ao *Theatro S. Luiz*, com bilhares aos fundos e um botequim particular ao lado. Nesse recanto, todas as tardes, Paula Duarte, Lapemberg, João Candido e outros bohemios iam tomar o seu apperitivo; e, em uma mesa isolada, junto á janella, infallivelmente, das duas horas da tarde ás cinco, o capitalista inglez Youle sentava-se silencioso e abstracto, até absorver uma garrafa inteira de *whisky*. E, só então, erguia-se tentando em vão manter a sua figura erecta; e lá ia *zigzagueando* pela rua abaixo “amparado nos *andaimes* dos seus enormes collarinhos duros e lustrosos, que lhe subiam até ás orelhas”, como o fixou o lapis de João Affonso em uma admiravel caricatura.

Esse compartimento, reservado apenas para os finos e elegantès *bebedores* da terra, dava para um quarto onde havia duas rêdes destinadas aos que depois de fartas libações não pudessem ir com os seus pés para casa. E, aos fundos, ainda existia, isolada do resto do edificio, a sala de estudo de Francisco Nina, tido como o grande talento da familia. Foi nesse discreto recinto que passamos a reunir-nos abandonando a loja do *Velho Figueiredo*, um dos fôcos principaes das novidades e dos boatos politicos de São Luiz. E, se bem que continuassemos no firme proposito de juniar recursos para a compra de algum dos velhos prélos, existentes na cidade, podendo assim lançar a nossa folha de combate, deliberamos formar uma associação secreta filiada á "*Cearense Libertadora*" que tinha á sua frente, além do grande patriota José Amaral, batalhadores denodados como João Cordeiro, Frederico Borges, Antonio Bezerra, A. Martins, Theodorico Castro e Telles Marrocos.

Coube-me a tarefa de iniciar uma correspondencia reservada com os nossos correligionarios de Fortaleza. Para isso, procurei um portador seguro para levar a nossa representação recorrendo aos bons officios de um bravo marítimo, o *Zézinho Carne-secca*, que se tornou mais tarde o pratico mais habil da costa do extremo norte do Brazil. E, certamente ao recebê-la, João Cordeiro, a quem a dirigira, jamais imaginou que o seu signatario ainda não houvéra completado quinze annos!..

VINGANÇA DA MÃE-PRETA

Por esse tempo, quando talvez a mensagem dos plumitivos abolicionistas de S. Luiz não houvéra chegado ás mãos do seu destinatario,, um facto inesperado me fazia voltar á presença dos benemeritos directores da *Libertadora Cearense*.

A minha familia já se achava installada na *Quinta do Genipapeiro*, situada na extrema direita do Largo dos Remedios, á beira do Anil. Tendo regressado de sua viagem de nupcias á Europa, o Dr. Costa Rodrigues comprára o palacete onde eu nascêra á rua do Sól e residiram os meus paes por mais de trinta annos seguidos. Afastados do coração da cidade, já não tinhamos diariamente a casa cheia de visitas como outr'ora. Nos domingos sómente é que nos procuravam as pessoas amigas.

Foi assim uma grande surpresa vendo entrar na nossa quinta em pleno dia de trabalho, a mi-

nha *Mãe Preta* que já não abraçava, havia algumas semanas. *Mi'ama* estava sob forte pressão nervosa; e, de sopetão, nos prevenio de que a D. Evarinta Serra, a sua antiga senhora, partiria em breve para a *Côrte*; e, apesar de fôrra, queria instantemente leval-a em sua companhia. Tive um acesso de raiva; e, antes que minha Mãe se manifestasse sobre o caso, declarei peremptoriamente que me oppunha á tão absurda pretensão. Tinha direito de falar assim porque era *filho de criação*; considerava uma crueldade inominavel querer aquella rica matrona separal-a da Amelia que, com o suor de seu rosto, labutára annos seguidos para obter a sua liberdade. Minhas tias e minhas irmãs tambem foram do mesmo parecer e assentou-se que meu Pae se entenderia com o Senador Nunes Gonçalves se a sua parenta insistisse em tal intento.

Soubemos então que este eminente parlamentar, que exercia a magistratura em S. Luiz, fôra nomeado para servir no Rio de Janeiro, ahi fixando definitivamente residencia. E *Mi'ama* accrescentára que tanto isso era verdade que haviam já escolhido nove dos seus melhores escravos para seguirem com elles afim de vendel-os a bom preço aos fazendeiros de S. Paulo.

Diante desta revelação, uma ideia subita de desforra me veio á mente. Annos seguidos recalçara o odio que me inspirára a scena dolorosa de que fôra testemunha ainda bem criança quando D. Evarinta negára á pé firme receber o preço da libertação da minha *Mãe-Preta* por mim

levado ás suas mãos em um bello cofre de ébano. Jamais se me apagára da memoria o desespero da extremosa filha da captiva diante de tão cruel recusa. E nada me consolára o coração em face do castigo, que soffrêra da minha familia, por causa do desabafo irreprimivel que tivera naquella tarde da subida ao poder do Ministerio Sinimbú, dando morras á escravidão e á monarchia, e fazendo delles alvo a figura veneranda do senador Antonio Marcelino que não tivêra piedade da minha querida Mãe-preta..

Nesse mesmo dia, sem perda de tempo, architectava o meu plano de vingança, confiando-o somente a Francisco Nina que jurou guardar sobre tudo o mais absoluto segredo. Em uma folha de papel almaço escrevi ao alto, em *bastardinho*, a famosa legenda — *Libertas quoe sera tamen*; e, no acurado *cursivo* caracteristico dos alumnos de calligraphia do Collegio N. S. da Gloria, redigi em nome do *Gremio da Juventude Libertadora Maranhense*, que se achava ainda *in fieri* nos planos do grupo abolicionista do Lycêo, um longo officio reservado á *Sociedade Libertadora Cearense*. Nesse documento, depois de afirmar em phrases emphaticas que o Maranhão vivia garroteado pelos dois partidos monarchicos, ambos escravocratas ferrenhos e despoticos, fazia as mais graves accusações á familia do Senador Nunes Gouçalves. Apontava-a como uma das mais tyranicas contra os seus miseros escravos. E, communicando a sua proxima partida pelo paquete, que deveria passar dez dias depois por

S. Luiz e tocar no porto de Fortaleza, levando á força o primeiro grupo de seus melhores captivos afim de vendel-os aos fazendeiros paulistas, concitava “os bravos patriotas do Ceará a levantarem o povo e protestarem nas praias redemptoras e gloriosas de Mucuripe contra tão ignominioso attentado á liberdade e á civilização!”

A minha denuncia causava dias depois resultados que jamais imaginára. Logo depois de fundeado em aguas cearenses o vapor, onde embarcaram o illustre senador Nunes Gonçalves e seus parentes, desapareciam mysteriosamente de bordo os seus escravos. O venerando parlamentar, entretido em receber os cumprimentos do Secretario e ajudante de ordens do Presidente Leão Vellozo, que o mandára convidar para um almoço em Palacio, só muito mais tarde soube do occorrido quando o navio estava prestes a levantar ferros. Adiou-se immediatamente a sahida deste. O chefe do governo provincial, collega no Senado do Imperio daquelle conselheiro de Estado, dirigio pessoalmente as diligencias para a captura dos fugitivos que foram logo encontrados em uma casa de pescadores. Metidos em quadrado constituido por policiaes, foram reconduzidos ao ponto de embarque. Mas, na immensa praia onde só jangadas podiam fazer então o trafego maritimo devido á braveza constante das ondas, uma multidão compacta de populares esbravejava ameçadoramente. E, ao surgirem os captivos maranhenses, os jangadeiros em massa os arrebataram dos seus detento-

res; e, alli mesmo, em frente do chefe e do commandante da policia, carregaram-nos em triumpho para as suas valorosas embarcações sahindo com elles barra afóra para lugares desconhecidos ! (*)

As folhas de S. Luiz, se tiveram noticias de tão sensacional acontecimento, não o commentaram. Mas um subdito britanico, telegraphista do Cabo Submarino, commensal da excentrica e bonissima Mrs. Adelina Pereira, progenitora das lindas inglezinhas Lilyan, Florence e Maud, as tres *Graças do Largo dos Amôres*, como eram appellidadas, tudo revelára a sua compatriota. E esta, apesar de filha da discreta Albion, assimilára de tal modo os costumes da terra que era tida na tagarelice como eximia rival de um volumoso par de maldizentes, visinhos seus, que andavam sempre de braços dados e, pela rotundidade immensa das costas, tinham a alcunha de *Mappa-Mundi*.

Essa mesma noite, na roda que D. Annica Belchior organisava depois do jantar em frente á Igreja dos Remedios e em que mexericavam sobre a vida da cidade os seus convidados, estendidos em largas cadeiras de vime, já era commentada a fuga ruidosa dos escravos de D. Eva-

(*) Na sua interessante memoria dedicada ao Instituto Historico da Bahia em 1912, Satyro Dias, que foi um dos immediatos successores do Conselheiro Leão Vellozo na presidencia do Ceará, relata este episodio em traços felizes e impressionantes. Aquelle illustre bahiano, coube a gloria de sancionar a lei declarando livre de escravos o territorio da Provincia.

rinta Serra do porto de Fortaleza para o interior da provincia. E, no dia seguinte, ao terminarem as aulas do Lycêo, o pseudo *Gremio da Juventude Libertadora Maranhense*, organisava um comicio em torno do *Pelourinho*. Fernando Perdigão roubava uma das grandes bandeiras nacionaes guardada em um armario do Velho Figueiredo. E, depois de discursos entusiasticos em regosio pelo gesto heroico e benemerito dos abolicionistas cearenses, fomos incorporados saudar a redacção da *Pacotilha* e ouvimos entre applausos ruidosos uma das mais virulentas catilnarias de Pedro Freire contra os negreiros que conspurcavam a terra illustre de Gonçalves Dias!

A LIBERTAÇÃO DO CEARÁ

À semelhança do que acontecêra nas vésperas da Independencia quando os patriotas cearenses accudiram com os do Piauhy em defesa dos brazileiros do Maranhão, o acto revolucionario do povo de Fortaleza proclamando livre o seu municipio e declarando libertados todos os escravos que nelle viessem a entrar, encheu de animo e decisão o grupo moço de abolicionistas de S. Luiz.

Conscientemente falando, pode dizer-se, todos os maranhenses menores de vinte e cinco annos, especialmente os lettrados, abomivavam o regimen servil dominante no Imperio. Uma camada de espiritos brilhantes e cultos se fôra formando para galhardamente succeder ás duas gerações illustres que conquistaram para a sua terra o cognome honroso de *Athenas Brasileira*. Quer nos cursos superiores, quer nos de preparatorios, intelligencias novas despontavam;

João Candido de Moraes Rego Filho, Francisco José Viveiros de Castro, Agrippino Azevedo, Pedro Freire, Raymundo José Vieira da Silva, Nina Rodrigues, Raymundo Philonillo, Cacaceno Henriques, Aluizio e Americo Azevedo, Alfredo e Hugo Barradas, Auto Pereira, Fabio Leal, João Gromwell, Jansen Muller, Barboza de Godóes, Augusto Brito, Lopes Gonçalves, Hygino Cunha, Almir Nina, Palmerio Cantanhede, Accacio de Araujo, José de Abranches Moura, Luiz Domingues, Graça Aranha, Sá Vianna, Hemeterio dos Santos, Ribeiro da Cunha e Paulo Pereira. Havia ainda adolescentes esperançosos como Augusto Olympio Viveiros de Castro, Tasso Fragoso, Arthur e Alexandre Collares Moreira, Raymundo Cantanhede, Goetz Carvalho, Arlindo Lemos, Alvaro Sá, Abelardo Lobo, Hastimphilo Moura, Raymundo Perdigão, Mello Fernandes, Antonio Lobo, Arthur Lemos, Ignacio Rapozo, os irmãos Couto Fernandes, José Gregorio dos Reis, Eduardo Trindade, Justo Jansen Ferreira, Pacifico Bessa, e meninos audazes como Aluizio Porto, Domingos Barboza, Montroze, Ignacio Carvalho, Viriato Correia, Reis Carvalho, Heraclito Graça Aranha, Manoel Miranda e Fausto Fragoso. Todas essas almas primaveris ardiam, como se dizia então, “no ideal sublime de apagar da nossa historia a mancha negra da escravidão!”

Mas... é preciso ponderar-se que a monstruosa propriedade servil, nas terras maranhenses, não estava concentrada, como nas outras provincias, em mãos de meia duzia de grandes e ga-

nanciosos fazendeiros. A massa de captivos, que chegaram a formar quasi a metade da população local, achava-se repartida por milhares de pequenos senhores, inclusive numerosas viúvas e orfãos que, dos seus alugueres, tiravam a subsistencia. Depois, assim como se déra na passagem do Brazil-Colonial para o Brazil-independente quando os nativos na sua maior parte eram filhos de portuguezes ou a lusos se haviam intimamente ligado, o que lhes entravava fortemente os impulsos patrioticos, assim tambem raros eram os maranhenses que, nas vésperas da lei 13 de Maio, não pertenciam a familias possuidoras de escravos e delles tirando as suas melhores rendas.

A libertação do Ceará, entretanto, echoára sympathicamente em todos os corações da juventude de S. Luiz. O anno de 1883 rompêra promissor para os que, na *Athenas Brazileira*, haviam quebrado os preconceitos reinantes e lutavam dia a dia para que bem depressa, custasse o que custasse, pudesse ella collocar-se tambem ufana e altiva ao lado da heroica provincia vizinha que acabava de merecer mui justamente o cognome glorioso de *Terra da Luz*.

Victor Lobato, como João Affonso, o caricaturista eximio da *Flécha*, ao fundar o modesto hebdomedario que se tornou o diario mais popular da capital e ainda hoje vive, não tivêra outro escopo a não ser trabalhar pela redempção dos captivos. Neto de D. Emilia Branco e casado com uma filha desta, mais nova do que elle ape-

zar de sua tia, fôra criado no mesmo ambiente culto em que vieram ao mundo Arthur Azevedo e seus talentosos irmãos. Para aquella veneranda senhora, discipula de D. Martinha Abranches, “o Brazil com escravos seria eternamente um paiz escravizado”. Dahi o ardor e o denodo com que os seus filhos e genro se bateram pela abolição tendo até Aluizio Azevedo, ao ser divulgado o *Mulato*, de deixar a terra natal para não ser assassinado...

Infelizmente, o surto industrial espantoso da sua folha, exigindo machinismos novos e mais amplas installações, fez com que Victor Lobato não pudesse ter o ardor dos primeiros dias da sua campanha abolicionista. A *Pacotilha*, a pouco e pouco foi cahindo nas mãos de um dos chefes liberaes da Provincia até que os desgostos do seu director alquebrado já de forças o levaram a atentar uma nova empreza jornalística com A *Actualidade*, diario que teve pouca duração.

Para commemorar assim o grande feito da libertação da Fortaleza, A *Pacotilha*, que de perto reflectia a alma popular, afigurou-se de moldes estreitos aos seus bravos redactores. E, para não ferir melindres e preconceitos mesquinhos, o seu benemerito fundador e seus collegas de trabalho e collaboradores Agrippino Azevedo, Pedro Freire, Manoel de Bettencourt, Gromwell, Domingos Machado, e Antonio Dias de Souza Junior publicaram o numero unico de uma folha avulsa sob o titulo — 24 de Maio. E, assim mesmo, não ousaram pôr as suas assignaturas nos es-

criptos entusiasticos, que traçaram, exaltando o feito memoravel dos abolicionistas cearenses. Conservo em meu archivo essa preciosa reliquia em cujas paginas, com a minha letra, assignalei naquelle dia cada artigo com o nome de seu respectivo autor...

A revolução libertadora do Ceará viéra animar ainda mais a vida intellectual maranhense que continuava intensa. A campanha anti-religiosa, levantada pelo periodico "O Pensador", redigido por um grupo de mações e atheus, e rebatida violentamente pela "Civilização", seminario inspirado pelas mais altas mentalidades do cléro de S. Luiz, scindira fundamente os espiritos. Os estudos philosophicos apaixonavam então a juventude. Os que anciavam luzes, dividiam-se, conforme os seus crédos e inclinações, entre o curso particular do professor Bettencourt, adepto ardoroso de Schopenhauer, e o Padre Fonseca, verdadeiro sábio e eloquente tribuno que, pelas suas excelsas virtudes religiosas, morreu em cheiro de santidade. E o primeiro milagre, que a crença popular lhe attribuiu, foi o desmoronamento subito, á passagem do seu enterro, da grande muralha da Igreja da Conceição que, interdectada pelo Bispo, fôra por uma iníqua sentença entregue a uma irmandade inescrupolosa e avida de seus tradicionaes thesouros...

A esse tempo, multiplicavam-se os torneios litterarios e scientificos. Augusto Olympio Viveiros de Castro e João de Moraes Martins Fi-

lho haviam fundado a sociedade "Arcadia Maranhense" que tomou logo a vanguarda das suas congéneres pelas theses desenvolvidas em suas reuniões semanaes. Os estatutos eram rigorosos: só admittiam discussões de materias genuinamente litterarias e scientificas. E a eleição daquelle illustre filho de Gomes de Castro, mais tarde notavel jurista e ministro do Supremo Tribunal Federal, para presidente da associação, e a minha para seu orador, foram tão renhidas que motivaram uma dissidencia lastimavel. Os vencidos organizaram logo uma outra sob o titulo de "Aurora Litteraria" para combater-nos. E o resultado foi o apparecimento de pequenos e furi-bundos jornalecos, entre os quaes fez grande successo pelas caricaturas de Raymundo Perdigão o de nome *Aurora Boreal*, redigido por Hestimphilo Moura e por mim a assim intitulado para ridicular a *Aurora Litteraria*.

A tal ponto, entretanto, chegára nessa época a mania de se crearem periodicos e gremios recreativos de multiplas denominações, sendo algumas mesmo extravagantes, que, certo dia, Raymundo Frazão Cantanhede, que tinha genio folgazão e, depois de formado em medicina, subio até ao posto de almirante no corpo de saúde da armada, declarou em uma ródá de collegas que só faltava fundar-se o *Club dos Mórtos*. E justificou tão original proposta dizendo que, se tal fizessemos, iriamos além dos positivistas: ficariamos *mortos-vivos* e assim seriamos governados por nós mesmos."

Nessa propria tarde, sahia na *Pacotilha* um annuncio, escripto á moda symbolica da maçonaria, convidando os *defuntos redivivos* a se reunirem na *mansão celestial*. Firmava-o *Simão 40*, pseudonymo em que se encobriera Cantanhede. E cada qual escolheu depois o seu. Surgiram Danton, Robespierre, Saint-Just Desmoulins e outras figuras da revolução franceza. E, quanto a mim, baptizaram-me perfidamente de "*Marat para liquidar logo a ferro e fogo todos os negreiros da terra*".

O peor de tudo isso foi que, por causa dos boatos correntes de que os escravos da cidade queriam revoltar-se e fugir para o Ceará, houve quem chamasse a attenção do chefe de policia para essa mysteriosa publicação. Approximava-se o dia 28 de Julho; e diante desses rumores terroristas, o panico foi tão grande em S. Luiz que muitas pessoas se retiraram na véspera dessa data historica para o interior da Ilha com receio de um levante das innocentes victimas do captivo. E, durante duas noites, chefes de familias entre os quaes meu velho pae, andaram montando guarda pelas ruas como auxiliares das autoridades.

Diante destas e outras, tiveram os principaes responsaveis pela creação do *Club dos Mortos*, o qual não tinha até então existencia real, de dar-lhe uma feição beneficente e procurar um pretexto para tornal-o sympathico á sociedade maranhense. E uma excellente oportunidade appareceu. Certa cantora de uma companhia

O CENTRO ARTISTICO ABOLICIONISTA
MARANHENSE

O grupo de estudantes, que se batiam pela abolição immediata do regimen servil e se diziam republicanos, era muito pequeno. Os que figuravam no *Club dos Mortos*, não passavam quasi dos mesmos que, começando a reunir-se na loja do velho Figueiredo, acabaram fazendo o seu quartel-general no buliçoso *bar* annexo ao Armazem Antonio Almeida. Este recanto, depois que se abriu a *Casa do Queiroz*, onde as partidas de *bagatella* se empenhavam em torno de charutos de boas marcas e para cujas mezas redondas se transferiram logo os bohemios e os bons copos da cidade, não tardava mesmo a fechar as portas. O seu principal sustentaculo, o vice-consul Youle fallecêra subitamente. Póde dizer-se que esse grande excentrico encerrára tambem a série dos subditos britannicos que se tornaram lendarios em S. Luiz pelas suas *carraspanas* (era o termo da

época para as grossas libações). O seu antecessor, na verdade, não lhe ficava atraz. Chamava-se Moon; e, traduzindo-lhe o nome, o povo accostumou-se a tratá-lo por *Lua*. O casarão de tres andares, onde habitava á rua da Estrella, herdou-lhe tambem o appellido. E, só depois da sua morte, é que se descobriu que não fôra para matar os seus *spleens* de patricio de *John Bull* que mandára elle construir no seu altissimo immovel um mirante de onde a vista descortinava mar-afóra um immenso horizonte. Era que *Mister Lua* não amava tanto os astros e os panoramas oceanicos quanto as suas especulações na compra e venda de algodão. E, consignatario dos velleiros, que iam e vinham dos Estados-Unidos e da Inglaterra para effectuar carregamentos de tão preciosa materia prima, tinha um accôrdo com os capitães desses barcos; e estes, de longe, lhe annunciavam por signaes convencionados as cotações que traziam para o cubiçado producto. Por causa dos ventos e das marés, esses navios levavam dias seguidos á vista do pharol de S. Marcos sem poder entrar no portó. E, aproveitando essa demora, o esportissimo Moon fazia os seus negocios da China... Tambem o vice-consul inglez que succedêra ao famoso Youle dos *collarinhos andaimés*, em nada se parecia com os compatriotas seus antecessores. Henry Airlie, que veio depois delles, apesar de nunca haver conseguido falar correctamente o vernáculo e de jamais acertar com o genero das palavras, adaptára-se muito bem á vida maranhense; casára-se com uma filha de João

Lisbôa, o *Timon*; e uma de suas gentis herdeiras foi a distincta esposa de Almir Nina, professor e medico de nomeada em S. Luiz.

O nosso gremio abolicionista, entretanto, não teve de mudar de séde com a extincção do afa-
mado bôtequim onde homens de letras e do alto commercio e professores e estudantes se habituaram a fazer ruidoso convivio. Essa ala do seu armazem, o popular Antonio Almeida bem depressa cedia ao seu cunhado Ovidio Correia Pinto, irmão mais velho de Francisco Nina, nosso inseparavel companheiro e cabeça decidido de motins. Ovidio fôra discipulo de Fortunato Ory; com esse cabellereiro parisiense, aprendêra todos os segredos da artê; e acabára montando um salão de luxo. Apesar de abolicionista sincero e disposto, era liberal, do gremio do Dr. Costa Rodrigues, e, portanto, infenso ao republicanismo do irmão, a quem muito estimava e queria á força fazer seu collega de officio. Francisco Nina, porém, ao manejar a navalha, tão entusiasmado ficava logo na pregação dos seus ideaes abolicionistas, que não poucos clientes sinceramente receiavam ser por elle escanhoados... E o resultado foi que, certo dia de fundos aborrecimentos, o *francez mascavinho*, como chamavamos o bom Ovidio, dispensou o bravissimo propagandista com todos os vencimentos declarando que, dalli por diante, continuasse a ser o que sempre fôra: *estudante chronico*.

Resolvemos então, com o auxilio de alguns collegas endinheirados, como Domingos Côco Ri-

beiro, Alvaro Sá e Carlos Moreira da Silva, alugar uma meia morada á rua dos Afogados em face da Travessa do Theatro, para ali se reunir livremente o *Directorio dos Cinco*, como passamos a designar-nos, e acoutar os escravos que quizessem fugir para o Ceará.

Uma scena vandalica, que alguns de nós haviam presenciado dias antes, levaram-nos a precipitar uma tal deliberação. Urgia prepararmos um esconderijo onde pudéssemos agasalhar os infelizes que, fartos de máos tratos, abandonassem os seus oppressores. Eramos alumnos do curso particular do provector professor José Augusto Correia, installado em uma das lojas do andar terreo do sobrado, onde morava com a familia á rua da Palma, canto da rua Direita. O nosso venerando mestre exercia o cargo de contador da Thesouraria de Fazenda; e, só minutos depois das quatro horas da tarde, chegava á sua residencia.

Os alumnos sempre o antecedião de uns trinta minutos. E, até que se descobrisse ao longe a sua figura inconfundivel, cartóla ao alto da cabeça, deixando descoberta a testa larga, luzidia e abobadada, fraque negro, desabotoado a adejar as longas abas, e umas calças brancas tão amplas que os seus passos apressados faziam rebri-lhar ao sól cadente, entretinhamo-nos todos a vaiar os transeuntes e a disputar uns com os outros em voz alta. A chegada, entretanto, do illustre preceptor não dissolvia logo a alegre reunião dos seus discipulos. Marido extremoso que era,

subia apressadamente para falar a esposa; tomava em seguida o seu chá, e, só então enfiando uma blusa de brim branco, descia a larga escada do sobrado, empunhando uma vara flexível e longa com que, da sua cadeira de braços, marcava os algarismos dos problemas, que préviamente deixava escriptos no quadro negro. Em uma dessas tardes, quando ainda se achava elle saboreando a sua pequena refeição, o nosso grupo divisou um negro fugido, que acabava de ser capturado no Desterro e vinha debatendo-se entre as mãos de dois policiaes que, de vez em quando, o espancavam com os sabres. De subito, o preso conseguira livrar-se das garras dos seus detentores; e, em uma carreira vertiginosa, embarafustára por um chão vasio existente um pouco adiante do predio, em cuja porta nos achavamos. Em um impulso colectivo de indignação, sem accôrdo prévio, instinctivamente, nós todos nos collocamos em frente dos soldados procurando evitar que apanhassem de novo o fugitivo. "Solta! Solta!" gritavamos a uma só voz. E os populares, que já vinham seguindo ás praças em surdos murmurios, formáram logo um côro unisono e estridente de protestos. Os conductores do captivo, attonitos e aterrados, não sabiam o que fazer. Nesse momento, Maneco Jansen Ferreira, que depois, seria promotor de S. Luiz e acabaria trocando a advocacia pelo commercio de livros, espirito ardente e decidido, correu a buscar uma cadeira e gritou-me: "Sóbe aqui e fala, meu collega; mostra que estamos em uma terra civilisa-

da e livre.” E, do seu escriptorio, fronteiro á nós, do outro lado da rua, o Dr. Lapemberg, que era então o patrono generoso dos desprotegidos, animou-me em altas vozes a arengar. Logo ás minhas primeiras palavras, senti que a *vara* do nosso querido professor procurava alvejar-me sendo amparada pelo braço forte de Maneco Jansen e gestos semelhantes dos outros collegas. Lapemberg corrêra tambem em meu soccorro, declarando dignamente que fôra o culpado daquelle *meeting* improvisado. E, do alto do sobrado, a voz ternissima de D. Milóca, a santa consorte de José Augusto Correia, em um appello magnanimo, punha termo repentino a toda a cólera do seu illustre e bonissimo esposo, educador emerito que foi de tres gerações seguidas de maranhenses!...

Á noite, na nossa costumeira reunião do Largo dos Remedios, Francisco Nina, espirito revolucionario por excellencia, mais uma vez instou para que buscassemos adeptos na *gente de pegar*: assim se chamavam os valentões da terra. Era opinião sua que nos deveriamos approximar de alguns homens de côr, intelligentes e idealistas que sempre compareciam aos nossos comicios libertadores. Um delles, Victor Castello, era até orador eloquente. E este e o alfaiate Sant’Anna Reis, cujo estrabismo o tornava antipathico, mas possuia optimo coração, exerciam uma grande ascendencia sobre o pessoal da sua raça. Operarios modestos ambos, sem recursos, começaram a principio agindo ás occultas. Depois, mais ani-

mados pelas adhesões recebidas, organizaram o *Centro Artístico Abolicionista Maranhense*. Diante da attitude benemerita e corajosa de alguns magistrados que, nas outras provincias, se mostravam compadecidos da triste sorte dos captivos e marcavam preços baixos para as alforrias, imaginaram os seus fundadores recorrer nesse sentido ao coração e á consciencia dos juizes maranhenses. Além da propaganda pela abolição immediata do regimen servil, trataram de constituir fundos para esse fim e de attrahir ao seu gremio escravos que tivessem já peculios ou quizessem fazel-os afim de conquistar judicialmente a sua libertação. Não faltaram applausos e adhesões á tão caridosa iniciativa; mas tambem não foram poucos os ataques que soffreo essa associação por parte dos escravagistas que a cada passo accusavam os seus directores de se estarem apropriando das miseras economias dos seus infelizes protegidos. E uma tal campanha de difamação foi tão fórte e tão indigna que chegou a provocar inqueritos policiaes e até procedimentos judicarios.

A primeira vez que, por iniciativa de Francisco Nina, visitou o nosso *Directorio dos Cinco* a séde do *Centro Artístico Abolicionista Maranhense*, tive a impressão de que os seus socios eram grandes idealistas, porém fracos lutadores para nos ajudar nos actos revolucionarios que vinhamos planejando. Em resposta á saudação calorosa que fiz, concitando esses valorosos maranhenses á luta contra o escravismo e a monar-

chia, que chamei de irmãos siamezes, Victor Castello declarou logo que, para elle e seus collegas de ideaes, “a forma de governo, era indifferente: o que queriam, era dentro da lei a libertação de sua raça”. E’ possivel que essa réplica contivesse um pensamento mais sensato do que o nosso pois tinham esses operarios mais experiencia e mais idade do que os seus jovens visitantes. Mas o facto é que, á sahida, todos nos confessamos decepcionados. E’ que fôramos tambem portadores de uma suggestão que se nos afigurára poder desfechar um golpe terrivel nos negreiros de S. Luiz. Um escravo do Desembargador João Caetano Lisbôa, pae de um intimo amigo meu, disséra-me que possuia economias superiores a um conto de réis para pagar o seu resgate, mas que seu *senhor* vinha protelando em lhe dar solução favoravel. Trafava-se de um captivo que se tornára habilissimo marceneiro; fizéra todos os moveis e assoalhára de acapú e páo setim todo o palacete daquelle magistrado, situado no Largo do Palacio; e tinha garantida uma rendosa collocação no Pará para onde se mudára o mestre da officina em que apprendêra. Victor Castello e Sant’Anna Reis mostraram-se receiosos de enfrentar desde logo tão alto e prestigioso personagem, explicando-nos que seria mais prudente agir-se debaixo para cima e começar lutando com os pequenos *senhores* para ir a pouco e pouco chegando aos grandes. Esta reccusa, que muito nos irritou, fez com que puzessemos em execução o plano engenhoso que

havíamos já engendrado. Escrevemos assim para Belém ao antigo patrão do escravo que queríamos libertar; e este, acceitando o nosso alvitre, dirigio-se ao desembargador e offereceu-lhe uma grossa somma pelo aluguel mensal do seu habil marceneiro. Infelizmente, uma vez este chegado alli, reccuou da combinação que com elle havíamos feito, e não quiz evadir-se para o Ceará no navio cujo capitão nos promettêra dar-lhe escápula. Negro fiel de raça e de sentimentos, preferio a servidão a trahir o seu oppressôr e só mais tarde vio o sol da liberdade pela lei de 13 de Maio.

Esse gesto generoso, todavia, foi uma excepção atravez de todas as fugas que, dahi por diante, facilitamos. Da meia morada da rua das Barrocas, séde do *Directorio dos cinco redivivos* do *Club dos Mortos*, muitas evasões se realizaram até em plena luz do dia. E, apezar da bisbilhottice tradicional das quitandas e das vendas de S. Luiz, toda a vizinhança sempre imaginou que “aquelle *chateau*, como o chamava o lojista José Pequeno, não passava de uma *republica* de *moços finos* para as suas rapasiadas...”

XXVII

ACÇÃO REVOLUCIONARIA

Por essa época, a minha familia se tinha mudado para o grande predio do inicio da Rua dos Remedios, esquina do Largo do mesmo nome. Esse immovel possuia um vasto porão habitavel que um portal de ferro fazia communicar com a *Ladeira da Fundição*. E, como não era assoalhado nem revestido de ladrilhos, os meus paes alli installaram apparatus de gymnastica e de força para exercicios phisicos.

O grupo abolicionista do *Club dos Mortos*, accrescido já de algumas adhesões valiosas, passou a fazer tambem nesse confortavel recinto um dos pontos predilectos de suas reuniões. Junta-va-se o util ao agradável. E, não raras noites, esse grupo juvenil de improvisados athletas e plumitivos patriotas acabava esquecendo os seus planos de conjuração e ia dansar na casa do Commandante Travassos. Este venerando homem do mar era um verdadeiro patriarcha.

Apezar de só ter uma filha, agasalhava na sua hospitaleira residencia uma parentella basta e jovial, em que superabundava o sexo fragil. Não faltavam pianistas violinistas, e cantoras nesse grupo variegado de moças casadeiras e gentis. Os saráus alli se succediam desde as novenas de N. S. dos Remedios á vespera de Reis. Era que, todos os annos, a familia Travassos armava um presépio. Os ensaios das *Pastorinhas* iniciavam-se desde fins de Outubro; e, depois delles fatalmente seguiam-se dansas até á meia noite. João Travassos commandava um dos *gaiolas* de uma companhia rival da Empreza Fluvial, dirigida por Joaquim Coelho Fragoso, habil administrador e republicano convicto. Amigos des-de rapazes, viviam a trocar ironias e fazer trocadilhos; e, certo dia, aquelle maritimo convidou o seu cordial antagonista para admirar na pratica o que seria a Republica; e levou-o a sua casa afim verificar, dizia elle, o que era um regimen em que todos... *dansavam* e ninguem tinha... *razão* (ahi estava o trocadilho). E concluia: "Isto aqui, meus senhores, não é o templo: é o *Pandemonio de Terpsychore!*"

Foi em uma dessas interminaveis reuniões dansantes no fidalgo solar da familia Travassos, situado á beira-mar na ribanceira do largo dos Remedios e para o qual dava accesso uma larga, escada de cantaria aberta em frente á estatua de Gonçalves Dias, que conheci outro homem do mar, Francisco do Nascimento, o bravo commandante do paquete "Alcantara". Desde as primei-

ras palavras que trocamos, reconheci que estava em face de um abolicionista convicto e denodado. Não fazia mysterio das suas ideias, disse-me logo. Abominava a escravidão. Desde o berço que via surrarem diariamente captivos pelos mais futeis motivos. Em cada porto onde tocava, só chegavam aos ouvidos scenas horripilantes dos eitos. E, por isso, como no seu tombadillo era rei, preto fugido que se acoutasse a bordo, seria logo libertado. Escondel-o-ia e só o tiraria do porão nas costas do Ceará.

Tudo isso que me disséra Nascimento, já me tinha sido revelado por uma distincta e formosa senhora, a quem eu tratava de *bi-visinha*. Na minha infancia, residia ella á rua do Sol defronte da casa em que nascêra: naquellè momento, de novo as nossas familias se encontravam face á face na rua dos Remedios. D. Maria Amelia Leal ficára viuva em segundas nupcias de Celso de Magalhães. Com o inspirado poeta e grande philantropo, accostumára-se a ter horror á escravidão. Acompanhára todo o martyrologio do seu illustre esposo, ultrajado, perseguido e despojado do ministerio publico, por haver tido a coragem de levar ao banco dos réus uma poderosa senhora da alta sociedade, barbara assassina de dois pequenos escravos. Fôra D. Maria Amelia quem primeiro me recitára a poesia *Escrava* composta por seu marido aos dezeseite annos. E, ouvindo frequentemente da sua janella, os discursos, que declamava a minhas irmãs na minha sala de estudos quando os preparava para proferir em pu-

SECMA BIBLIOTECA PUBLICA
Benedito Leite

blico, tinha sempre interesse em referir-me tudo o que poderia favorecer os meus sonhos de propagandista incipiente.

Ao assistir, porém, *de visu* a profissão de fé abolicionista do bravo timoneiro do “Alcantara”, a *Arca da Redenção*, como o celebrava nas minhas arengas aos companheiros do *Club dos Mortos*, declarei-lhe logo que não me faltariam ocasiões de recorrer aos seus bons officios. E, depois de contar-lhe o que pretendia fazer o nosso ardego pugillo de estudantes anti-escravagistas ouvi de seus labios este laconico e salutar conselho: “Quantos menos fôrem, melhores serão!”

Entrementes, rivalidades pueris entre caixeiros e estudantes por causa de duas artistas de um circo, montado no *Tivoli*, a *Estrella do Norte* e a *Cruzeiro do Sul*, rivalidades essas suscitadas pelo proprio empregario que, para ter boas férias, as alimentava sempre pelos jornaes de provincia em provincia, vieram inesperadamente em auxilio da causa que sustentavamos em prol dos captivos. Para enfrentar os empregados do commercio, na sua maioria homens feitos, reuniram-se no páteo do Lycéo os alumnos afim de seleccionarem os melhores athletas para a defeza. Era que, no fim das funcções, os enthusiasmos dos partidarios das duas equilibristas degeneravam em renhidos conflictos na rua. Fundou-se assim o *Club Roncadôr*, tendo por chefes Thomé Rodrigues, Ubaldo Serejo, Carlos Colin e outros *braços de ferro* entre os preparatorianos. E, co-

mo o *armamento* variegado para os combatentes passou a ser guardado occultamente no porão da minha casa, pois a policia déra para revistar os mais conhecidos *cabeças* dos grupos inimigos á entrada do *Tivoli*, veio dahi uma grande amizade dos campeões dos murros e dos *cambitos* (synonimo de *rasteira* naquella época) pelo *Club dos Mortos*. E, dahi por diante, nos comicios libertadores do *Pelourinho*, os *roncadores* tornaram-se os nossos mais destemidos e providenciaes *guarda-costas*.

A esse tempo, nas matas do sitio *S. Jeronymo*, antiga propriedade de meu Pae, no Bacanga, localisáramos o *Quilombo da Sumaúmeira*. Tiráramos o nome de uma secular e gigantesca paineira que alli existia e viveu até 1934, quando tombou fulminada por um raio. Entre algumas de suas collossaes raizes que, partidas do tronco, muito acima da superficie do sólo, se projectavam a quatro metros de distancia, formando perfeitos compartimentos, armavam-se rêdes para repousar á sésta. E, a pretexto de caçadas, alli se reunia de quando em vez o nosso grupo levando sal, fumo e café aos fugitivos, pois não lhes faltavam alimentos em tão uberrimas terras, até que pudessem ir escapando para o Ceará e os seringaes da Amazonia. Para isso, dispunhamos de espiões e auxiliares preciosos. Era assim que, entre os catraeiros, contavamos com a dedicação céga do *Caróba*, crioulo alto, pachola e valoroso, tido como o primeiro rémo da bahia de S. Marcos. Narravam-se factos fabulosos a seu respeito.

Ninguem bordejava como elle; seu escalér registrava centenas de travessias entre a capital e Alcantara affrontando as vâgas bravias da *Cérca*. E, por occasião, das festas de S. José de Ribamar, enquanto os seus companheiros palmilhavam as *sete leguas* tradicionaes atravez da ilha, elle, só-sinho, desfraldava a véla do seu barco, galgava escolhos, correntezas e vagalhões e aportava sempre são e salvo ás penedias onde se erguia a pequena ermida do seu milagroso padroeiro.

Caróba tornára-se dos nossos. Dia e noite, na beira da praia, farejava tudo o que se relacionava com embarque e desembarque de escravos que tinham de seguir para ser vendidos a bom preço em S. Paulo. Os fazendeiros bandeirantes, desde o escandalo publico da fuga dos captivos da familia do senador Nunes Gonçalves e de outros tambem desaparecidos no porto de Fortaleza, reccusavam-se systematicamente a effectuar os respectivos pagamentos antes do desembarque da mercadoria humana no Rio ou em Santos. Os seus agentes viviam assim em viagens de ida e volta á bahia de S. Marcos. E *Caróba* passára a ser o seu catraeiro de confiança. Esse facto nos fazia sabedores muitas vezes com grande antecedencia das partidas dessas lévas de cultivadores para ás fazendas de café do sul do paiz; e podiamos assim prevenir a tempo e com segurança os benemeritos directores da *Libertadora Cearense*. Uma das façanhas, em que *Caróba* tomou parte activa, foi a fuga de um escravo do famigerado *Posto de S. João*. Era esse

captivo irmão da preta Joanna *Apaga-fogo*, redimida por iniciativa do poeta Raymundo Filgueiras que promovera a sua allorria com um festival no Theatro S. Luiz. Essa liberta praticára actos de heroismo no combate a um incendio que ameaçára devorar um quarteirão inteiro da rua da Estrella. Escapando da prisão, o irmão de Joanna *Apaga-fogo*, em carreira vertiginosa, antes que os seus guardas chegassem á rua, embarafustára pelo *Palacio das Lagrimas*, sito na esquina proxima áquelle posto policial. Os seus detentores espalharam-se pelas cercanias em buscas rigorosas, mas nunca imaginaram que a sua presa se accoítára alli, tão proximo, no *Palacio das Lagrimas*. Chamáva assim o povo um immovel de vastos tres andares o qual jamais pudéra ser coberto e concluido. Accerca de meio século, ficara reduzido aos seus muros formidaveis, cobertos de hervas bravias ao passo que o terreno interior se transformára em uma mata de carrapateiros e urtigas de rato, planta esta temida pelos ramos crivados de espinhos finissimos que, contendo acido formico, produzem cocceiras terriveis e até chagas nos corpos. Sobré essas sombrias ruinas, creára-se a lenda e inventaram-se tragedias. A credence popular affirmava que, quem ousasse compral-o e reconstruil-o, teria morte subita. E, por uma coincidencia, o chefe politico, que um dia resolveu adquiril-o para edificar um instituto de ensino, não chegou a ver a sua obra concluida e succumbio em pleno vigor da vida. Pois, o bravo catraeiro *Caróba*, avisado pela liberta

Joanna *Apaga-fogo*, de que alli se achava, ha tres dias, curtindo fome e sêde, um escravo fugido, foi busca-lo alta noite e, com os braços chagados pelas urtigas, conseguiu tiral-o quasi exangue do esconderijo e leval-o no seu barco para um sitio escuso de Vinhaes.

Nesse serviço de investigações, contavamos ainda com uma preciosa auxiliar. Era uma escrava, quasi branca, de cabellos compridos ligeiramente ondeados, de 16 annos de idade, intelligente, arguta, de uma discreção a toda a prova. Sempre bem calçada e de vestidos modestos, mas bem feitos, tinha traços finos e formosos que trahiam a familia illustre de seu pae que, apesar de abastado, não teve a coragem ou a caridade de adoptal-a nem de redimil-a ao nascer. Ella e sua mãe continuaram assim escravas da familia conhecida por *Bocca da Noite*; e seu senhor, empobrecendo dia a dia, vivia então de fabricar charutos. Dahi o appellido que deram á joven captiva de *Adelina Charuleira*. Duas vezes por dia carregava a misera creatura taboleiros atulhados dessa mercadoria que ia distribuindo pelas casas commerciaes dos clientes de seu proprietario. Trazia ainda suspensa ao braço uma cesta para a venda avulsa a quem desejasse comprar apenas um desses *quebra-queixos*. E nessa peregrinação, sempre parava no Largo do Carmo, junto ao chafariz da Companhia do Anil, afim de satisfazer aos alumnos do Lycêo apreciadores de uma das especialidades do *Bocca da Noite* os *charutinhos de canella*.

Assistindo assim frequentes vezes aos nossos comícios entusiasticos pela redempção de sua raça, apaixonou-se pela causa e chegava a inventar pretextos para estar sempre presente ás nossas manifestações e acompanhar as passeatas pelas ruas da cidade.

A jovem captiva era de facto uma fanatica. Apesar de sua triste condição social, fôra sempre bem tratada pela gente modesta a quem pertencia. Apprendera a lêr e a escrever; fazia bordados e conhecia a costura de córtes. Sua mãe criára todos os filhos do seu senhor; e, na hora da morte, recebêra deste a promessa solemne de que alforriaria a filha logo que completasse ella dezeseite annos quando deveria já ter juizo e não se perderia mais. E poucos mezes já faltavam para que ficasse livre.

A paixão, porem, pela ideia abolicionista, que ouvia diariamente pregar, empolgava-lhe o coração. Queria tambem ter um pouco de gloria intima trabalhando por seus irmãos de infortunio. E, dominada por esse sentimento alevantado, transformára-se em uma agente preciosa e atilada com a entrada franca e facil em todas as casas da cidade pela natureza do seu officio e pela funda sympathia que inspirava a todos que com ella tratavam.

Chegára, entrementes, a occasião de serem postas em pratica a argucia e as habilidades da nossa espia. Victor Castello e Sant'Anna Reis procuraram Francisco Nina para vêr se este conseguia que eu fallasse a minha irmã Helena, que

leccionava a filha de um alto magistrado, para conseguir o andamento mais rapido de um processo de alforria, ha alguns mezes pendente de sua decisão. Tratava-se do resgate de uma escrava de nome Esperança, pertencente a um certo coronel Coelho, fazendeiro do Alto-Mearim, mas residindo sempre com a familia em S. Luiz. Essa captiva era protegida por um portuguez, negociante á rua S. Panteleão; e este não desejava vê-la ainda sujeita ao jugo servil ao nascer em breve a criança que tinha nas entranhas. Eu conhecia o caso por se referir a um visinho meu do bairro dos Remedios. O commerciante depositára o maximo que se exigia então para essas libertações em juiso. Mas a senhora da Esperança, mulher de importante politico do interior, batêra o pé. Estava tambem grávida e precisava da negra para ama de leite do seu novo filho. Em todo o caso, procurei satisfazer o pedido que aspiravam fazer por meu intermédio. O juiz estava ausente da capital e não transmittira a vara ao seu substituto. Finalmente, pude saber que, informada a familia negreira do deposito feito em beneficio da sua serva, mandára trancafial-a no posto de S. João, ignorando-se para que fim.

Reunido o *Directorio dos Cinco* na sua antiga séde da rua das Barrocas, incumbimos a joven Adelina, não só de sondar o commerciante se estaria disposto a sustentar Esperança caso pudesse ella ser tirada da prisão e conduzida para o Ceará, como de descobrir o que pretendiam fazer da escrava no Posto de S. João onde de certo

estava sendo diariamente surrada. Nessa mesma tarde, eramos seguramente informados pela nossa habilissima agente de que, ás 10 horas da noite, seria a presa levada até á rampa Campos Mello, de onde, pela madrugada, partiria a canôa que a transportaria ao interior da provincia.

Por uma feliz coincidência, nessa mesma madrugada, deveria sahir barra afóra o "Alcantara". Carlos Moreira da Silva, foi destacado para bordo desse vapor onde deveria já estar o commandante Nascimento. Chico Nina correu a entender-se com o *Caróba*, que já nos tinha prestado auxilio diversas vezes nessas arriscadas aventuras. Adelina, nas suas informações, não esquecêra um só detalhe e conseguira saber do cabo de policia, destacado para acompanhar Esperança, o itinerario que pretendia seguir. Pelas instrucções que recebêra a praça, deveria descer pela rua da Cruz até á praia do *Cisco* e, dahi, seguir pelo cães da Sagração rumo ao ponto do embarque, afim de evitar os curiosos do centro da cidade.

Quanto a mim, coube-me a parte mais grave de organizar o plano do assalto ao conductor de Esperança e expendel-o aos seus executores, que seriam os nossos dois principaes *braços de ferro*. Fui assim ao convento do Carmo, onde residia Ubaldo Serejo, parente proximo de Frei Caetano e seu protegido. A minha ideia era tomar-se de assalto a escrava das mãos do policial; e, caso resistisse, subjugal-o, meter-lhe um sacco de esto-

SEGMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

pa pela cabeça e deixal-o ás tontas no cáes sempre deserto áquella hora da noite. Ubaldo divergió; achava que se poderia facilmente illudir o guarda; elle e Thomé Rodrigues se disfarçariam em *bordistas* (marinheiros); e, ao avistar o guarda e sua preza, iriam ao seu encontro e diriam que elle Ubaldo, era o mestre do barco, e Thomé Rodrigues, seu ajudante, e que o *seu coronel Coelho* os mandára alli para “levar a moça por mar para a sua embarcação que já estava ao largo”. Em caso de mallogro, então recorreriam á violencia “dando meia duzia de *trompasios* no esbirro.” Os tripulantes dos barcos do interior não usavam uniformes propriamente de marujos; vestiam calças de zuarte e camisa de algodãozinho e chapéo de palha de carnaúba. Ubaldo era moreno carregado; nascêra no Rosario; e obtivêra a sua *indumentaria* do popular João da Cruz, velho sachristão do Carmo, famoso pelas suas bebedeiras nas ausencias de Frei Caetano. Exhibia-se então do alto de uma das janellas de sacada do convento; e, em altos brados e palavrões grosseiros, iniciava os seus *sermões* com um *latinorio* grotesco e affrontava de tal modo a moralidade publica que acabava indo coser as camuécas no xadrez de S. João. Passadas essas crises alcoolicas, era um optimo serviçal e amigo dedicado dos alumnos do Lycêo, que então funcionava no andar terreo do mosteiro.

A' hora aprazada, estavamos todos a postos no cáes da Sagração. Os nossos heroicos *braços de ferro* representavam optimamente o seu pa-



O Palacio das Lagrimas

pel. E, minutos depois, já se achava a captiva no escaler do *Caroba* onde se disfarçou em um traje legitimo de marinheiro enviado pelo commandante Nascimento. Além de Esperança, era eu o unico passageiro da embarcação. Tinhamos de vencer a derradeira e arriscada etapa dessa aventura libertadora: enfrentar o chefe da policia do porto — o capitão Joaquim Aranha, o *jaboty de collete*, como era appellidado.

Irmão de Themistocles Aranha, se não possuia o talento brilhante deste, nada lhe ficava a dever no caracter integro e recto. Era um funcionario modelo. Na sua galeota alvissima, de tólda verde, sempre ornada de tapetes novos e pintada a capricho, não conhecia sól nem temporaes: era sempre o ultimo a retirar-se de bordo e tinha o olhar arguto dos mais famosos profissionaes de sua classe. Difficilmente o enganavam ou se illudia nas suas deligencias. Fosse quem fosse, ninguem seguia viagem, quando se achava de serviço, sem os papeis rigorosamente legais. E Esperança tinha de partir sem bilhete de passagem.

No momento em que nos approximavamos do “Alcantara”, chovia torrencialmente. Ao vêr-nos subir a escada, Joaquim Aranha, grande amigo de meu pae, esbravejou, querendo saber o que me levava alli. Nascimento me déra instrucções para entretêl-o em palestra animada ao pizar a bordo afim de vêr se, sem ser avistada por elle, a captiva penetraria pelo portaló da prôa, para onde o nosso escaler garraria. Feliz-

mente, nada tive que fazer pois foi o proprio Aranha quem se afastou da borda do vapor levando-me pelo braço para o convez onde mandou preparar uma chicara de chá quente com cognac para aquecer-me. E, como logo depois soasse a hora de levantar ferro, fez questão de me levar abrigado na sua elegante galeota, re-preendendo severamente o *Caróba* por me ter conduzido naquelle barco esburacado e sem uma cobertura ao menos para proteger os passageiros.

Não ficou só nisso a solicitude paternal do bravo commandante da policia do porto. Ao saltarmos na Praia do Cajú, achou que era muito tarde para ir sósinho um *menino* pela beira do mar até ao Largo dos Remedios. E o heróe da quella accidentada aventura nocturna lá se foi escoltado por um dos seus homens de confiança até á porta de sua residencia...

Só na manhã seguinte, puderam assim saber os meus companheiros a scena final da comedia que representáramos. Semanas depois, regressava tambem a S. Luiz o commandante Nascimento e contava-nos jocosamente que “a sua *marinheira* de primeira viagem quasi deitára o filho ao mar com o enjôo terrivel que lhe saccurdida as entranhas até ancorar no Ceará.” E, quanto ao mais, os dias se foram passando e nunca pudemos apurar se o chefe de policia tivera tido sciencia da burla soffrida pelo seu agente ou se o coronel, dono de Esperança, procurára ao menos indagar do paradeiro da fugitiva que quizéra forçar a ser ama de leite do seu proximo herdeiro...

XXVIII

PARA AS PLAGAS DO SUL

Em começos de 1884, afastava-me pela primeira vez da terra natal. Muito me custou a separação da familia e dos meus jovens amigos da campanha abolicionista. Parti a bordo do paquete "Pará", rumo ao Rio de Janeiro afim de iniciar os estudos superiores. José Maria da Silva Porto, grande amigo de minha familia e meu futuro sogro, muito me recommendára ao commandante Carlos Gomes. Este, depois do Dr. Pederneiras, do *Jornal do Commercio*, era tido como um perfeito sosia de D. Pedro II. Fidalgo de maneiras, bastante instruido, possuia uma conversação encantadora. Devoto de N. S. dos Remedios, mal ancorava o seu navio na bahia de S. Marcos, mandava arriar a sua balceira e dirigia-se directamente á ribanceira onde, á beira do Anil, se ergue em S. Luiz a poetica ermida da Santa Milagrosa.

Recebi assim durante toda a viagem um tratamento especial. Em cada porto, o commissario

rio do navio levava-me para terra e designava um taifeiro para mostrar-me a cidade. A minha primeira grande sensação de passageiro estreiante experimentei em um desembarque tumultuario e arriscado em Fortaleza. Nunca tinha visto uma jangada; ao descer a escada de bombórdo, tive de fazer de acrobata para manter o equilibrio; e fiquei pasmo quando um vagalhão bravo saccudio-me para terra e vi-me por encanto arrebatado nos braços de um *marióla* que, com agua pela cintura, todavia me pôz salvo e enxuto sobre o immenso areial de Mucuripe.

Transpostos os tres planos do Jardim Publico, que dava então accessó á *Terra da Luz*, fui logo com o meu guia em busca da residencia de José Amaral. Ardia por conhecer esse benemérito patriota que era a alma da *Libertadora Cearense*. Encontreio-o ainda em casa; e, ao receber-me com a hospitalidade innata dos nor-tistas, fixou a vista sobre o cartão, com que me annunciára, e encarou-me um tanto sorprendido...

— Acha-me muito criança? indaguei.

— Não, senhor; aqui pelo Ceará, ha muitos *mocinhos* abolicionistas tambem. Mas... é que pensava ser a sua *graça* um pseudonymo com o qual alguém me escrevia de S. Luiz para não ser descoberto.

Conversamos longamente. Contei-lhe as difficuldades que havia em Maranhão para se fazer uma propaganda efficaz pela abolição. Ouvi

então juizos bem desagradaveis sobre a falta de coragem e de civismo dos politicos, jornalistas e homens cultos da *Athenas Brasileira* na defeza da causa dos escravos.

Voltei para bórdo profundamente triste e ferido no meu amôr proprio de maranhense, enraigado *bairrismo* que é uma molestia moral dos filhos da minha terra. Dois dias depois, saltava no Recife. Esperava-me no cáes o meu irmão Antonio da Silva Moura Junior, que herdára por inteiro o nome de nosso progenitor. Nunca mais o vira depois dos sete annos. Muito mais velho do que eu, fixára-se em Pernambuco e ahi se estabelecêra no commercio. Alistará-se na politica como adepto exaltado de José Maria, o chefe real do seu partido na capital. José Mariano era o cabeça; aquelle o braço forte dos liberaes. Ambos formados em direito, talentosos e destemidos. O dia do meu desembarque coincidira com um renhido pleito eleitoral. No *Poço da Panella*, houve sangrentos conflictos. Correndo com meu irmão diversas secções, fui apresentado a um grupo de jornalistas. Quando lhes disse de onde vinha, um delles exclamou sarcasticamente: “Do Maranhão? meu caro; não! O senhor veio da *Costa d’Africa*: a sua terra é um mercado de negros.”

— Exactamente como Pernambuco, repliquei atrevidamente. Nós lá chamamos isto aqui a *Cafração Brasileira*!

— Pernambuco?... a terra de Nabuco?... alto lá! retrucou elle orgulhosamente. Aqui, no

Recife, o senhor não é capaz de embarcar um só escravo para o Sul. Seu irmão que lh'o diga.

Não me dei por achado e affirmei que lera um jornal alagoano que, dando noticia de uma léva de infelizes captivos, procedentes dos sertões pernambucanos com destino a S. Paulo, protestava energicamente contra o facto declarando que, melhor do que Jaraguá, os seus vizinhos tinham a *Lingueta* que era optimo escoa-douro para esse *lixo humano*. E ahi parou a azeda disputa pois chegava um dos cabos eleitoraes de fama annunciando a victoria do seu grupo e sendo calorosamente victoriado pela turba.

O meu irmão aproveitou a confusão para retirar-me daquelle ambiente perigoso, aconselhando-me que deveria ser mais prudente e não retrucar a essas e outras pilherias de máo gosto. Aquelle typo só tinha de jornalista o rótulo; era um dos muitos capangas intellectuaes da terra; e estava sempre ao lado de quem serrava *de cima...*

Naquelle tarde, na rua da Imperatriz, tive o prazer de ser apresentado a José Maria e a Martins Junior. Sympathisei mais com o chefe liberal do que com o republicano, embóra poeta distincto e propagandista famoso do meu crêdo. Achei o correligionario um tanto pretencioso e enfatuado, conceito de que me arrependi quando, mais tarde, no Rio de Janeiro, nos tornamos amigos na redacção d'*O Paiz*. No Congresso Nacional, elle me antecederá em duas legislatu-

ras. Quanto a José Maria, era, de facto, seductor pelo seu trato franco, democratico e communitativo. E, na conversa que travamos, defendendo embóra os seus amigos liberaes do Maranhão, concordou em serem por demais *timidos* no combate contra a escravidão. E concluiu dizendo que, nesse ponto, Pernambuco era mais feliz: se os *Leões* liam pela cartilha acomodaticia dos *marcelinistas e dos salistas* de S. Luiz, os *cachorros*, de que se orgulhava de ser um dos cabeças, tudo estavam fazendo para levar Joaquim Nabuco ao parlamento. E, este e José Mariano esmagariam juntos a cabeça da *hydra negra*!

Nessa mesma noite, zarpava o *Pará do Lamarão*. O mar fortissimo não me deixou saltar em Maceió, e, na Bahia, nova decepção me aguardava. Nina Rodrigues, o futuro sábio maranhense e gloria da sciencia médica brasileira, hospedava-me carinhosamente na sua *republica*." Esta não é a de teus sonhos, gracejou elle, mas estás entre rapazes, abolicionistas todos como tu." Filho de um fazendeiro illustre de Anajutuba, elle e seu irmão Djalma receberam uma instrucção primorosa e uma herança moral elevada e digna. O vapor demorára no porto quasi tres dias com um ligeiro desarranjo nas machinas. Pela cidade baixa, os negros fervilhavam; e, até nos bairros mais aristocraticos da parte alta, como a Victoria e a Barra, o numero de brancos, que se viam, era bastante limitado. O instincto innato de *reportagem*, do-

minando-me sempre o espirito, levou-me, ao amanhecer do dia seguinte aos pontos mais movimentados da cidade. A casa, onde me hospedaram, ficava perto da Baixa dos Sapateiros; dahi desci ao grande mercado, sito á beira-mar, e fui até ao Bomfim e a Itapagipe. Por toda a parte, travei palestras com a gente de côr procurando fazer psychologia como já me acontecera na véspera á noite com a bôa sociedade quando tive a fortuna de passar umas horas com a familia Almeida Couto, refinada nas maneiras e finissima na educação. O negro bahiano, á primeira vista, se me afigurou bem differente na alma e na sôrte do negro da minha terra e das outras provincias do Norte. Os que nasceram livres, como os libertos e os escravos, irmanados todos pelo sangue, dêram-me a impressão de que viviam felizes entre si e no convívio dos brancos. Não ouvi queixas nem recriminações contra os *senhores*: cheguei mesmo a persuadir-me de que a ideia e a ancia da libertação não lhes empolgavam os animos. Fazendo em São Luiz dos versos de Castro Alves, os themas ferozes dos meus discursos, sempre imaginára que as scenas dos seus emocionantes poemas fossem inspiradas pelas senzalas bahianas. E, com o pessimismo natural dos fanaticos por uma ideia, conclui que talvez a capital não reflectisse as queixas das victimas que labutavam asperamente pelo interior da Provincia.

O quadro, entretanto, que tinha diante dos olhos e apanhára em flagrante, fazia-me suppôr

que, ao contrario do Maranhão e de Pernambuco, o negro, na Bahia, absorvêra o branco; um e outro não se hostilizavam; não guardavam rancôres; haviam misturado mesmo o destino com o sangue cruzado; viviam, enfim, fraternalmente, em um verdadeiro seio de Abrahão. Não só o colonizador portuguez fôra victima de tão estranha absorpção por uma raça tida sempre por inferior. Outros europeus, especialmente de origem germanica, tambem tinham sido assimilados pelo africano. Allemães de alta posição no commercio e nas industrias, possuidores de grandes usinas e *Reis* até do mercado do fumo, se haviam ligado á gente de côr e formaram familias mestiças de prestigiosa projecção social...

A lendaria cidade do Salvador, tão amesquinhada por certos criticos impiedosos como a *Nigricia Brasileira*, passára a merecer desde esse instante todas as sympathias do meu coração ardoroso de abolicionista; e, na carta dalli escripta aos meus confrades maranhenses, eu a chamava emphaticamente o *Paraiso do Captiveiro!*

XXIX

NO CORAÇÃO DO BRAZIL

Logo ao desembarcar no Rio de Janeiro, procurei aproximar-me de Patrocínio e de Quintino. Este ainda não havia lançado *O Paiz*, que só viu a luz mezes depois; mas, como aquelle grande mestiço, o principe do nosso jornalismo já me fascinava pelos seus escriptos e pela sua figura singular e inconfundivel de chefe. E só muito mais tarde d'elle me affastaria quando Silva Jardim arrastou para seu lado a juventude nortista pela sua acção revolucionaria contra o throno. Tornou-se mesmo um escandalo o caso dos estudantes vaiarem desrespeitosamente o Conde d'Eu na sua visita a S. Luiz do Maranhão...

A principio, devo confessar, a Côrte não me seduzio com os seus encantos naturaes e a sua vida social intensa e cosmopolita. Tinha a cabeça cheia de paixões politicas e de ideias subversivas. Puzera mesma o pé em terra sem ainda me decidir se seguiria o curso medico ou o de direito.

Um accaso feliz me fez conhecer no dia seguinte ao da minha chegada, um conterraneo, cuja existencia até alli ignorava e que se tornaria depois meu amigo do peito, quasi um irmão. Em casa da familia Fabio Quadros, encontrei Goetz Galvão de Carvalho, alma candida e pura, oriundo de uma raça privilegiada de poetas lyricos da minha terra. Filho do Alto-Mearim amava elle tanto, quanto eu, a sua *Mãe-Preta*, uma creatura bonissima e terna que o criára e mais duas irmãs orphãs. Goetz, abolicionista ardoroso tambem obteve de seu parente, o dr. Hennock Reis, que era a alma da Secretaria da Camara dos Deputados, um cartão permanente que me dava facil accesso ás tribunas daquella casa legislativa. Nas horas das sessões, alli me instalava diariamente, conservando quasi sempre o mesmo lugar. Essa assiduidade me trouxe a amizade de velhos funcionarios que, muitos annos depois, acompanharam com sympathia a minha vida parlamentar na Republica.

Por esse tempo, agonisava o Gabinete Lafayette. A campanha abolicionista pela imprensa tocava á sua phase aguda. O chefe do governo anterior, declarando-se *escravocrata da gema*, cahira sem deixar saudades. A *canôa do tio Martinho* inspirára satyras crueis contra o seu rude e bizarro timoneiro. Tambem o *philosopho* mordaz do *póde ser que sim e póde ser que não* mais feliz não se mostrára do que esse seu conterraneo de Minas. Na *Falla do Throno*, surgira apenas uma referencia anodina á questão do

elemento servil, mas não satisfizera a opinião nacional. O conselheiro Dantas, o *homem dos abraços*, espirito fino, arguto e conciliador, chamado ao poder, proclamava logo em pleno recinto do parlamento que, diante da “emancipação dos escravos, não se poderia mais *parar, nem retroceder, nem precipitar*”. E o seu plano de *libertação dos sexagenarios* apaixonára desde então todas as consciencias.

Do meu posto nas galerias da *Cadeia Velha*, acompanhava fébrilmente todos os debates memoraveis que se travaram dalli por diante se bem que, nas rodas de estudantes e jornalistas, não ocultasse os meus intimos desgostos. Achava o *projecto Dantas* uma pura panacéa, um engodo engenhoso para amortecer a marcha victoriosa das ideias abolicionistas. A lei da *eleição directa*, subscripta por Saraiva, havia afastado da Camara baixa abolicionistas decididos como Joaquim Serra, Nabuco, Gusmão Lobo e Marcolino Moura, um grande coração servido por um character diamantino e nobre. Entre esses expoliados, destacava-se o vulto singular de Jeronymo Sodré que dignamente se immolára aos seus ideaes, quer deixando altivamente despojar-se das posições politicas, quer reccusando a herança de seus maiores constando de captivos e de outros bens oriundos do trabalho escravo. Nas bancadas, entretanto, continuavam a brilhar as figuras illustres de Ferreira Vianna, Taunay, Matta Machado, Ruy Barboza, Zama, Alvaro Caminha, Candido de Oliveira, Franklin Dória,

SECMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

Affonso Celso Junior e alguns outros. Este ultimo, especialmente, reunia todas as minhas sympathias pela sua mocidade radiante e seu primoroso talento. E, como maranhense, amante extremado de minha terra, apesar de todo o odio que votava ás suas ideias escravagistas, sentia uma admiração profunda e irreprimivel por Gomes de Castro, o maior orador parlamentar do seu tempo, quando o via assomar á tribuna, seguro do seu valór e certo de que ninguem o excediria na eloquencia e na dialética.

Todas essas minhas impressões eram théma das longas cartas que escrevia aos meus companheiros de lutas em S. Luiz. Difficilmente me fui adaptando ao meio carioca. As saudades da minha terra eram torturantes. A principio, a convite do meu cunhado Leocadio Rayol, que tinha fama de ser rival no violino de Joseph White, o director artistico dos concertos da Princesa Izabel, e de Pereira da Costa, o *arco magico*, aquelle cubano, este portuguez, fui morar em uma *republica* organizada por José Eduardo Teixeira de Souza, medico, professor e poeta delicado. Adepto do cathecismo positivista, déranos elle por companheiro Lins de Vasconcellos e Bernardino de Carvalho, tambem discipulo de Comte e em vésperas de se tornar cunhado de Teixeira Mendes. Noivo de uma irmã de Simões Barbosa, clinico illustre no Recife, e tendo sempre ao lado do retracto de sua promettida uma photographia de Clotilde de Vaux, pretendia impôr-me Teixeira de Souza a cada instante a

sua vontade e mudar-me as ideias philosophicas que trouxera de S. Luiz. Dahi discussões violentas que acabaram por separar-nos de vez e bastante extremecidos. Lucrei, todavia, dessa residencia na rua de Maranguape as amizades de Annibal Falcão e do poeta Generino dos Santos. Nas outras *republicas*, de que fiz parte, se conquistei amigos dedicados, alguns dos quaes ainda hoje existem como Americo e Alexandre Ludolf, tambem não achei um ambiente compativel com os meus pendores revolucionarios, Quasi todos os companheiros eram filhos de agricultores abastados do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo, como Eduardo Martins, Tótó Rezende, Caetano de Menezes, Fajardo, João Bráulio Moinhos de Vilhena, Sebastião Barroso e Edmundo Lacerda; e, antes de tudo, não pensavam ser senão estudantes. O resultado foi que acabei indo morar sósinho no *Palacete Mindello*, uma pensão familiar que, sob esse nome pomposo, se tinha installado á rua de S. Pedro, quasi esquina de Uruguayana. Esse vasto predio de dois andares servira largos annos de hospital a uma ordem religiosa; e as enfermarias, divididas ao meio e ao longo por numerosos tabiques, que chegavam apenas a pouco mais da metade das paredes, deram origem a grandes quartos cada qual com as suas janellas para o pateo interior ou para a rua, e portas para extensos e mal illuminados corredôres: Sendo os seus habitantes quasi todos officiaes de marinha e empregados do commercio e não commensaes, o

silencio era profundo durante o dia; e a noite convidava ao estudo.

Na tarde, em que tomára posse da minha *célla*, como chamavam os collegas o meu aposento, deparei com um grande cartaz pregado na porta fronteira á minha: “Aqui jaz Olavo dos Guimarães Billac, dizia esse letreiro, mas não recebe visitas de *cadaveres*.” O poeta, já então absorvido pela vida bohemia, raras vezes apparecia no seu domicilio. Só vim a conhecê-lo semanas depois de morarmos na mesma casa e em circumstancias curiosas. Entrava certa madrugada do theatro quando, ao abrir a porta da rua e accender um tóco de vêla, que trazia sempre no bolso, pois não havia luzes nos corredores dos dois andares, divisei um vulto agachado no meio do primeiro lance das escadas a procurar qualquer objecto. Bastante myope, mesmo com o auxilio da luz frouxa que projectára sobre os degraus, nada enxergava o desconhecido. Restitui-lhe a luneta que lhe cahira. Em chegando ao andar superior, reconhecemos ser vizinhos e declinamos os nomes ficando para sempre amigos. Recolhido ao meu quarto, percebi por uns reflexos luminosos no tecto, que o poeta não resolvêra meter-se logo na cama e perambulava pelos corredores. Finalmente, restituidas as trevas á antiga enfermaria, então repartida em numerosos cubiculos, ia já conciliando o somno quando senti que qualquer coisa cahira dentro do meu compartimento. Ao mesmo tempo, dos outros aposentos vozes indignadas se erguiam em pro-

testos violentos, diante de bacias quebradas e de corpos molestados por um verdadeiro bombardeio das botinas e sapatos, que haviam sido postos ás suas portas pelos hospedes. Descobri logo quem fôra o autor da brincadeira que, além dos prejuizos causados, fez perder naquella noite o somno a tantos homens laboriosos.

No dia seguinte, á hora do almoço, o velho Pacheco, dono da pensão, alma franca e leal de transmontano, quasi privado de sahir á rua por ter amputado uma das pernas, commentava o caso cheio de indignação. Lamentava não haver podido descobrir o autor de tão estúpida graçola pois lhe daria uma lição em régra. A' mesa da familia Pacheco, apenas se sentavam quatro hospedes: o corretor Castello, o actor Eugenio de Magalhães, o commissario da armada Juvencio de Oliveira e eu. O corrector era a figura central da casa. Occupava o salão de visitas transformado em rico dormitorio. Solteirão e abastado, tinha maneiras distinctas; consumia bons charutos e vinhos de escolha; e franco; sem ostentações, fazia questão de partilha-los sempre com os seus companheiros de refeições. Pacheco tinha orgulho em proclamar que fôra elle o seu primeiro hospede e o seu grande protector; mas toda a sua admiração e os seus enthusiasmos se concentravam no *senhor Eugenio*. Assim tratava o famoso galan da companhia Dias Braga, então muito popular na cidade; e, frequentes vezes, repetia que só esse genio da scena portugueza o tirava de casa uma vez por anno no dia do seu

beneficio quando lhe offertava o melhor camarote do *Recreio*.” E, quanto a mim, o bravo transmontano, filho da mesma zona de meu Pae, desde logo me cumulou de gentilezas e cuidados. Fôra o caso que o commissario Juvencio de Oliveira, como antigo pensionista do *Palacete Mindelo*, sergipano arguto e espirituoso, não tardára a convencer o velho luso de que “eu era descendente puro dos Almadás e dos Abranches e, por conseguinte, *fidalgo nato da Casa Real de Bragança*.”

Tambem Eugenio de Magalhães bem cedo se tornava amigo meu. Fizera parte do elenco da Companhia Vicente Pontes que alcançára successo brilhante em S. Luiz. E, recordando-lhe em uma dessas refeições a noite celebre da sua estréia no *Drama do Povo*, no papel de *Paulo*, alludira maliciosamente a uma de suas aventuras romanescas. O elegante artista confirmára as minhas indiscreções. De facto, confessára sorrindo, fôra *raptado* em Maranhão. Foi o caso que, em um dos intervallos do drama que, certa noite alli representára, recebêra um bilhete perfumado convidando-o a receber uma joia da partê de uma sua admiradora que, fanatisada pela sua fina arte, o esperaria em uma carruagem em ponto proximo á sahida reservada do Theatro. Desconfiou logo tratar-se de uma dama formossissima que, trajada de velludo negro, o devorára de ternos olhares durante o espectaculo inteiro. Não resistio á tentação. Ao chegar junto ao vehiculo, a desconhecida o convidára a entrar um

minuto para falar-lhe; e, mal o fizera, sentira bater bruscamente a portinhola por um negro musculoso, que se postára no estribo enquanto os cavallos partiam em disparada. Uma vez na residencia da sua audaciosa raptora, vio-se prisioneiro da paixão de uma mulher capaz de todas as violencias e loucuras. E, ausente o marido em Portugal, negociante opulento e popular na cidade, alli ficou dois dias sem poder sahir o que só conseguiu uma hora antes de começar a récita de despedida da sua companhia. O empresario passára momentos amargos; e, se não recorrêra á policia, fôra porque tivêra aviso do que se iria passar por um dos empregados do Theatro, cumplice do attentado amoroso ao seu distincto galã. E proseguio Eugenio de Magalhães contando que, ao subir pouco depois o panno, era de novo surpreendido com a presença da seductora na sua frisa de assignatura. E o romance não acabaria ahi. Ao findar a ultima scena da peça, receiando um segundo assalto, escafedêra-se pelos fundos do Theatro em busca do seu hotel, sem mesmo trocar as vestes do montanhez em que acabava de exhibir-se. Era que o episodio extratheatral fizera escandalo já em S. Luiz. A heroína tinha por irmão um medico illustre e braço ás armas feito. E foi assim um grande alivio para o seu espirito quando, no dia seguinte, zarpava o seu navio da bahia de S. Marcos e se via são e salvo de uma possivel aggressão. A' hora do jantar, porém, recebeu novo choque verificando estar a cadeira junto á sua occupada pela sua

SECMA - BIBLIOTECA
Benedito Leite

encantadora apaixonada. E, ao desembarcar em Recife, teve de se dar como casado. Só mezes após, já no Rio de Janeiro, occorreu o epilogo de sua incrível aventura quando a sua amada sahio do hotel certa manhã e nunca mais voltou...

As relações amistosas com Eugenio de Magalhães foram a esse tempo muito uteis para os meus projectos abolicionistas. Alem de proporcionar-me entrada franca em todos os theatros, apresentou-me a collegas de grande influencia social. Foi assim que Lucinda Simões me aproximou de Sizenando Nabuco; e este me fez conhecido não só do seu glorioso irmão, o grande Joaquim Nabuco, como de Patrocínio, João Clapp, Campos da Paz e outros ardorosos agitadores da época. Tambem nessas rodas que, depois das dez horas da noite, se viam nos jardins das casas de espectaculos, duas figuras bastante me interessaram: o conselheiro Silveira da Motta e Paula Ney, cujo espirito revolucionario de nortista muito se assemelhava ao meu. Naquelle emerito parlamentar e homem de letras, pae do Barão de Jaceguay e bohemio inveterado até á extrema velhice, recolhendo-se sempre pela madrugada ao seu palecete da rua do Carmo, achei um admiravel méstre da historia politica da nossa Patria. Apesar de todo o seu radicalismo, era todavia um adepto sincero das fórmulas monarchicas, sustentando que “o vicio do regimen não estava nas instituições, mas nos homens.” Para elle, como para Affonso Celso (pae) Silveira Martins, Franco de Sá e outros liberaes adian-

tados, o projecto Dantas, então em fóco, promovendo a libertação dos escravos sexagenarios, ia além do que se pôderia fazer no momento para não desorganisar a economia nacional. E, como eu lhe replicasse um dia que, pelo que estava vendo, a *Côrte*, a tão falada *Côrte*, quasi indifferente em face do problema servil, não merecia o famoso titulo de *coração* do paiz, como se proclamava lá pelo Norte, teve um sorriso ironico e disse: “Póde ser que não seja; mas creia, menino, ou *coração*, ou *cérebro*, ou *ventre* do Imperio e talvez de sua sonhada Republica, *este Rio de Janeiro é o Brazil!*”

O INFERNO VERDE

Foi na noite de um banquete offerecido a Sarah Bernard no *Hotel do Louvre*, situado na Praça Tiradentes, no local onde mais tarde se installou o *Centro Paulista*, que ouvi pela primeira vez a palavra arrebatadora de Joaquim Nabuco.

Na sua admiração pela *Diva*, o excelso tribuno se transformára até em *reporter*, descrevendo diariamente n' *O Paiz*, recentemente fundado, todos os seus gestos e todos os seus passos. Ferreira de Araujo não lhe perdoou essa attitude impropria de tão grande vulto da politica nacional, fustigando-o em pequenas criticas mordazes pela *Gazeta de Noticias*. E instava todas as manhãs para que revelasse ao publico se a natureza da insigne artista era differente da dos outros mortaes pois, enumerando todos os minutos da sua existencia no Rio, occultava certos actos que

os proprios genios fatalmente deveriam praticar...

Nabuco resentira-se com essas satyras que acharam écho malicioso nas folhas escravocratas que procuravam ridicularisal-o a todo o transe. Recem-chegado da Inglaterra, commentavam-lhe os trajés e o penteado; e, apesar de já ser moda antiga em Londres usarem os homens pulseira, cobriam-no de remoques por esse requinte de elegancia.

Os applausos, comtudo, que, nessa festa a Sarah Bernard, recebeu o grande tribuno do escól dos litteratos, scientistas e homens de imprensa, alli reunidos, tocáram a uma verdadeira apothéose.

Acabados os brindes, em uma das sacadas do hotel, eu recitava a Rose Merys, a fina poetisa franceza e a José Mariano, alguns trechos, que retivéra de cór, de uma conferencia, feita por Nabuco, no Recife, quando este se approximou a chamado daquelle seu dedicado conterraneo e amigo. Gabando-me a memoria que considerava o principal predicado dos oradores, contou-me então episodios interessantes de Tavares Belfort que, lente da Faculdade de Pernambuco, certa occasião desconcertou um dos seus illustres examinandos que acabava de defender theses, repetindo palavra por palavra a sua oração e provando-lhe assim que o trabalho apresentado não era da sua autoria. E concluiu por declarar que tambem possuia esse dom privilegiado da intelligencia e logo o provou perguntando-me se, sendo

maranhense, era parente de um *Abranches* que, na Independencia, revelára a fina cultura, já existente em São Luiz, commentando Jeremias Bentham e dando quinãos de direito constitucio-
nal em Lord Cochrane que se mettêra alli a es-
crever nos jornaes. Respondi-lhê que esse *Abran-*
ches era o redactor do *Censôr* e mostrou-se então
interessado em que lhe copiasse os trechos do
Espelho Critico em que meu avô, em 1821, já se
batia pela abolição do elemento escravo no
Brasil.

No momento, entretanto, em que ia inter-
pelal-o sobre a marcha da propaganda abolicio-
nista diante dos successos politicos que se segui-
ram á quêda do ministério Dantas, Paula Ney,
já fóra de si pelo excesso das libações, interrom-
pia a nossa interessante palestra.

Indignado contra os negreiros das terras flu-
minenses, de Minas e de S. Paulo, bradava elle
que, para esmagar a *hydra escravocrata*, seria
preciso arrasar primeiro essas tres provincias
despoticas que formavam com seus cafésaes mal-
ditos o *Inferno Verde* do Brazil !

Todos acharam original a allegoria. Catadu-
ra carregada e cáva, olhos semi-cerrados e fero-
zes, labios contrahidos na sua expressão carac-
teristica de desprezo por tudo e por todos, o ta-
lento bohemio cearense pintára-nos em phra-
ses retumbantes o quadro tétrico da sua ultima
viagem por esses reductos odientos do escravis-
mo. O verde bronze das matas reflectia por toda
a parte a tristeza dos corações captivos; e a fa-

mosa terra roxa do oéste paulista como que denunciava ao mundo civilizado que vivia ensopada do sangue pisado dos martyres do captivo. E perorára descarregando todo o seu odio sobre as figuras venerandas de Andrade Figueira, Paulino de Souza, Martinho Campos, Moreira de Barros, Antonio Prado e outros politicos que considerava os coveiros da monarchia!

A' sahida do *Hotel do Louvre*, ainda quiz Ney que o acompanhasse até ao *Stadt de Coblenz*, onde terminava todas as noites as suas farras. Mas tinha de partir na manhã seguinte para a capital paulista, o que occultei ao furibundo confrade.

As suas imagens tragicas, todavia, não se me apagaram da memoria no moroso e accidentado percurso ferro-viario que tive de fazer durante treze horas atravez de montes e valles até á famosa terra dos *Bandeirantes*. Ao parar o trem em Barra-Mansa, a temperatura era escaldante. Essa cidade vivia coberta das maldições dos adversarios abolicionistas de Andrade Figueira. Patrocínio mais de uma vez photographára com côres sombrias as horripilantes tragédias negreiras, alli tidas por theatro.

— E' a porta principal do *Inferno Verde*, disse ao chefe do trem, um mestiço alagoano, communicativo e loquaz com quem logo travára relações. E expliquei-lhe o sentido da phrase, que ouvira de Paula Ney. O bravo nortista retorquiu logo: — “Então, esse *Inferno* tem multipas entradas.” E, volvendo os braços em volta

do corpo, disse-me que “em toda aquella região que se estendia por Bananal, Rio Claro, Rezende e matas a dentro, as senzalas fervilhavam como casas de cupim e dia e noite o relho zumbia no lombo dos captivos”. Narrou-me então a chegada recente alli de um negro fugido que, encerrado em um carro de cargas, saltára, quasi exangue e, na propria estação, fôra sovado por cinco ou seis braços vigorosos dos capangas do seu senhor. Mesmo as cidades mais civilizadas e importantes daquella linha como Lorena, Guaratinguetá e Taubaté, não escapavam a essas selvagerias. E, referindo-se a Minas-Geraes, descreveu-me tambem scenas de cortar o coração.

A esse tempo, a capital paulista não perdêra ainda o seu typo verdadeiramente provinciano. Mal illuminada, ruas em geral de pessimo calçamento, construcções sem fino gosto artistico, só os estudantes, alli vindos das outras provincias e do interior, lhe davam de quando em vez um tom festivo. A familia paulista, de genio retrahido e costumes severos, concentrava todas as suas dôres e a suas alegrias dentro dos lares.

O contacto com os adeptos de Luiz Gama, o immortal abolicionista, encheu-me de esperanças e revigorou-me o espirito juvenil bastante desilludido em face do que se me afigurava a propaganda no sul, como no norte, desordenada, sem rumo definido, sem cohesão, incapaz de um golpe revolucionario collectivo contra o regimen negreiro e a propria monarchia, sua irmã gêmea. Em um artigo, que então mandei a Francisco

Nina para ser publicado em S. Luiz e depois transformei em um discurso de propaganda, resumia todas as minhas desillusões e desesperos sob o titulo *Conservadores escravistas, liberaes escravocratas, republicanos escravagistas*.

Como Patrocinio, tornaram-se Luiz Gama e, mais tarde, Carlos de Lacerda, o denodado batalhador campista, os meus modelos predilectos. E, no meu espirito, cristalisou-se a resolução inabalavel de voltar quanto antes ao Maranhão para lutar, como elles, custasse o que custasse, pela redempção immediata dos captivos.

Uma temporada em Santos fortalecêra ainda mais essa decisão. Hospedára-me em casa de um maranhense illustre e abolicionista convicto, embóra moderado. Funcionario da Alfandega, culto e observador, fizera-me na intimidade uma surpreendente revelação. A quêda do Ministerio Dantas fôra espectacular. Moreira de Barros, deputado paulista negreiro, presidente da Camara, sahira corrido dessa casa legislativa debaixo de tremenda vaia e de gestos aggressivos de revolta da massa popular. — Pois bem: dizia o meu arguto informante, esse *leader* ferrenho dos liberaes, uma vez voltando á Provincia, ajustára-se logo com Antonio Prado e outros escravocratas conservadores para mudarem de attitude no primeiro momento opportuno. Nesse sentido, promoviam á essa hora um entendimento com os lavradores abastados afim de expulsarem os captivos das fazendas substituindo-os por brancos importados da Baixa-

Italia, assolada pela miséria e pela falta de trabalho. E concluía ironicamente affirmando que, á semelhança de horrendo trafico dos negros africanos, já estavam agindo cruamente na Paulicéa os novos mercadores de carne humana!..

A febre amarella devastava então o porto de Santos. Os estivadores estrangeiros eram logo abatidos pelo terrível mal á proporção que iam sendo aproveitados para os embarques de café. Só os mestiços do Norte, como os negros em geral, por natureza se mostravam immunizados. O meu conterraneo levou-me em visita a um dos velhos e acanhados vapores transatlanticos que iniciavam o transporte dos immigrants italianos, logo depois de lançar ferros. Era o *Pó* um pequeno navio, em que, por uma coincidência curiosa, me transportaria vinte e um annos depois de Genova a Napoles. Fiquei enojado. Mais de mil infelizes accumulavam-se á prôa, na mais sordida promiscuidade. Diante das narrativas, que me fizeram da tragica travessia em um quadro de mortes por infecções diversas e de scenas indecorosas de estupros e vinganças sórdidas, tive a impressão de que não exageravam os meus maiores ao me contar as descargas dos miseros africanos na Bahia de S. Marcos. E disseram-me que os soffrimentos desses immigrants, levados em lotes para as fazendas e sujeitos á escravtdão de contractos leoninos, não acabavam na limpa dos cafesaes. Lavradores havia que, viciados pelos costumes barbaros das senzalas, chegavam

a soval-os como perfeitos escravos. Demais, os italianos, por indole, aberravam de outras raças européas; não cruzavam em geral com a gente de côr nem lhe supportavam a convivencia. Dahi, logo depois da lei 13 de Maio e mesmo antes, certos fazendeiros enxotarem de suas terras os negros e os mulatos, como cães hydrophobos, para não perderem o concurso intelligente do braço estrangeiro. Era que, na opinião do meu illustre conterraneo, habitante antigo de Santos e conhecedor profundo da vida da provincia, o negreiro ia alli muito alem de toda a gente do Nôrte, maranhenses, pernambucanos e bahianos, que exploravam o captivo africano sem odial-os; o paulista abominava o negro; não se juntava com elle, não lhe dava confiança nem o olhava com piedade; tinha-o como um ser abjecto, desprezível, noscivo á sociedade...

Poderia haver grande exagero em tal conceito; mas a verdade é que, abolida a servidão, a grande massa dos homens de côr foi como que por encanto profundamente reduzida em São Paulo.

Voltando logo depois ao Rio, assisti á agitação revolucionaria que se fez em torno do gabinete organizado pelo Barão de Cotegipe. Particpei dos memoraveis comícios em que, ao lado de Patrocínio, a mocidade das escolas civis e militares resistia heroicamente ás investidas da *guarda negra*. E, em uma dessas reuniões subversivas no Largo da Lapa, um dos quartéis generaes da capoeiragem carioca, terminada em tremendo e

sangrento conflicto, sendo talvez o vigessimo orador, que alli falava do alto do chafariz, dizia-me Joaquim Ignacio que, aspirante ainda do exercito, bravamente me defendêra dos ataques contrarios: “Ou vocês, paysanos, levantam-se já em massa contra a *bastilha negreira*, ou nós, militares, revoltaremos os quarteis e poremos de uma vez a abaixo a escravidão e a monarchia !”

BAPTISMO DE SANGUE

No auge do fastigio do gabinete escravocrata presidido pelo Barão de Cotegipe, partia do Rio de Janeiro no paquete francez *Atlantique* para Recife e, dahi, embarcava logo depois para S. Luiz.

Os chefes abolicionistas, pela voz autorizada de Patrocínio, nosso arauto e mentôr, diante do mallogro do *Projecto-Dantas*, tinham afinal resolvido convulsionar as provincias, incitando-se os captivos ao exodo das fazendas e levando-se a propaganda até á luta pelas armas. A essa hora, a questão militar já se ia esboçando em pequenas reacções symptomaticas, aqui e alli, por todo o territorio nacional. Desde que officiaes do exercito em certo numero se declarassem dispostos a não servir de *capitães do matto* com os destacamentos sob o seu commando, os seus camaradas instinctivamente os acompanhariam nesse gesto que poderia ser contra a disciplina,

mas era incontestavelmente patriótico. Benjamin Constant com seus discipulos de escol, e Henrique Valladares, Madureira, Jayme Benevolo, Licio Cardoso e outros, já se haviam manifestado francamente abolicionistas. Deodoro e Pelotas no intimo d'alma sympathisavam com a causa. Conseguida a adhesão mesmo platónica que fosse da espada, a penna e a palavra precipitariam o golpe revolucionario contra o escravismo.

A estrategia politica dos partidos monarchicos, consistindo em Saraiva, liberal moderado, preparar o terreno para os conservadores decretarem o plano emancipador sob as formulas hypocritas com que se havia modificado o *Projecto Dantas*, não lograra engodar mais os abolicionistas militantes nem a propria opinião publica. Em Recife, já encontrara os animos profundamente exaltados. José Maria, homem de coragem e de fé, não occultava a disposição de sua gente de vencer ou morrer. O parlamento havia sido dissolvido. Nas novas eleições pernambucanas, tinham levado ás urnas nos dois districtos da capital os nomes de Nabuco e de José Mariano. A victoria deste fôra estrondosa. Quanto áquelle, os adversarios, que sustentavam o conselheiro Portella, seu competidor, venceram pela fraude apoiados pelas bayonetas da policia e pelo derrame dos dinheiros publicos. As secções eleitoraes ficaram ensopadas de sangue!

Em chegando ao Maranhão, tive fundas decepções. Nesses longos mezes de ausencia tudo

se havia transformado. Dos companheiros do *Club dos Mortos*, do *Directório dos Cinco*, do *Club Roncador*, apenas Francisco Nina ainda lutava, sósinho embóra, pelo seu ideal de fundar uma folha, independente e livre, para propagar a abolição e a Republica. A morte ceifára alguns dos collegas que mais nos eram caros e os restantes se tinham ausentado, espalhando-se pelas escolas superiores de Pernambuco e da Bahia ou engajando-se no commercio do Pará e do Amazonas. O commandante Nascimento, o piloto heroico da nossa *Arca da Redempção*, na visita que me fizera no dia do desembarque, confessava-me que “a *caldeirinha da liberdade* do seu *Alcantara* raramente funcionava por falta de *combustivel*. Os escravos, concluíra elle, preferiam embrenhar-se nas matas a tentar fugas arriscadas pelo littoral.

Ao pisar a dôce terra natal, tambem eu não pude auscultar-lhe logo o coração magnanimo e bom. Tive de recolher-me ao lar onde minha Mãe, attingida de cruel enfermidade, não tardaria a entrar em dolorosa agonia que durou alguns mezes. Tornei-me dia e noite o seu enfermeiro; poucas occasiões tive durante o seu martyrologio de tomar parte nos comicios, promovidos pelo grupo da *Pacotilha*, como eram chamados Pedro Freire e seus collegas de redacção, ou nas reuniões publicas e secretas do *Centro Artistico Abolicionista Maranhense*. Neste gremio encontrei então um espirito superior e combativo em Antonio de Prazeres Freitas, o Ca-

ranquejo. Mestiço culto, honrado e corajoso, contabilista proecto e abalisado professor do vernáculo, era daquelles que não mediam consequencias nem perigos nas lutas asperrimas pelos direitos e pela liberdade de sua raça. Na *Gruta*, onde residio uns tempos, pequena e occulta habitação sita em uma das ribanceiras do Largo dos Remedios, conspiramos juntos e, com outros confrades, architectamos planos audaciosos contra o regimen negreiro.

A esse tempo, conseguira tambem Francisco Nina comprar uma pequena typographia e nella editar a *Gazeta do Povo*, que durou poucos mezes e na qual collaborei com aquelle novo batalhador da abolição. (*). Victor Castello, por seu turno, havia lançado em circulação *O Abolicionista* que teve tambem vida ephémERA. E, apesar de todas as perseguições soffridas, proseguia sem desfallecimentos com Sant'Anna Reis e outros operarios a campanha redemptora no seu Centro Artistico.

Fallecendo minha mãe tive novamente de voltar ao sul do paiz afim de prestar mais um acto do meu curso academico. Em dezembro, todavia, estava já de volta a S. Luiz. E, no dia 1.º de Janeiro do Novo Anno, no pedestal do *Pelourinho*, reencetava os meus comicios contra o regimen servil.

(*) Viveiros de Castro, no seu catalogo de jornaes maranhenses, parece ter-se equivocado, designando essa folha sob o nome — *A voz do Povo* Pode ser que sahisse outro periodico assim denominado. Eu não o conheci.

Essa rapida estadia no Rio de Janeiro e em S. Paulo trouxéra-me graves preocupações. Convencêra-me de que Cotegipe pouco se importava então com a propaganda abolicionista, deixando resvalar para um segundo plano o problema da libertação dos captivos. O que seriamente o alarmava era a *questão militar*. (**). E, em torno della e, principalmente, das figuras brilhantes de Pelotas e Deodoro tido como o herdeiro das glórias marciaes de Caxias, agitavam-se abolicionistas e republicanos.

Uns e outros, pouco confiantes no Direito, concentravam as suas esperanças na Força. Não se uniam porém; não conjugavam esforços; não se solidarizavam-na luta. Havia, é certo, abolicionistas republicanos e republicanos-abolicionistas, mas não eram em grande numero. A phalange activa dos anti-escravagistas o que queria, antes e acima de tudo, era a extincção do captivo. Os que aspiravam sómente derrubar a monarchia, não ousavam em geral incluir, conjugados nas suas plataformas eleitoraes e até nos seus programmas de propaganda, os dois maximos problemas do momento. Até á agitação dos quartéis e das escolas do exercito, não ha erro em dizer-se, até á phase sombria dos casos Cunha Mattos e Madureira, a acção dos republicanos mostrava-se puramente platónica. As eleições de Campos Salles, Prudente de Moraes e

(**) Vide o livro — *O Golpe de Estado* — actas e actos do Governo Lucena — por Dunshee de Abranches.

SECMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

Alvaro Botelho, fizeram-se pelos grandes reductos do escravismo em S. Paulo e em Minas como aviso ameaçador ao throno. E abolicionistas de um lado e republicanos de outro, acabaram formando dois grupos distinctos se bem que, de parte á parte repouzassem todas as suas esperanças e ambições nas classes armadas. Dahi absurdos e anomalias que se veriam mais tarde; Rebouças, republicano convicto, seguir como abolicionista e mestiço agradecido a familia imperial no exilio; Nabuco, liberal avançado e pregador da federação, manter-se firme nas suas crenças monarchicas; Paulino de Souza, Gomes de Castro, conservadores da *junta do coice* e escravocratas ferrenhos, adherirem desde a primeira hora á Republica.

Em Maranhão, onde os republicanos eram raros entre os homens feitos, não passando talvez de meia duzia, na qual se incluíam Souza Andrade, Satyro de Faria e o pharmaceutico Azevedo, fundador do periodico — *O Novo Brazil*, pois Paula Duarte só entrou na propagan-da em começos de 1889, póde affirmar-se, havia apenas abolicionistas puros ao raiar o anno de 1887.

Vivendo longe da Côrte, despercebidos do trabalho revolucionario de sapa feito nas guar-nições, especialmente nas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, a esses abolicionistas de mi-nha terra não moviam interesses facciosos nem ambições do poder; o que lhes empolgava os es-pirititos era unica e exclusivamente o ideal su-

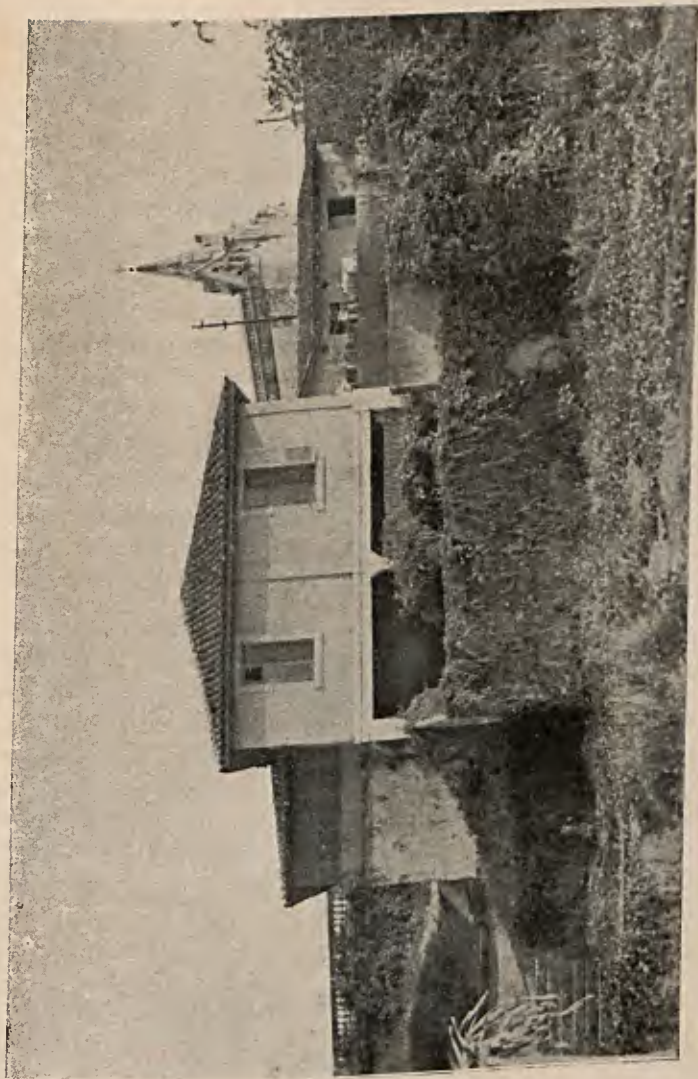
perior e nóbre de restituir os captivos á liberdade !

Ao recommear assim as minhas actividades com os meus companheiros de propaganda, notei com immensa tristeza uma depressão visivel e profunda nos animos daquelles que tinhamos tido sempre directa ou indirectamente por adversarios intransigentes e intolerantes. Os negreiros do Maranhão já não se me afiguravam os mesmos de dois annos passados; a impressão que tive era que estavam amollecidos, desencorajados, quasi indifferentes aos destinos que os aguardaria na hora em que fosse extincta para sempre a nefanda instituição que constituia por assim dizer o seu patrimonio sagrado e intangivel...

Um lavrador operoso e culto, senhor de um engenho de assucar e de fartos campos de criação, explicava-me em poucas e sensatas palavras o que me parecia um phenomeno social singular. João Gomes Tinoco era esse fazendeiro honrado que, amigo da minha familia, soubéra defender um dia com altivez e desassombro um dos nossos entes queridos, victima de atroz e sórdida campanha de diffamação. No seu conceito, a crise economica que vinha minando a agricultura maranhense accerca de cinco annos, precipitára-se ultimamente de um modo sombrio e aterrador. Abandonando a lavoura de algodão pela do assucar, vendendo para o sul os seus melhores escravos, comprando a credito custosos engenhos a vapor, empregando as suas melhores economias e até fundos de reserva em comprar

acções de companhias, que se vinham fundando em S. Luiz e outras cidades do interior sem terem os seus fundadores preparo technico algum e sendo alguns conhecidos como gananciosos e especuladores, os melhores e maiores productores do interior haviam cavado inconscientemente a sua propria ruina e, com esta, a da propria Provincia. Dahi engenhos fechados logo depois de construidos e outros mesmos antes de inaugurados; dahi a presença de muitos fazendeiros na capital com as familias em busca de novos meios de vida; dahi em não poucas fazendas os negros escravos abandonados e entregues quasi a si proprios e vivendo do que iam plantando até que as hypothecas feitas pelos senhores se vencessem, sendo estes difficilmente executados pelos seus inclementes credores de S. Luiz.

Gomes Tinoco se me apresentava, elle mesmo, como uma das victimas de tão triste catastrophe economico-social. A sua esposa e uma cunhada, proprietarias como elle de terras uberrimas e de bons e affectuosos escravos, que acabavam de libertar afim de tratarem da vida, tiveram de recolher-se á capital. Possuia duas filhas já moças e primorosamente educadas que nada teriam a lucrar mantendo-se na roça; e, além dellas, ainda muito tenros se achavam os seus ultimos filhos, dois gemeos, um dos quaes, Emilio Tinoco, agente do Lloyd Brasileiro, ha pouco desaparecido do numero dos vivos. E, concluia o meu dedicado amigo prophetisando o despovoamento proximo das lavras da provincia



A Gruta

e affirmando-me que a gente do interior só tinha um ideal absorvente: vir para S. Luiz e engajar-se nas fabricas ou nos serviços publicos.

Apezar de toda essa tristissima realidade, os meus ardores abolicionistas não arrefeceram. Aos meus companheiros de hontem entre os quaes nunca houve desfallecimentos, viéra juntar-se uma nova camada de jovens entre quinze e dezeseite annos, poetas e oradores, mostrando todos que a *Athenas Brasileira* intellectualmente não decahira nem poderia decahir. Antonio Lobo, Aluizio Porto, Manoel Miranda, Montrose, Mello Fernandes, Domingos Barboza, Arthur Lemos, Heraclito Ribeiro, Philadelpho Cunha e outros, iam tomando posição na vanguarda dos lidadores. Desse grupo de intellectuaes implumes, não tardariam a surgir os redactores d'*O Seculo*.

Francisco Nina, Prazeres de Freitas, Victor Castello, Sant'Anna Reis e eu, constituimos um comité secreto, que fundou o *Quilombo do Encantado* nas margens do Bacanga. Tratava-se de uma situação em abandono, ha longos annos, e assim consagrada pela credence popular que lhe creára a lenda. Dizia-se que, dentro das suas matas, havia ruinas de uma casa mal assomburada, e, desses escombros, partiam de quando em vez lamentos e ais das *almas penadas* dos que allí tão feios crimes haviam perpetrado.

Desconfiando de que, nesse sitio, houvesse escravos acoutados, Prazeres de Freitas mandou um negro de sua confiança vêr se os descobria;

e este voltou dizendo não têr ali encontrado vestigio algum de sêres humanos se bem que a casa ainda estivesse de pé.

Na madrugada de 28 de Setembro de 1887, organisamos uma pequena caravana e fomos examinar os matagaes desertos do *Encantado*, onde a pouco e pouco localisamos alguns dos escravos fugidos que viviam acoutados no sitio de meu Pae e em casêbres da *Baixinha*, suburbio infecto de S. Luiz e poderiam sêr de um momento para outro capturados. Era que o grupo conservador *castrista*, então dominante na provincia, collocára á frente da Policia um magistrado energico e próbo, mas desabusado nos meios de repressão. Por causa de um medicamento de que, na época, se faziam espalhafatosos annuncios, os membros daquella facção escravocrata eram ridicularisados pela alcunha de *Cajurubéba*; o que bastante os irritava. E certos epigramas, inspirados nesse cognome, já tinham dado ensejo a violencias policiaes.

Nessa tarde em que, a proposito de commemorar a data da lei do *ventre livre*, fizéramos um dos nossos comicios contra o ministerio negreiro, eu commettêra a imprudencia de iniciar o meu discurso com a phrase, reputada logo sediciosa — *Salve! quilombos libertadores!* Um subdelegado interveio brutalmente começando a dissolver a reunião a pranchadas. E o resultado foi a turba percorrer as ruas da vizinhança em grande assuada e dando morras ao *Partido Cajurubéba*.

Houve então ligeiros conflictos; e, pela primeira vez em S. Luiz, viam-se cadetes e inferiores do exercito misturados a populares manifestando-se abertamente contra a escravidão. E, entre os amotinados, houve até quem affirmasse estar um filho do commandante da guarnição:...

A cidade vivêra umas horas de panico. E, á noite, reunidos os cabeças do tumulto para commentarmos os successos, dizia-nos Prazeres de Freitas, que acabava de visitar alguns dos feridos:

— Agora, sim, estou satisfeito. Os maranhenses tiraram enfim o pé da lama. Já tivemos o nosso baptismo de sangue!

SECMA - BIBLIOTECA PÚBLICA
Benedito Leite

A REDEMPÇÃO

A 28 de Abril de 1888, assumia a presidencia do Maranhão o Dr. José Moreira Alves da Silva, delegado do Gabinete João Alfredo.

A quêda do Ministerio Cotegepe abatêra fundamente as classes conservadoras da Provincia. Empobrecidos, endividados, sem força moral para conter a deserção crescente dos seus escravos, alguns mesmos sem recursos para occorrer ás despezas immediatas das suas plantações, os agricultores haviam concentrado todas as esperanças em que, abolindo a escravatura, o parlamento do Imperio lhes dêsse uma indemnisação compensadora e lhes garantisse creditos ruraes capazes de salvar-os da fallencia. A' crise economica, juntára-se a escassez quasi absoluta de transportes. Os productos apodreciam nas margens dos grandes rios sem que, mezes e mezes, surgisse uma embarcação para conduzi-los aos mercados da capital...

O grupo escravista, até então dominante, mostrava-se também succumbido e desalentado. Dias antes da posse do novo Presidente, commemorára-se em um imponente comicio a data do supplicio de *Tiradentes*. Por entre discursos e vivas subversivos, os manifestantes em grupo irrequieto e aggressivo, percorreram as ruas e alguns exaltados apedrejaram o palacete do chefe conservador, o conselheiro Gomes de Castro, então ausente na Côrte. E a policia, ao contrario do que procedêra em casos anteriores, cruzára os braços fingindo não ter tido sciencia de tão reprovavel attentado.

Felizmente, para as tradições de cultura e civilisação do povo maranhense, o Presidente Moreira Alves se impuzêra desde logo á confiança de todas as classes pelo seu genio democratico e trato affavel e lhano, e pela sympathia que irradiava a sua bella figura de homem de talento e de sociedade. Fazendo passeios diarios á pé pela cidade e percorrendo os suburbios a cavallo, madrugador sempre e sempre disposto a receber com bondade os que o procuravam, os seus actos moderados, reflectidos e justos, creáram-lhe em poucos dias um largo circulo de amigos e admiradores sinceros. A facção conservadora que, na provincia, apoiava o ministerio João Alfredo, era selecta, mas diminuta, tendo por chefes o Dr. Silva Maya e o conselheiro Vieira da Silva, que occupava a pasta da Marinha. Não dispondo assim de correligionarios numerosos a attender, poude Moreira Alves encetar

uma administração inteligente, sensata e reparadora.

Foi assim em um ambiente de profunda depressão moral das classes productoras e de salutar desafogo para os que até alli tinham vivido asphyxiados pelas cruezas e perseguições da baixa politica de campanario, que o Maranhão acompanhou de longe, mas ancioso, febricitante, e enlevado no mais puro e ardente patriotismo, o desenrolar dos portentosos successos que antecederam á decretação da *lei aurea* de 13 de Maio!

Durante tres dias e tres noites a população escrava e, com ella, o grupo de abolicionistas de S. Luiz, não dormiram.

“Ás explosões ruidosas dos enthusiasmos dos defensores impeterritos da grande causa, escrevia eu logo depois tentando apanhar para a Historia o flagrante dessa hora memoravel, vinham juntar-se as expansões ruidosas da immensa massa dos libertos que, abandonando de chofre as casas dos senhores, se haviam lançado nas ruas em irreprimiveis e tumultuarias manifestações de jubilo.

“A alvorada do dia da Liberdade irrompêra radiante e limpida. Céu azul, sem nuvens. O sól marcára todas as horas dessa jornada gloriosa. Canticos, risos, gritos alegres por toda a parte. Desde cedo, engalanára-se subitamente a cidade. As calçadas ficaram cobertas de flôres e folhagens. Os redimidos surgiam de cada canto em grupos alacres; carregavam braçadas de

ramos e de palmas; e engrinaldavam-se tambem julgando-se os verdadeiros heróes desse prélio momentoso.”

Coubera-me a honra de annunciar, em nome do Governo da Provincia, em imponente comicio no Largo de Palacio, a grande nova ao povo maranhense. Carregado nos braços generosos de alguns ex-escravizados, tivéra de pronunciar naquella tarde quatorze discursos seguidos até chegar o immenso prestito á frente do quartel da força publica afim de convidar o exercito a se incorporar ás festas que, desde aquelle instante, não cessaram mais durante alguns dias.

Á noite, a agitação popular recrudescêra. No salão nobre da Camara Municipal, durante a sessão solemne em que, pelos elementos officiaes, fôra commemorado o grandioso acontecimento, eu tivéra de replicar a Manoel de Bettencourt, o mestre querido de nós todos, os estudantes de então. Glorificando a Princeza Redemptora em versos épicos, candentes, de belleza admiravel de fórma, elle sarcasticamente alludira á acção no momento dos republicanos. Se a escravidão era a *Bastilha*, como viviamos a proclamar, indagava assim á gratidão nacional se, de facto, para o Brazil, “hoje era 89; e amanhã?...93?”

A minha resposta, ardorosa e brusca, fôra inconveniente na occasião. A solemnidade, além de official, era caracteristicamente monarchica. Os nomes do Imperador e da Princeza Regente saltavam de todos os labios nas acclamações mais sinceras de alegria e reconhecimento. Felizmen-

te, Moreira Alves, que dirigia a sessão como Presidente da Provincia, espirito superior, brilhante e democratico, perdoára com um sorriso bondoso os arrebatamentos da minha juventude. Tivéra mesmo a gentileza de comprimentar-me após a reunião lamentando apenas que as minhas palavras houvessem provocado, fóra do edificio, um ligeiro conflicto entre estudantes e populares mais exaltados.

A nós outros, porém, que, na classe academica, já nos reputavamos propagandistas da Republica, o incidente havido afigurou-se-nos logo exigir um immediato e significativo desagravo.

No dia seguinte, após a offerta da penna de ouro, feita por mim em Palacio, como orador official do Centro Artistico Abolicionista Maranhense, ao presidente da Provincia, afim de assignar os communicados da decretação da lei redemptora aos municipios do interior, realisava-se no Theatro S. Luiz o festival academico.

Em nome dos preparatorianos, Paula Duarte proferira um dos discursos mais notaveis de sua incomparavel oratória. Á cada phrase do eloquente tribuno, camarotes, platéa e galerias vibravam nas mais freneticas e entusiasticas ovações. Depois d'elle, tive de fallar por minha vez pelos collegas das escolas superiores, alli presentes.

De subito, eis que surge no palco, approximando-se da ribalta e interrompendo o programma da sessão, presidida pela primeira autoridade da provincia, um jovem de dezeseis annos in-

completos. Era Aluizio Porto que estreitava na tribuna popular recitando em voz doce, sonóra e cálida, uns versos patrioticos de sua lavra. Seguia-se Antonio Lobo que, pela primeira vez, falava perante um grande publico, levantando uma onda de applausos enthusiasticos. E, dentro e fóra do theatro, outros oradores electricisavam a multidão. Victor Castello, Mello Fernandes, Manoel Miranda, Montrose, Pacifico Bessa, Fernando Perdigão, Philadelpho Cunha, Licinio Tavares e outros, e outros muitos, faziam parar a cada instanté o prestito libertador saudando o advento da nova éra nacional. E as festas duraram mais de uma semana sempre no mesmo rythmo jubiloso e pacifico, confraternisados todos os corações no mesmo sentimento abnegado e nobre.

Aproveu, entrementes, a Moreira Alves offercer-me em Palacio um almoço intimo em agradecimento ás palavras com que o havia saudado em nome dos libertos. Como requinte de gentileza, convidou mesmo para essa generosa homenagem um grupo de amigos pessoases para que assistissimos todos á assignatura com a penna de ouro, da qual eu fóra o offertante, da sua primeira portaria aos municipios annunciando a decretação da *Lei Aurea*.

Ao entrar no salão de visitas, uma jovem de vinte annos aproxima-se de mim, abraçando-me e conduzindo-me á presença do presidente da Provincia: "Aqui tem, Dr. Moreira Alves, disse-lhe sorrindo alegremente, um dos heróes do dia;

já era abolicionista e revolucionario aos onze annos de idade; e, por signal, escapou por isso de um forte puxão de orelhas da Mamãe." Era a filha mais moça do Commendador Casuza Lopes, a minha bôa companheira de infancia, naquella hora noiva do commandante Barros Barreto, parente proximo do Presidente. E, de novo, lá veio á baila a velha historia familiar dos meus *morras* á escravidão, á monarchia e ao senador Nunes Gonçalves...

Ao regressar horas depois á minha residencia da Praça da Alegria, com o coração e o cerebro abalados por tantas e tão variegadas emoções e fatigados por mais de tres dias de festas, pensava offerecer ás minhas tias e irmães, meus anjos tutelares, um ramo de flores, presente da nobre esposa do Dr. Moreire Alves. Estas, todavia, me aguardavam dolorosamente entristecidas. Acabavam de voltar da casa da Amelia, a dedicada e valorosa filha da minha *Mãe Preta* que fallecêra pela madrugada e, nessa tarde mesmo, deveria ser sepultada...

Corri ao velho sobradinho, no qual a famosa *Princeza da Calçada do Açogue*, labutára tanto para acumular vintem por vintem o preço da alforria de sua querida e generosa progenitora e era então de sua propriedade. Beije as mãos callejadas e frias daquella escrava bemfaseja que ternamente me aleitára e criára ainda bondosamente os filhos e sobrinhos dos seus senhores. E, durante o longo percurso do pequeno prestito funebre até ao *Cemiterio do Gavião*,

feito a pé, como era uso da terra, por umas ruas e ladeiras mal calçadas que davam acesso á de S. Pantaleão, borbulhavam-me na memoria as reminiscencias: A scena dolorosa na casa da D. Evarinta Serra negando-se a receber o resgate pela libertação de *M'ama*. A figura heretica do senador Nunes Gonçalves, juiz e liberal adiantado, não reagindo contra tão brutal attitude. Os meus gritos sediciosos, aos onze annos de idade, erguidos contra os partidarios do Ministerio Sinimbú” da saccada do Collegio N. S. da Gloria. Os castigos soffridos por esse rancor precóce contra os negreiros. O regresso da filha abnegada e audaciosa, trazendo, afinal, do Rio a carta de alforria de sua mãe. Os meus planos infantis de jornaes e romances contra o captiveiro. As lições de civismo e altivez bebidas nas cartas de minha Avó ao *Velho Censor*. As minhas visitas a D. Emilia Branco, á sombra de cujos infortunios conheci paginas pungentes da historia da escravidão e da vida social de minha terra. O apogêo e a decadencia da *Athenas Brasileira*. Os sonhos de liberdade e de amor patriotico da juventude maranhense do meu tempo, á qual tive a gloria de pertencer. Os meus ideiaes purissimos de abolicionista e de republicano. A ancia de conhecer e de ouvir de perto os grandes chefes da propaganda contra o captiveiro e contra a monarchia. As amarguras e decepções soffridas na viagem pelas costas do Brazil. A *Nigricia* ao Norte, o *Inferno Verde* ao Sul. As horas de desanimo, de desespero e de revolta. Os ru-

mores e as ameaças surdas dos quartéis. A agonia das lavouras e o exodo das senzalas. As ultimas horas do captiveiro no Imperio. O meu jubilo civico, enfim, no dia da Redempção, perturbado sombriamente por aquelle quadro final da vida humana, diante do qual nada valem sonhos, ambições, vaidades e glorias deste baixo mundo...

Chegavamos, entrementes, ao legendario *Sítio do Gavião*. Só quem conhece aquelle recanto solitario de S. Luiz, posto sobre a ribanceira, onde repousa a velha necrópole da cidade, embalada dia e noite pelo ciciar monótono das cauarinas seculares, póde avaliar bem o que então soffri. As almas precisam de quando em vez das lições da Morte. E a que alli recebi, servio-me de salutar aviso.

Lembrei-me de que fôra a crúa sorte daquella misera captiva, privando o filho recém-nascido do seu leite puro e são para dal-o generosamente a mim, um intruso, que me fizera brotar no coração agradecido esse meu amôr pela liberdade e pela justiça, amôr que jamais arrefeceu e até hoje ha resistido a todos os embates da existencia. E, sobre a campa humilde da minha *Mãe-preta*, que tanto me amára, tanto... desfolhei as rosas que acabava de receber em Palacio como louros da Victoria...

FIM

INDICE

	PÁGS.
I — A minha Mãe Preta	9
II — Desabafo	17
III — O Castigo	23
IV — Thesouro de familia	29
V — Os horrores da escravidão	31
VI — Os mercados de carne humana	37
VII — A mulher maranhense e a escravidão	43
VIII — Preconceitos de raça	49
IX — O Pelourinho, o tronco e a força	53
X — O instincto de liberdade e o odio ao branco	61
XI — Os escravos e a Independencia	67
XII — Marotos e calhambólas	71
XIII — D. Anna Jansen	77
XIV — A Balaiada	87
XV — A morte do cangaço	95
XVI — D. Emilia Branco	103
XVII — Semeadora de Luzes	107
XVIII — O Collegio N. S. da Gloria	173
XIX — A renascença maranhense	117
XX — A Athenas Brasileira	127
XXI — Amôres e tragedias dos eitos	133
XXII — O captiveiro das brancas	145
XXIII — O grito das senzalas	155

XXIV	— Vingança da Mãe Preta	163
XXV	— A libertação do Ceará	169
XXVI	— O Centro Artístico Abolicionista Ma- ranhense	177
XXVII	— Acção revolucionária	187
XXVIII	— Para as plagas do Sul	201
XXIX	— No coração do Brazil	209
XXX	— O Inferno Verde	221
XXXI	— Baptismo de Sangue	231
XXXII	— A redempção	243

